

Maio - Dezembro 1984 - Ed. Dezembro 1984

End.: Caixa Postal nº 16.017 - Correo do Largo do Machado

CEP. 22.222 - Rio de Janeiro (RJ) - Brasil



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ
16 ABR 1985
BIBLIOTECA DO SETOR
DE CIÊNCIAS EXATAS

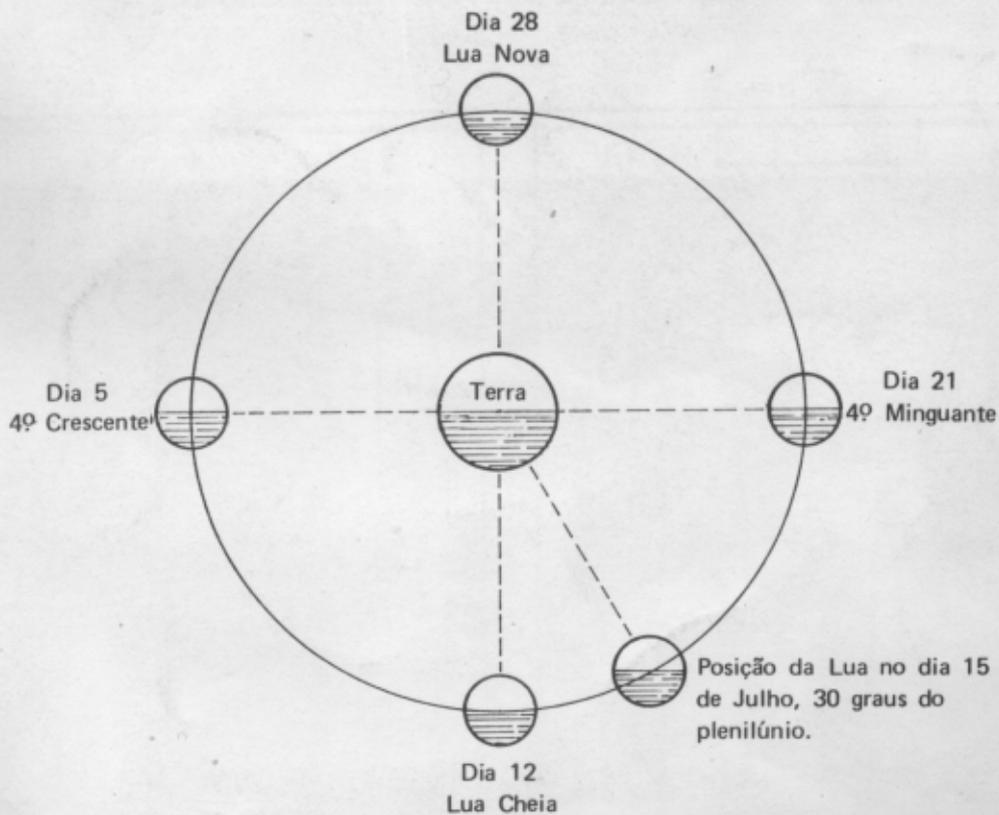
TÁBUA 1

POSIÇÕES DA LUA NO MÊS DE JULHO DE 1984

Pesquisa: Ney Máriel Pires



Na figura ao lado, uma representação de como a Terra teria sido vista da Lua por Antonio Carlos, no dia 15 de Julho de 1984. Apenas uma estreita feixa estaria iluminada.



Mirassol, 18 de Outubro de 1984

TÁBUA 4

Fig. 1 - A família Matiel Pires, da esquerda para a direita, o filho Edson, o pai Ney, o filho Lourney, a esposa Maria de Lourdes.



Fig. 2 - O pesquisador mineiro Prof. Hívio Brant Aleixo, em facsímile de retrato publicado pelo jornal Diário de Minas - Belo Horizonte - 01/07/84.



Professor Hívio Brant Aleixo: "Os Extras-terrestres possuem poderes parapsicológicos"

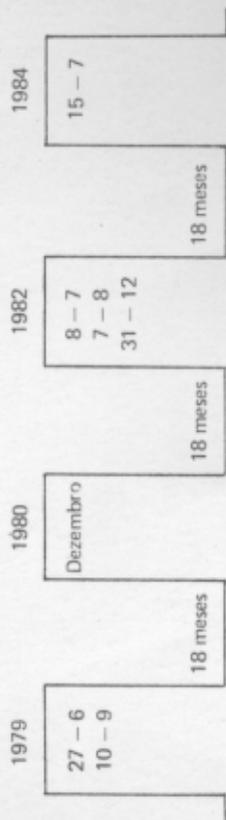


Fig. 3 - Foto nº 16-19238, da NASA, feita durante vôo da Apollo 16. UFO em forma de charuto, visto sobre a superfície lunar. Do livro "Alien Bases on the Moon" (ref. 385-B), com permissão do autor Fred Steckling.

TÁBUA 2

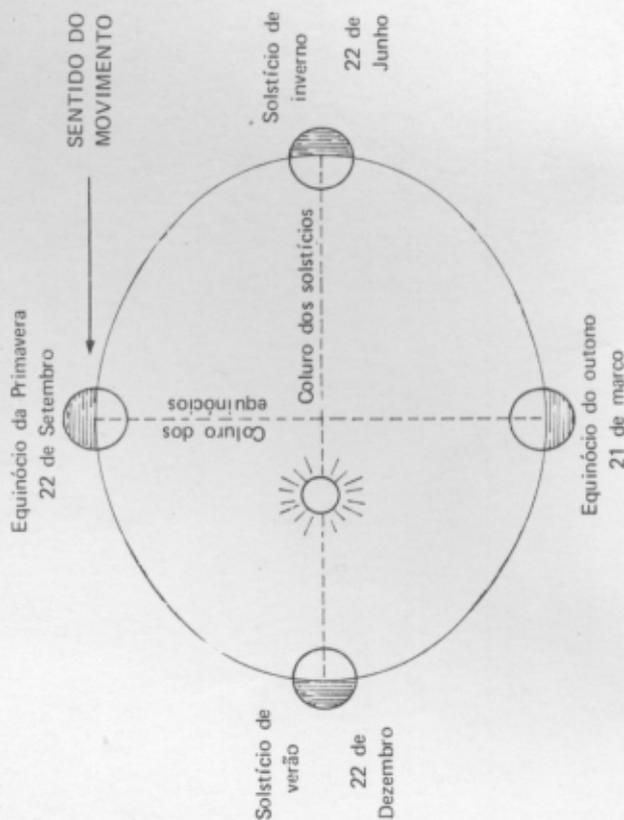
PERÍODO CÍCLICO NOS CONTATOS DE ANTONIO CARLOS FERREIRA

Pesquisa: Ney Matiel Pires

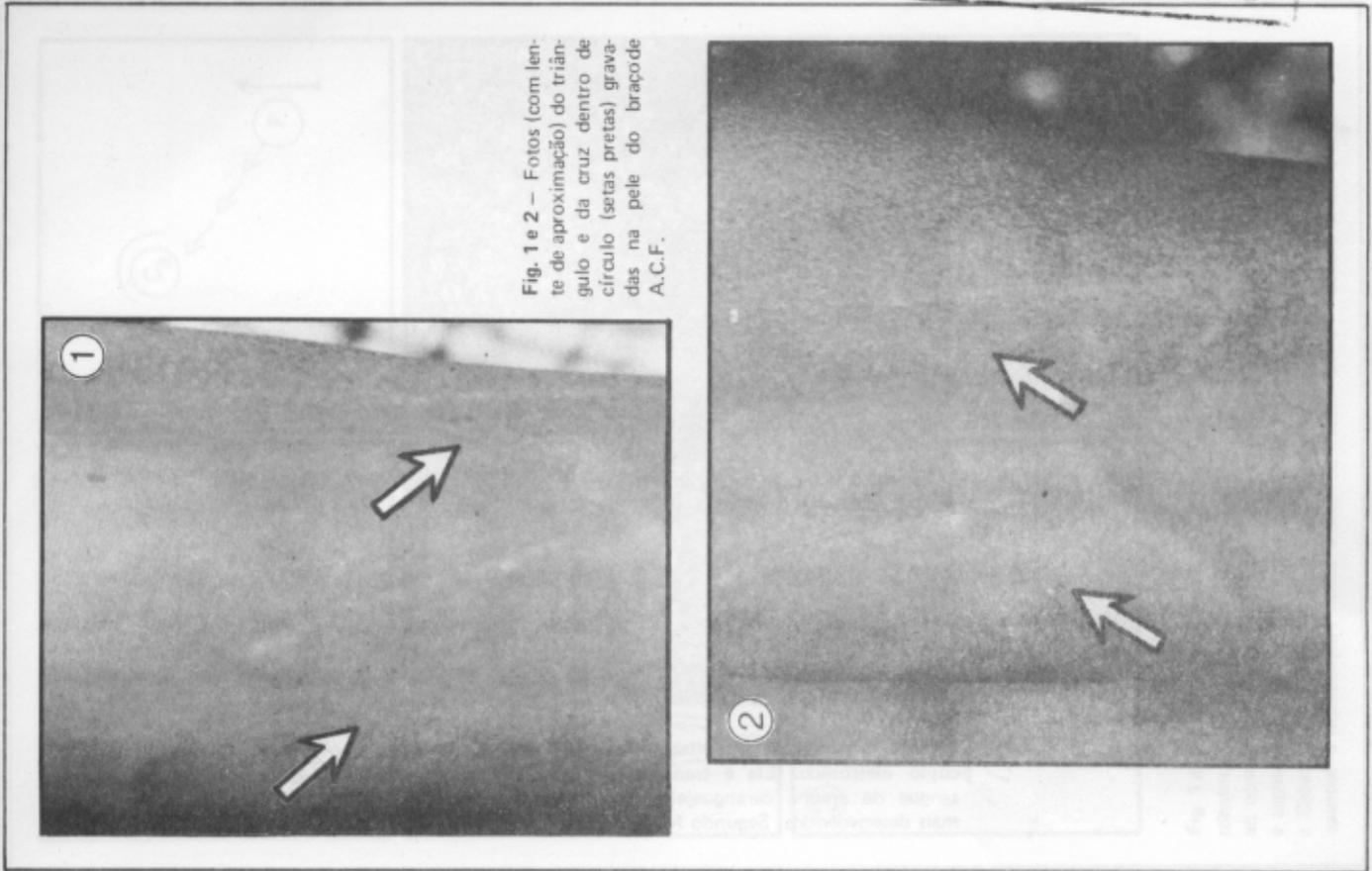


Entre as datas dos anos em que se deram os contatos de Antonio Carlos, há sempre um intervalo de 18 meses. Todos os contatos ocorreram nos meses de Junho a Dezembro e jamais de Dezembro a Junho. Em relação ao sol, todos ocorreram com a terra voltada sempre para o mesmo hemisfério celeste.

TÁBUA 3



TÁBUA 6



CIPEX e GENA
2004

TÁBUA 5



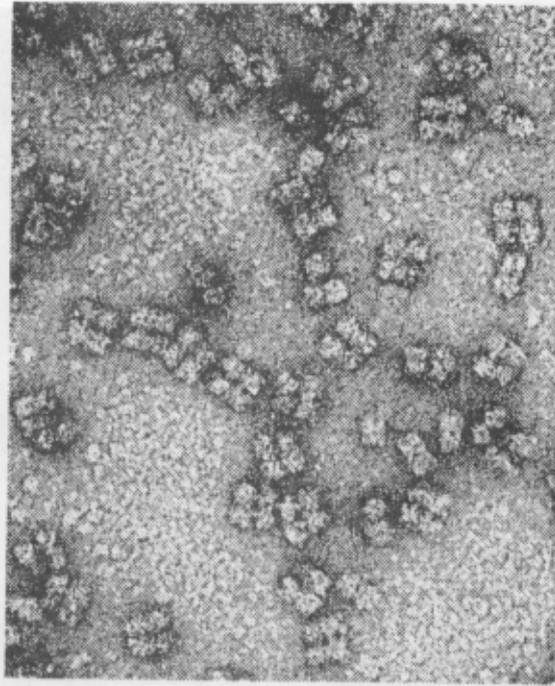


Fig. ME — Molécula da hemocianina, em foto ao microscópio eletrônico. Ela é transportadora do oxigênio no sangue da aranha caranguejeira e de alguns caranguejos mais desenvolvidos. Segundo Neue Zürcher Zeit de 6/6/84.

CIPEX e GENA
2004

TÁBUA 8



Fig. 1 e 2 — Cabalá, a extraterrestre. Em 1 — "Retrato falado" feito por Vilma Bühler. Em 2 — O encontro, segundo croquis feito por Tasca.

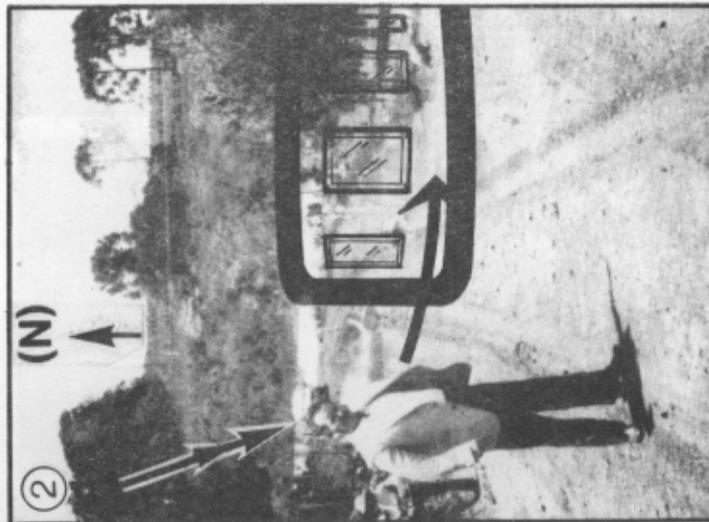
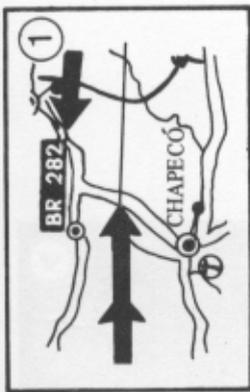


Fig. 1 e 2 -- Local da captura de Tasca. Fig. 1 -- Trecho de mapa indicando o local da captura (seta dupla) e o do reaparecimento (seta simples) de Tasca. Fig. 2 -- Fotomontagem, com seta dupla apontando o carro de Tasca (no fundo), encostado. Setas simples e Tasca apontando para fotomontagem do UFO. Fig. 3 -- O UFO, com esteira luminosa, desenhado por Tasca.

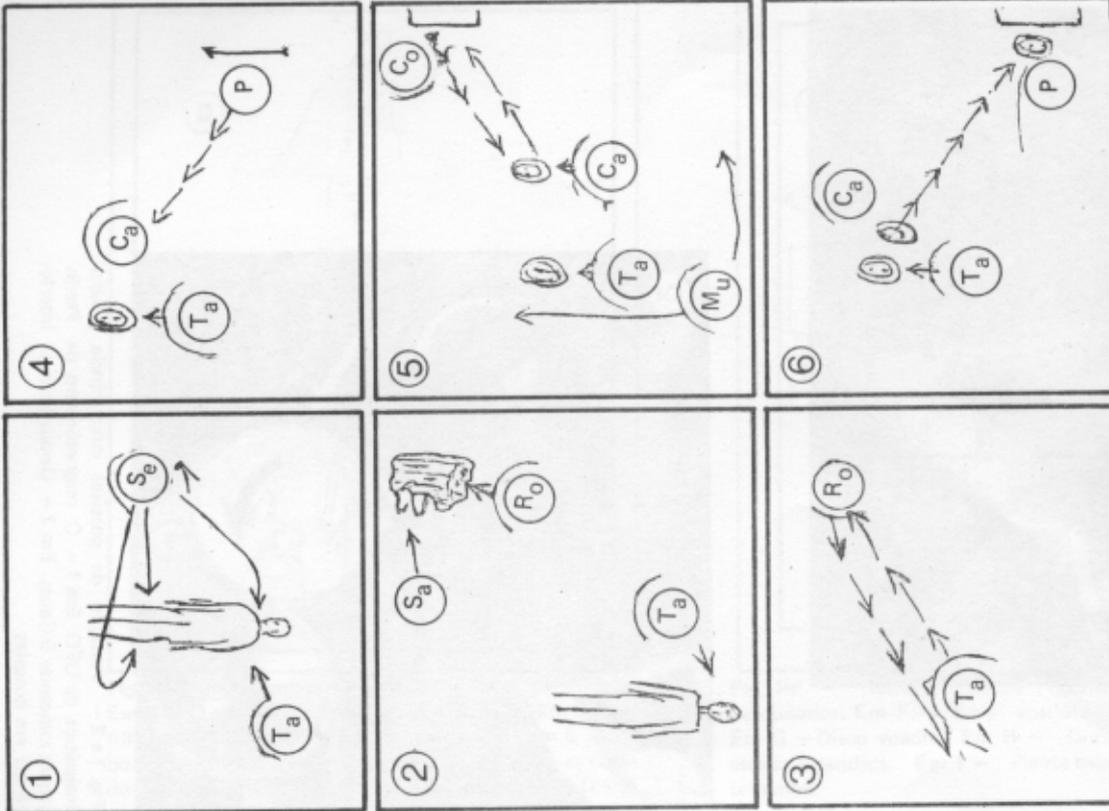
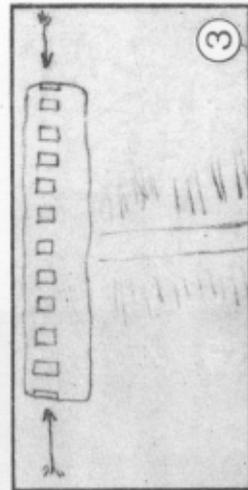
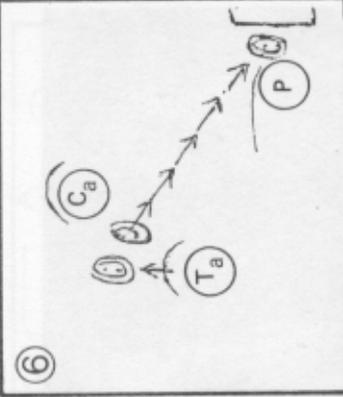
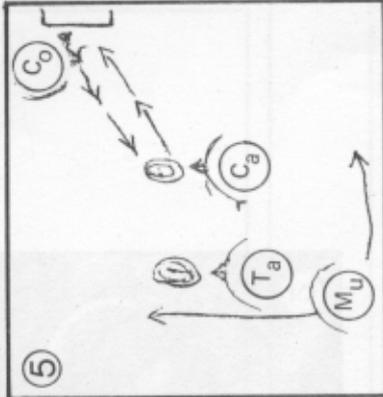
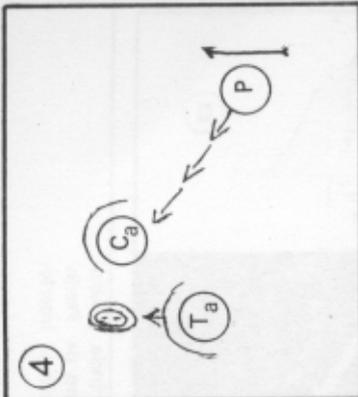
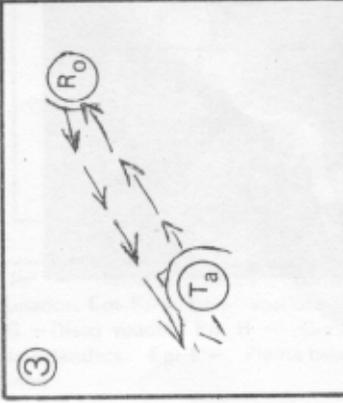
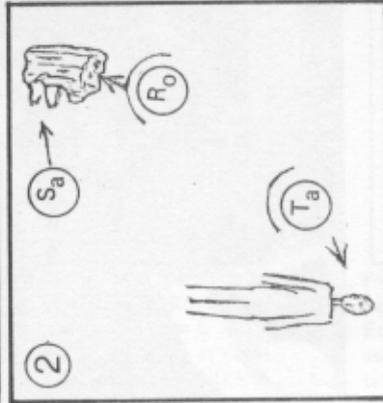
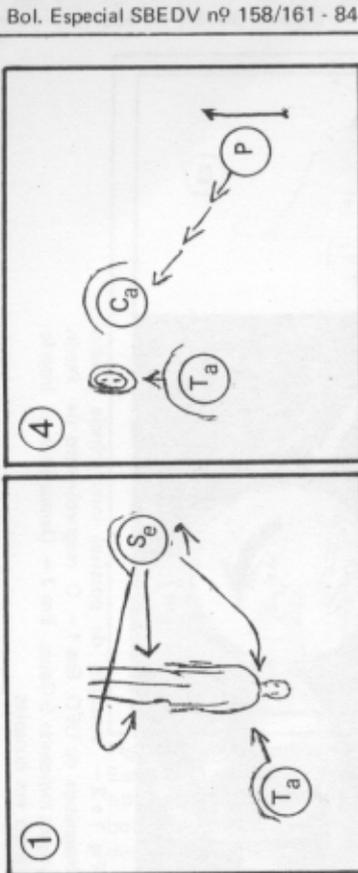


Fig. 1 a 6 -- Croquis feitos por Tasca (Ta), mostrando em quadrinhos os acontecimentos no UFO. Em 1 -- Apontando os locais que os seres pequenos (Se) tocaram ao conduzirem Tasca. Em 2 -- Com a sala iluminada, Tasca descobre suas roupas (Ro) e sapatos (Sa), amontoados. Em 3 -- Tasca veste-se. Em 4 -- Uma porta (P) abre-se e Cabalá (Ca) entra. Em 5 -- Tasca ouve música (Mu) e Cabalá vai à console (Co) apanhar o líquido para matar a síde de Tasca. Em 6 -- Cabalá deixa a sala.



TÁBUA 12

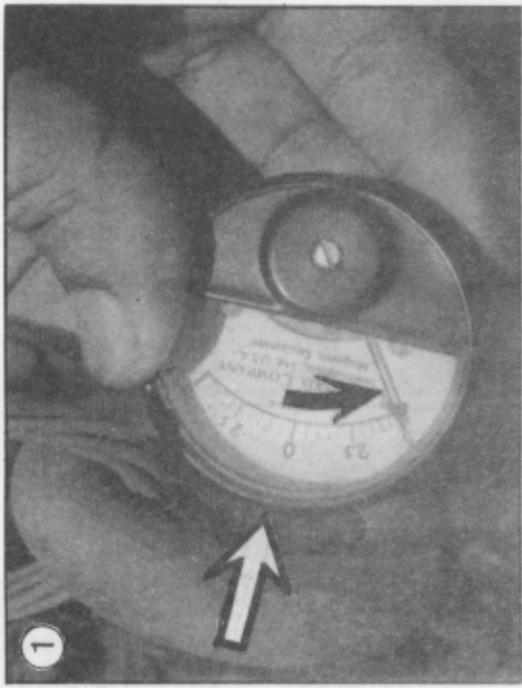


Fig. 1 e 2 - Vestígios da possível interferência eletromagnética do UFO. Em 1 - O magnetômetro de Perrin-jacket indicando 5 Gauss. Em 2 - Demonstrando interferência em bússolas.

CIPEX e GENA
2004

TÁBUA 11

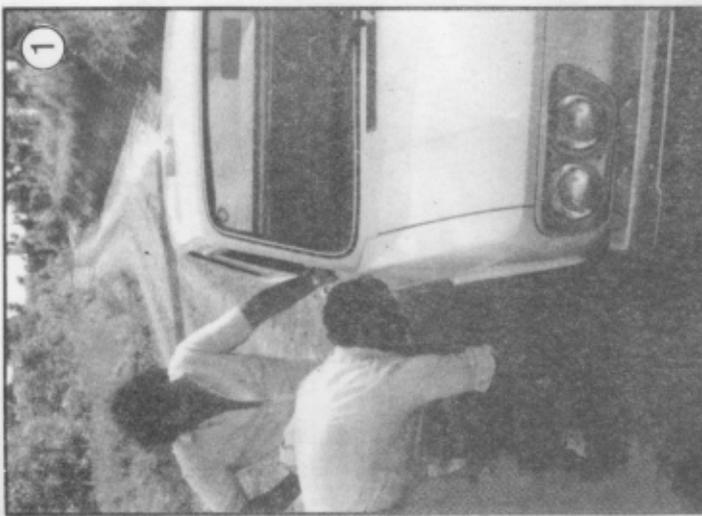


Fig. 1 - Tasca, pai e filho, curiosos, testam (com medidor) magnetismo do carro. Fig. 2 e 4 - Fotos das marcas na pele da testemunha. Em 2 - Feita pelos médicos atendentes. Em 3 e 4 - Feitas pelo pesquisador, 50 dias após o evento, a de nº 4 tendo sido tomada com lente de aproximação.



Fig. 1 - Tasca, pai e filho, curiosos, testam (com medidor) magnetismo do carro.

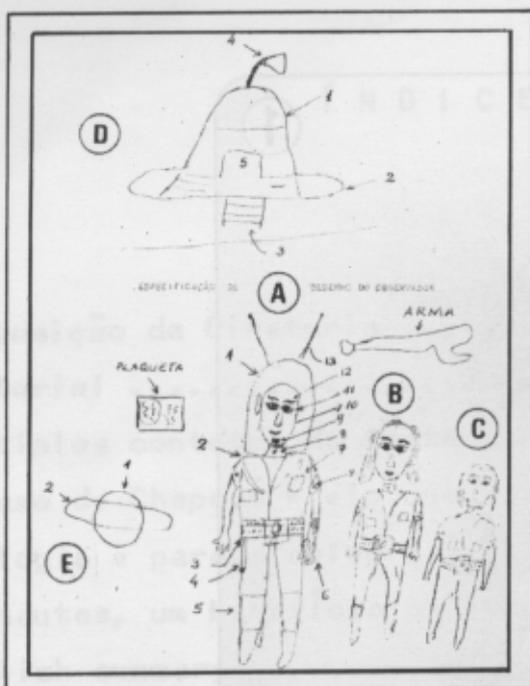


Fig. DCT - Desenhos confeccionados pela testemunha. Em A - O ufonauta. Em B - A ufonauta. Em C - O filho de ambos. Em D - O disco voador. Em E - A bola voadora exploradora (leia no texto quais as côres dos objetos) conforme notícia vinculada pelo "Diário de Minas" - Belo Horizonte - 01.07.84.

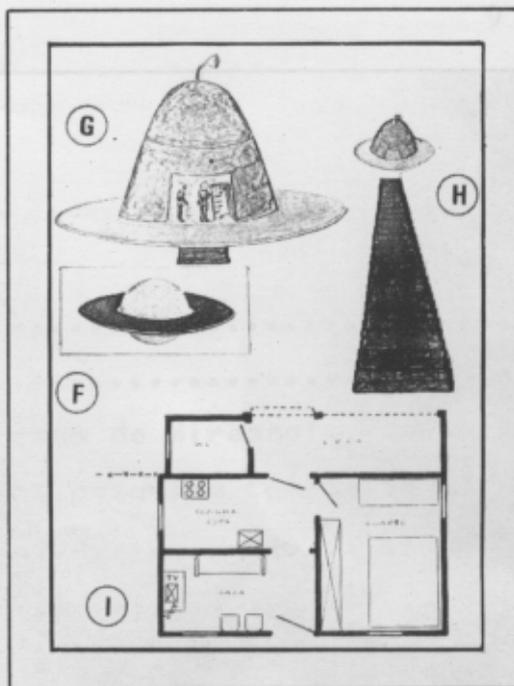
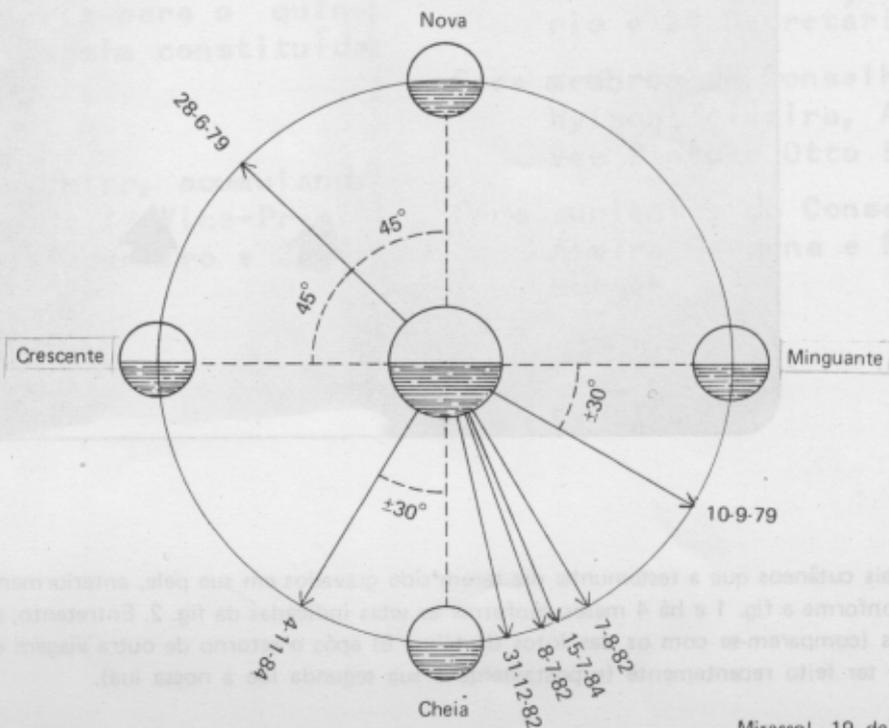


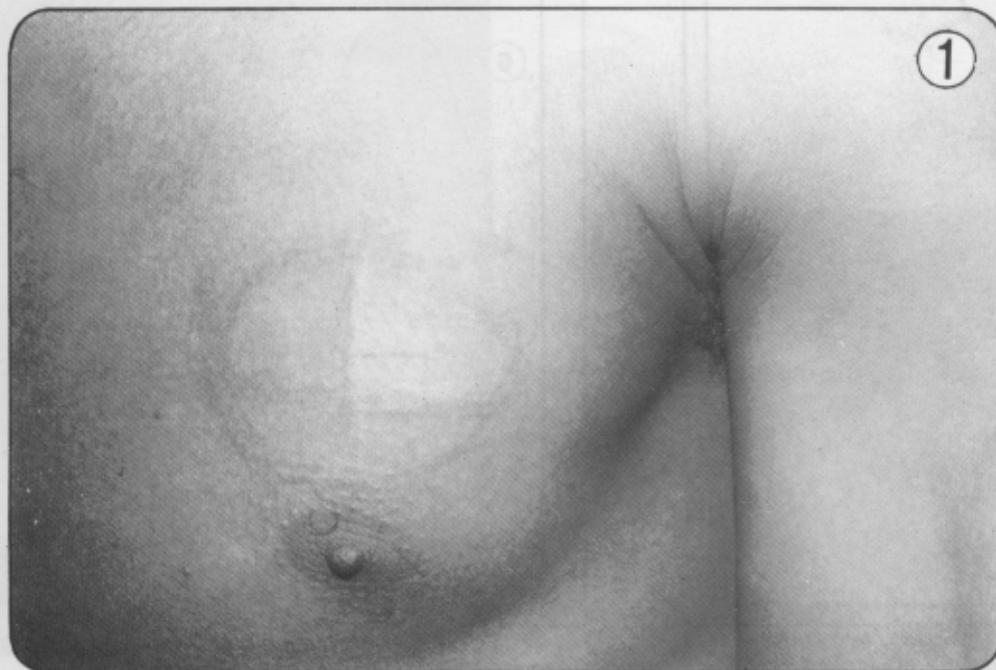
Fig. RP - "Retratos falados", confeccionados pelo pesquisador. Em F - Bola voadora de exploração. Em G - Disco voador. Em H - Disco voador com escada estendida. Em I - Planta baixa da casa da testemunha.

CIPEX e GENA
2004

TÁBUA 14

POSIÇÕES DA LUÁ NAS DATAS DOS CONTATOS





CIPEX e GENA
2004

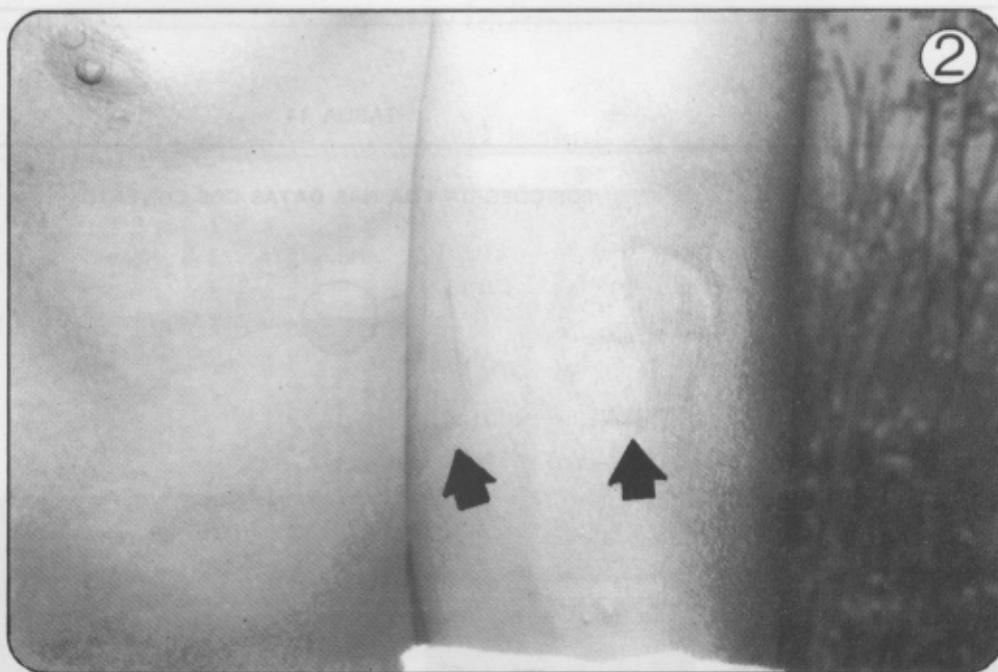


Fig. 1 e 2 - Sinais cutâneos que a testemunha diz terem sido gravados em sua pele, anteriormente, pelos ufonautas. Há 22,5 meses conforme a fig. 1 e há 4 meses conforme as setas indicadas da fig. 2. Entretanto, os sinais tornaram-se bem mais visíveis (comparem-se com os das fotos da tábua 6) após o retorno de outra viagem extraterrestre que a testemunha disse ter feito recentemente (supostamente a sua segunda ida à nossa lua).

ÍNDICE

- 1 - Composição da Diretoria 9
- 2 - Editorial 10-13
- 3 - Múltiplos contatos da testemunha do caso de Mirassol..... 14-54
- 4 - O caso de Chapecó - elo que faltava na pesquisa (parte II).. 55-71
- 5 - Ufologia e parapsicologia 72-77
- 6 - Ufonautas, um benefício ou um perigo? 78-83
- 7 - English summary 84

CIPEX e GENA
2004

I - COMPOSIÇÃO DA DIRETORIA

De acordo com a Assembléia da Sociedade convocada para o dia 13 de fevereiro de 1982 foi eleita a nova Diretoria para o quinquênio 1982/86, assim constituída:

Para Presidente:

Walter K. Buhler, acumulando as funções de 1º Vice-Presidente, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro.

Para 2º Vice-Presidente:

Guilherme Pereira, acumulando as funções de 1º Secretário e 2º Secretário.

Para membros do Conselho Fiscal:

Wylson Teixeira, Amanda Alves Pinto e Otto Erwin Gluck.

Para suplentes do Conselho Fiscal:

Almiro Baraúna e Francisco Sá Borges.

CIPEX e GENA
2004

2 EDITORIAL

A edição "Especial" da SBEDV (Sociedade Brasileira de Estudo sobre Discos Voadores) tem a finalidade de proporcionar atualização, no assunto extraterrestre, ao setor ufológico brasileiro interessado.

Para atender a esta finalidade, foram selecionados três casos pesquisados de contatos, mantidos entre o ufonauta extraterrestre e pessoa terrestre. Esta última, é a chamada "testemunha de contato".

Esses três casos ocorreram em cidades distintas. Um foi na cidade de Mirassol, situada no norte do Estado de São Paulo. O outro, na cidade de Chapecó, no Estado de Santa Catarina e o terceiro, ocorreu no bairro "Joaquim Murtinho", da cidade mineira de Congonhas do Campo.

Os casos em pauta foram pesquisados por três entidades ufológicas distintas. O caso de Mirassol pelo casal de professores Ney Matiel Pires e Maria de Lourdes, juntamente com seus filhos. O caso de Chapecó, a SBEDV, sediada no Rio de Janeiro. E o terceiro por Húlvio Brant Aleixo, professor de psicologia e Presidente da CICOANI, sediada em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.

A família Matiel Pires, acompanhou e documentou o caso de Mirassol ao longo de 5 anos. (Tábuas 4 e 5).

O caso engloba vários contatos com grupo de extraterrestres, compondo-se de duas, mais tarde de três raças.

A testemunha A.C.F., (Antônio Carlos Ferreira), operário, semi-analfabeto, desde 1979 manteve vários contatos com os extraterrestres. De alguns desses contatos, ele tinha vaga lembrança; outros estavam envoltos por amnésia (perda da memória). Esses felizmente, a pesquisa pelo grupo ufológico local, consegue contornar, através da regressão da testemunha em sono hipnótico, ao episódio ufológico. Ao longo desses 5 anos foram processadas na testemunha umas 5 regressões hipnóticas.

No ano de 1984, no mês de julho, os contatos da testemunha A.C.F. culminaram com espetacular viagem à base extraterrestre. Esta base, como tudo faz crer, está situada na lua terrestre ou em astro de aspecto muito semelhante, já que a NASA, até hoje, sempre tem desmentido a realidade de atividade extraterrestre na lua terrestre (1) (Fred Steckling). Entretanto tudo isso só veio à tona após interrogatório da testemunha em sono hipnótico, já que o episódio ufológico estava soterrado por hiato de amnésia, lacunas da memória. (Veja tábuas 4, fig. 3).

Assim a quinta regressão da testemunha, com referência a esta excursão, forneceu, então, várias peças para o jogo de "quebra-cabeça" extraterrestre. Também, conseguiu-se interpretar melhor, trechos de regressões de contatos anteriores, a espera de explicações mais pormenorizadas.

Ainda nesse contato com os extraterrestres a testemunha foi, mais uma vez, apresentada à sua filha extraterrestre. Desta vez, A.C.F., a testemunha, por ser pai demonstrou vivo interesse pela filha que chegara a reencontrar. Ela, morfologicamente é diferente do pai em pequenos traços, porém muito inteligente, conforme parece à testemunha.

Cabe esclarecer, que A.C.F., a testemunha, logo no primeiro sequestro pelos ufonautas, no ano de 1979, quando de noite, estava ocupado como guarda noturno de fábrica em construção, fora levado à nave extraterrestre. Lá, A.C.F., foi forçado a miscigenar com extraterrestre de aspecto morfológico "humanóide" - algo diferente do ser terrestre.

Assim, temos conhecimento de, pelo menos, 6 casos destes de miscigenação na ufologia brasileira. A começar com o caso da testemunha Antônio Vilas Boas, pesquisado e publicado pela SBEDV no Brasil. (1-A). A revista inglesa Flying Saucer Review (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12) mais tarde, também publicou esse caso. Iniciou-se assim, a moderna era da aceitação oficial dos contatos entre extraterrestre e terrestre.

Atualmente, a maioria dos ufólogos já não nega mais esses casos. Hoje constitui matéria pacífica o interesse dos forasteiros extraterrestres pelo Brasil, em geral e por entrosamento genético, em especial. Esse é problema deve

ras interessante para os estudos. E, pessoalmente compartilhamos desse fato vivamente, seja como editor do Boletim da SBEDV, seja como ex-forasteiro, já faz meio século que aportamos aqui e, em momento algum, essa mudança nos causou arrependimento. Encontramos sim, um país muito interessante, com raças tão diferenciadas, generosas e abertas.

Também no terreno da ufologia temos tido esse acolhimento. Tomemos, por exemplo, a família Ney Matiel Pires. Pais e filhos, diligentemente, registraram todos os detalhes ligados aos diversos contatos sustentados entre A.C.F. e os extraterrestres. Fizeram os relatos da testemunha secundária da descida do Disco Voador. E mais os relatos de interferências eletromagnéticas nos arredores (vizinhos) do evento ufológico, a fora medições de magnetismo induzido pelos extraterrestres em estruturas terrestres de aço. Registraram também, os sobrevoos de Discos-Voadores em Mirassol e arredores. Verificaram, principalmente, as datas que A.C.F. sustentava seus contatos com os extraterrestres.

Cabe lembrar, novamente, que quando A.C.F. recordava-se de maneira incompleta dos fatos ocorridos, eles eram complementados por longas e repetidas sessões de regressão da testemunha em sono hipnótico. Sendo assim, não nos causou espanto quando, finalmente, a ufologia estrangeira também, iniciou seu interesse pelo caso de Mirassol. Afinal trata-se de um caso estudado e pesquisado com grande afinco e perfeição e durante um bom espaço de tempo.

Hoje, o caso de Mirassol é objeto de versão em livro estrangeiro. Talvez, seja, também, editado livro no Brasil sobre esse caso. Esta é a razão pela qual o

presente artigo neste Boletim, de Ney Matiel Pires, está sendo resguardado pelos Copyright 1984, fato que deve ser plenamente compreendido e respeitado pelos ufólogos, sejam eles nacionais ou estrangeiros.

Ainda como complemento para melhor evidenciar uma das facetas do interesse dos extraterrestres pela nossa terra, fazemos publicar aqui - em seguida ao artigo de Ney -, a segunda parte do relato e pesquisa do caso de Antônio Nelso Tasca.

Como já sabemos (13), Antônio Nelso Tasca constitui uma testemunha de contato com extraterrestres, na cidade de Chapecó. E, foi a essa testemunha que os extraterrestres transmitiram graves advertências aos terráqueos e/ou seus governos. Queremos, ainda aqui, fazer uso desta mesma advertência, como pano de fundo, daquilo que representa para a terra a presença destas entidades extraterrestres. Procuramos explicar o motivo de suas visitas e suas eventuais ações. Sabemos que tudo depende do caminho que a própria humanidade deseja seguir. No entanto, no momento esse caminho parece ser o da autodestruição da atual civilização terrestre. E isto, por nossa própria responsabilidade (culpa) e não dos extraterrestres.

Em comentário final dessa edição, vamos abranger questões do tipo dessas retromencionadas e outras mais, como por exemplo, a divergência de opinião de vários pesquisadores sobre os ufonautas. Infelizmente, muitas dessas opiniões, em parte, estão influenciadas pela guerra fria psicológica, que os governos terrestres sustentam, há 30 longos anos contra os extraterrestres.

Todavia, antes de nos aprofun-

darmos em tais questões, em capítulo anterior, transcrevemos outro, O 3º episódio ufológico. Trata-se do caso mineiro de contato com entidades extraterrestres, pesquisado pelo despretençioso Húlvio Brant Aleixo e publicado por jornal (14). Sabemos ser esse pesquisador brasileiro, experimentado, conciso, sólido e metódico. Nesse relato vamos nos deparar com algumas das qualidades e possibilidades avantajadas dos extraterrestres, seja da técnica cósmica, seja no terreno de suas possibilidades parapsicológicas. O certo é, que o assunto vai despertar grande interesse em ufólogos e leigos, inimigos e amigos dos extraterrestres, entre psicólogos e

parapsicólogos. Estes últimos, em exdrúxulas e paradoxas sugestões - alguns - chegaram a interpretar como mero apêndice parapsicológico o vasto campo da ufologia extraterrestre. Quando não pior, os fenômenos ufológicos eram considerados como simples projeções da mente humana, senão sucedâneo a fenômeno de miragem.

Fazemos votos que a pesquisa ufológica em geral ou, a do psicólogo prof. Húlvio Brant Aleixo em especial, seja pela pesquisa terrestre, seja por comunicação direta com os ufonautas, consigam alcançar nestes terrenos, muito mais do que foi vedado em séculos aos parapsicólogos. (Veja tábuas 4, fig. 2 e tábuas 13).

Referências

CIPEX e GENA
2004

- 1 - "We discovered Alien Bases on the Moon" - Fred Steckling - 1981 - preço US\$ 13.00 (por via aérea) P.O. Box 1722, Vista, CA 92083-USA
- 1-A- Bol. da SBEDV nº 26/27, pág. 7.
- 2 - Flying Saucer Review, Jan./Fev. 1965, pág. 13.
- 3 - idem , Março/Abr. 1965, pág. 5.
- 4 - idem , Julho/Ag. 1965, pág. 24.
- 5 - idem , Jul./Ag. 1966, pág. 23.
- 6 - idem , Set./Ot. 1966, pág. 22.
- 7 - idem , Nov./Dez. 1966, pág. 14.
- 8 - idem , Jan./Fev. 1967, pág. 25.
- 9 - idem , Maio/Junho 1967, pág. 22.
- 10 - idem , Maio/Junho 1971, pág. 24.
- 11 - idem , Maio/Junho 1972, pág. 9.
- 12 - idem "Special" nº 7, pág. 7.
- 13 - Bol. da SBEDV nº 155/157, págs 13, 14, 15.
- 14 - Diário de Minas - Belo Horizonte - 01/07/84.

3-SEXTO CONTATO COM UFONAUTAS DE ANTÔNIO CARLOS FERREIRA

Pesquisa, Ney Matiel Pires

Explicação da SBEDV: O pesquisador e autor, Ney Matiel Pires aqui relembra em rápidas pinceladas alguns dos lances ufológicos acontecidos na cidade de Mirassol e seus arredores a partir de 1979, portanto, no momento em seu quinto ano de observações e conclusões que estão sendo compiladas em um livro a ser editado brevemente nos Estados Unidos e quiçá no Brasil, estando sob as leis Copyright (C), 1984.

Pedidos de transcrição total ou parcial do artigo devem ser dirigidos à SBEDV - Caixa Postal 16.017, Corr. Largo do Machado, 22.222 - Rio de Janeiro - RJ. Reservados também direitos de Rádio, Televisão, Teatro e Filme.

CIPEX e GENA
2004

Na manhã do dia 16 de julho de 1984, Jandira, mulher de Antônio Carlos, ao despertar por volta das seis horas, verificou que seu marido não se encontrava na cama.

Preocupada, procurou no pequeno quintal verificando que ali também não havia ninguém. Nem seu pai e nem sua mãe, que moram na casa da frente, tinham notícias do genro.

Em meio a essa confusão, chega ao local o padraсто de Antônio Carlos que todas as manhãs para lá se dirige a fim de recolher restos de alimentos para tratar de porco em seu quintal.

Informada pelo marido, dona Guaraçay (Dita) ligou para mim e com visível preocupação narrou-me o ocorrido. A fim de acalmá-la brinquei, dizendo "que ninguém teria interesse em raptar um negrinho feio daquele", que talvez por falta de sono estivesse dando uma volta pelos arredores.

Embora curioso não fui até ao local, pois tenho por norma não mostrar interesse pelo fato, evitando assim que as testemunhas na tentativa de agradar, modifiquem a história acrescentando coisas que na realidade não ocorreram.

Esperei como de hábito que se algo realmente houvesse ocorrido, o moço assim que pudesse viria contar-me.

No sábado, 21 de julho, por volta das dezesseis horas Antônio apareceu e com a mesma simplicidade de sempre contou-me o que lhe ocorrera na noite de 15 para 16 de julho.

Segundo ele, por volta de uma e meia da manhã levantou-se para ir ao banheiro ("fossa negra", situada fora e ao lado da casa), quando sentiu-se envolvido por uma luz verde que o puxou para cima. Além disso, a única coisa de que se recorda foi de ter acordado aproximadamente às oito horas da manhã, do lado de fora e atrás da casa, em uma estreita faixa de terra com vegetação rasteira utilizada por seu sogro como coqueira.

Em seu braço esquerdo notava-se ainda sinal de picada de agulha na veia e na região do deltóide e tricips haviam duas estranhas marcas. A primeira, idêntica à que haviam feito anteriormente em seu peitoral esquerdo (um círculo com uma cruz inscrita), com aproximadamente 4 centímetros de diâmetro, situava-se na parte posterior do deltóide. A segunda, localizada ao lado, para trás e um pouco abaixo (triceps) delineava-se como um perfeito triângulo isósceles de aproximadamente 3,5 centímetros de base (Veja tabela nº 6).

Convém recordar que o círculo com a cruz inserida é o emblema usado pelos seres que o seqües

traram anteriormente (os verdes e os de cor de chocolate).

Entre o instante do seqüestro do qual Antônio tinha plena consciência, até o momento em que despertou, existe um nebuloso tempo de aproximadamente sete horas do qual o moço não tem a mínima idéia.

Esse período de parcial amnésia foi o suficiente para que, em contato com o doutor Walter Karl Buhler, resolvêssemos recorrer mais uma vez aos bons serviços do parapsicólogo Álvaro Fernandes para, através de mais uma regressão de memória, tentarmos retirar novamente a névoa que pairava na mente do jovem.

Em São José do Rio Preto, no dia 29 de julho, na hora combinada (10 horas), no Instituto de Parapsicologia, lá estávamos nós com as máquinas, gravadores, etc, prontos para investir e dissipar as brumas do inconsciente de Antônio e tentarmos mais uma vez vislumbrar a verdade no inextrincável fenômeno Ufo (Veja tábuas nº 5).

O parapsicólogo Álvaro Fernandes como de hábito, não teve a menor dificuldade em induzir a testemunha ao transe hipnótico e após acalmá-lo, ordenou-lhe que ouvisse e respondesse às nossas perguntas.

Na presença de Walter e Vilma Buhler e meu filho Lourney, após mais de três centenas de perguntas - passamos a conhecer toda a aventura, cuja sinopse narramos a seguir, com o título de:

UMA VIAGEM À LUA

Na noite do episódio, quando se dirigia ao banheiro, Antônio Carlos foi rapidamente transportado para o interior de uma nave por uma luz de cor verde, da mesma forma que já ocorrera anteriormente (no quarto contato).

No seu primeiro encontro com a nave, diz Antônio ser esta grande e esférica como bola de "capotão" (*). Conforme em outras oportunidades, lá reencontrou os seres de pele cor de chocolate e cabelos vermelhos, chamados por ele de "morenos". Seus trajes eram os mesmos das vezes anteriores, usando ainda o já conhecido emblema (uma cruz cercada por um círculo).

A seguir repetiu-se a costumeira rotina; através de aparelho já comum para ele, colocado em seu braço esquerdo, foram retiradas amostras de sangue.

A partir desse momento e pela primeira vez, Antônio Carlos cita a presença de outros seres da nave que diferiam completamente dos tão familiares "verdes" e os "morenos".

Eram seres de pele bem clara, com traços fisionômicos idênticos aos nossos, cabelos compridos e louros, olhos grandes e azuis, com uma estatura acima de um metro e setenta e cinco.

Trajavam uma espécie de macacão branco sem emblema, que se estreitava ao nível do pescoço, dos punhos e dos tornozelos.

Tanto a gola como os punhos e o estreitamento dos tornozelos eram de cor azul, sendo que na cintura portavam um largo cinturão de cor verde.

Antônio, após vestido da nova roupa espacial foi levado para conhecer a nave, que de acordo com suas informações era redonda, não diferindo muito das anteriores quanto ao sistema operacional.

Finalmente a nave pousou em um lugar, onde ao que tudo indica seria sua base de operações.

(* Expressão local para bola de futebol.

A primeira coisa que Antônio viu, foi uma série de abrigos "se melhantes a fornos", sendo que nesse lugar fazia bem mais calor do que aqui em nossa região (cidade de Mirassol, norte paulista).

Em um céu muito escuro o jovem observou um astro luminoso que ele diz ser parecido com o sol, só que mais avermelhado.

No chão havia uma areia branca e muito fina que, segundo expressão da testemunha era "branquinha como açúcar".

Em um dos sítios observou uma grande quantidade de robots, seus conhecidos desde o primeiro contato, em 1979, amontoados ali como se fosse um depósito deles.

Num dos compartimentos colocaram-no em uma espécie de divã, e novamente coletaram seu sangue. Tendo descansado foi levado para caminhar um pouco, acompanhado por três seres, um de cada tipo, moreno, verde e branco. Caminhando pela areia fina e branca, quis pegar um punhado, contudo não lhe permitiram tal ato.

Durante esse passeio via por toda parte grandes montanhas com picos em forma de agulha, além de inúmeras crateras de variados tamanhos onde se via também uma espécie de neblina seca e cinzenta.

Finalmente, ao que tudo indica (considerando o parco vocabulário de A.C.), este foi levado a descer por meio de uma estreita estrada entalhada na rocha viva, até ao interior de uma imensa cratera - que teria sido adaptada para servir como espaçoporto.

Em seu interior o rapaz observou grande quantidade de naves com as mais variadas formas. Algumas esféricas, cujo tamanho Antônio compara ao de uma casa de nove cômodos (A.C. trabalha como servente de pedreiro, daí sua comparação). Viu também naves tipo

forno apoiadas em tripés, semelhantes à que o transportou durante o seqüestro de 1979, pela primeira vez. Ao lado e dentro das naves, Antônio observou um bom número de seres, louros, verdes e "morenos" trabalhando em conjunto (uma fraternidade cósmica).

Por toda parte onde era levado o cenário era sempre o mesmo; montanhas com picos agudos, céu bem escuro, tendo no zênite um astro luminoso que assemelhava-se bastante ao nosso sol.

Terminado o passeio, Antônio foi novamente conduzido ao interior da nave e levado para outro local, onde o cenário modificou-se um pouco, sendo acompanhado apenas pelos seres do tipo alto e louro.

Ao chegar observou ainda montanhas e crateras e, bem no horizonte, uma grande bola azul que, ao que tudo indica poderia ser a Terra e embora estivesse de traje e capacete o lugar pareceu-lhe bem mais frio do que o primeiro.

Ali, embora não formalmente, Antônio travou conhecimento com seres que descreve como semelhantes aos nossos macacos. Com grandes pés e o corpo revestido de pelos, braços grandes e peludos, mãos grandes também recobertas por pelos. A cabeça, também peluda e os traços fisionômicos idênticos aos dos macacos. Ainda de acordo com a testemunha, os novos seres não usavam trajes e nem capacetes respiratórios, falando uma linguagem desconhecida para Antônio.

Em seguida o visitante foi conduzido para um terceiro lugar, ainda mais frio que o último. Saiu da nave flutuando, acompanhado por dois seres do tipo alto e louro. No sítio onde agora se encontravam, só viam montanhas. Foi levado até uma rocha onde viu uma série de inscrições e também algo semelhante a números, mas diferen

tes dos nossos e de cor vermelha. Viu também um grande mapa de cor azul, sendo que tanto as letras como o mapa estavam cizelados na rocha. Tudo isso foi observado por Antônio enquanto flutuava acima da superfície, em função do traje que usava.

A seguir foi levado a ver outra pedra onde figurava em nítida gravação o emblema dos "verdes" e "morenos", tendo ao lado outra onde aparecia um triângulo isósceles. Logo após foi recolocado na nave, retornando à base primitiva. Lá, levaram-no para um abrigo em forma de forno e reproduziram em seu braço esquerdo as marcas que ele havia visto na rocha (círculo com cruz e triângulo isósceles).

No mesmo braço injetaram ainda um certo líquido branco e outra amostra de sangue foi retirada. Após a coleta, foi novamente levado para uma volta pelos arredores, onde teve oportunidade de observar algo semelhante aos nossos carangueijos, contudo diz ele que possuíam pelos (ou algo semelhante a pelos).

Vendo que se movimentavam de um lado para outro, o moço, (A. C.) perguntou "que bichos eram aqueles". Disseram que não eram bichos e mandaram que pegasse um. Antônio pegou um e disse que era frio como gelo. Então foi informado que onde os Discos Voadores aterrissavam seus tripulantes soltavam dois ou três daqueles pequenos "seres", conforme já haviam feito na matinha da Fazenda Campo, na cidade de Mirassol, quando lá desceram.

No seu linguajar, Antônio não é muito preciso e nem poderia ser devido à sua precária cultura. Mas, da forma como explicou tudo, parece ser aquilo que viu, uma espécie de observador e transmissor que ao cumprir sua missão se autodestrói.

Finalmente Antônio foi mais uma vez reconduzido à nave e trazido de volta a Mirassol, sendo devolvido pela mesma luz que o levou, com a promessa de no futuro ser mais uma vez levado pelos seres. Só que agora a promessa foi feita pelos ufonautas altos e louros, aparentemente os que comandam a fraternidade cósmica sediada na Lua.

ANÁLISE GERAL DOS FATOS OCORRIDOS

Se observarmos minuciosamente o caso da série de contatos de Antônio Carlos com ufonautas, ocorridos em Mirassol desde o início de junho de 1979 até a presente data, julho de 1984, verificaremos uma série de fatores positivos que atestam a favor da veracidade destes episódios.

1º) Antônio Carlos é introvertido e analfabeto, sabendo apenas assinar seu nome por ter frequentado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral).

Até a data em que se deu o primeiro seqüestro não dava atenção ao fenômeno ufológico, não tendo portanto conhecimento algum a respeito do propalado assunto. Como então poderia, em plena ignorância, "inventar" uma história tão rica em detalhes e dentro dos padrões do estudo ufológico?

2º) As vigas de aço que se encontravam próximas ao local da descida (a primeira dos ufonautas) apresentaram elevado teor magnético, fato que não sucedeu nas demais, que foram adquiridas após o incidente ufológico.

Indagamos se um analfabeto como A.C. possuiria capacidade e conhecimentos de Física que lhe possibilitassem magnetizar grandes quantidades de vigas de aço, apenas para reforçar uma mentira que

não lhe traria proveito algum.

3º) Nos três meses seguintes ao primeiro encontro de A.C. com ufonautas (julho, agosto e setembro de 1979), verificou-se uma série de avistamentos de discos voadores na cidade de Mirassol e em toda a região. Teria uma pessoa introvertida, tímida, condições de criar uma histeria coletiva a fim de tornar real a sua louca fantasia? Ou poderia A.C. antecipar a teoria apresentada posteriormente por Fábio Zerpa e Bettina Allen, sobre o relacionamento entre o contato ufológico e o biorrítmo do indivíduo, calculando assim uma data que fosse condizente com a teoria?

4º) No 2º seqüestro de Antônio Carlos, ocorrido na madrugada de 7 de agosto de 1982, teria tido este conhecimento antecipado de que na noite do dia 6, discos voadores foram avistados percorrendo todo o sul do país, além de várias cidades paulistas, incluindo Mirassol?

5º) Na noite de 30 para 31 de dezembro (*), teria ele, A.C., queimado sua melhor camisa (entre as poucas que possui) somente para reforçar uma história que só transtornos lhe causou?

6º) Com respeito ao mais recente seqüestro, ocorrido em 15 de julho de 1984, teria ele, A.C., condições de, sob hipnose, descrever um quadro tão perfeito que, de início, a mim, Ney Matiel Pires, possibilitou, como amador de astronomia, identificar como sendo o cenário da Lua? E anotar ainda

(*) Explicação: Na noite referida os ufonautas visitaram Antônio Carlos, que pernoitara na casa dos pais a pedido destes, que se encontravam viajando.

que em determinado local via no horizonte uma "bola azul" (a Terra?).

Como astrônomo amador observei que, embora na noite do dia 15 a Lua estivesse apenas a 30º do plenilúnio e visto de lá, da Lua, do hemisfério iluminado da Terra só seria visível uma estreita faixa em crescente, pode-se considerar que Antônio Carlos talvez só tenha empregado a palavra bola por falta de outra, em seu limitado vocabulário (Veja tábuas nº 1).

E, para finalizar, podemos informar que, examinando as datas dos seqüestros (79, 80, 82 e 84), notamos que elas parecem ter uma certa seqüência lógica.

O espaço compreendido entre os diversos seqüestros obedece a um ciclo de 18 meses entre uma seqüência de ocorrências e outra, exatamente um ano e meio de intervalo.

Em dezembro de 1980, Antônio informa que houve a aparição de seres na matinha próxima à fábrica de móveis Monte Carlo, onde trabalhava naquela época.

Verificamos também que desde o primeiro até o último, todos ocorreram de junho a dezembro, com a Terra sempre de um mesmo lado em relação ao Sol e num espaço de tempo de um ano e meio entre os aparecimentos (Veja tábuas nºs 2 e 3).

Convém recordar que justamente de junho até dezembro as órbitas da Terra e de Marte encontram-se em sua maior aproximação devido à grande excentricidade da órbita marciana. É oportuno ressaltar que estamos falando da proximidade de órbitas e não da oposição de Marte em relação à Terra, cujo ciclo de ocorrência é bem maior.

Se esse período cíclico de 18 meses não passar de simples acaso, podemos prever que até dezembro de 1984 poderá haver mais um ou dois contatos e que o próximo será em 1986. Se considerarmos ainda que o fenômeno só ocorre no período de junho a dezembro, obedecendo assim a um ciclo de 18 meses, pode-se prever mais uma vez que o próximo contato depois de 1984 só se dará em junho de 1986, com a Terra do lado mais adequado para "eles".

Se considerarmos o exposto como sendo um fato, podemos, embora sem argumentos suficientes, fazer a seguinte cogitação:

Os extraterrestres em questão chegam ao nosso planeta no solstício de junho. Fixam base na Lua e lá permanecem até o solstício de dezembro, quando então regressam ao seu planeta de origem para só retornarem 18 meses depois, com a Terra outra vez em posição ideal.

Contudo, estas observações são ainda especulações baseadas apenas em poucos e prematuros fatos, os quais só o tempo poderá informar se são uma realidade ou mera coincidência de datas.

Só nos resta aguardar.

Ney Matiel Pires

Mirassol, 18 de outubro de 1984.

Posições da Lua nas datas dos contatos ufológicos

Com exceção do primeiro contato, ocorrido na madrugada do dia 28 de junho de 1979, todos os demais se deram com a Lua em posições relativamente próximas ao plenilúneo. Nesse conjunto de seis contatos estabelecidos em diferentes datas, quatro deles estão res- tritos a um espaço de apenas vinte graus e próximos da posição da Lua quando cheia. Os mais distantes, 10 de setembro de 1979 e 4 de novembro de 1984, formam um arco de aproximadamente 90 graus, ficando entre eles a posição da Lua quando cheia (Veja tábuas nº 14).

Outro fato curioso é o de que a posição da Lua no dia 10 de setembro de 1979 era, de aproximadamente 30 graus do quarto crescente e no dia 4 de novembro de 1984 era também de aproximadamente 30 graus do plenilúneo. Teriam esses posicionamentos da Lua em relação à Terra e ao Sol, alguma função específica (magnética ou gravitacional) relacionada ao movimento dos OVNIs? Os dados são ainda insuficientes para que se possa estabelecer qualquer relação. Só com o tempo poderemos saber.

Ney Matiel Pires

Mirassol, 19 de novembro de 1984.

CIPEX e GENA
2004

Endereço:

Rua João Caetano de Almeida Jr.,
nº 2.095
Bairro São José - Mirassol - SP
CEP: 15 130.

TRANSCRIÇÃO DA ATA DE REGRESSÃO

(Realizada por hipnose em 30/7/84, relativa ao episódio da noite de 15 para 16 de julho de 1984.)

Participantes da sessão: Ney e Lourney Matiel Pires, Álvaro Fernandes, Walter e Vilma Buhler.

Observações:

I - Para tornar mais compreensível o texto, entre parênteses foram, às vezes adicionadas letras, sílabas ou palavras omitidas involuntariamente pelos participantes.

II - As perguntas são enumeradas de duas maneiras. Entre parênteses, caracteriza-se a enumeração desta específica regressão. Sem parênteses representa a enumeração, considerando-se a totalidade das regressões anteriores.

Perguntas nºs. 1 a 30: Descrição do modo de processamento do seqüestro e descrição de raça nova, de gente loura, porquanto nos contatos anteriores a testemunha tratava so com extraterrestres de peles marrom e verde.

- (1)-1475-No dia, na madrugada de 15 para 16 de julho (1984), você foi ao banheiro. O que você viu?
R.- Uma luz.
- (2)-1476-De que cor era a luz?
R.- Verde.
- (3)-1477-E o que esta luz fez?
R.- Puxou-me para cima.
- (4)-1478-Para cima? De que jeito? Aonde? Dentro do que?
R.- Dentro da nave.
- (5)-1479-E o que você viu lá?
R.- Vi os homens morenos.
- (6)-1480-Os morenos com cabelo vermelho?
R.- Cabelo vermelho...macacão branco....
- (7)-1481-Tinham emblema no peito?
R.- Tinham.
- (8)-1482-Eram os mesmos tripulantes que você sempre viu?
R.- Eram os mesmos.
- (9)-1483-E o que fizeram com você?
R.- ... (Pausa)...botaram aparelho no braço.
- (10)-1484-Aquele mesmo aparelho de sempre? Foi? E daí?
R.- Apanharam o aparelho e tiraram o sangue...
- (11)-1485-De qual braço?
R.- Esquerdo.
- (12)-1486-Aparelho também no braço esquerdo?
R.- É.
- (13)-1487-E quemais eles fizeram? É para lembrar de tudo. Você tem memória boa!
R.- Tinham mais alguns de cabelo comprido.
- (14)-1488-Cabelo comprido? Diferente dos...?
R.- Bem.....diferentes.
- (15)-1489-Vermelho? Eram altos ou da mesma altura dos outros tripulantes?
R.- ...da minha altura.....
- (16)-1490-Eram mais altos que os outros?... E este cabelo de que cor era?
R.- Cabelo era bem louro.
- (17)-1491-E a cor da pele deles?
R.- Bem louro...(pele clara)
- (18)-1492-Louros? Altos?
R.- Altos.....
- (19)-1493-E o rosto? Parecido com o nosso aqui? Ou igual ao dos verdes?...Dos morenos?
R.- Era igual ao nosso.
- (20)-1494-Igual ao nosso? E os olhos? De que cor eram?
R.- Eram grandes.
- (21)-1495-E a cor?
R.- Olhos azuis....
- (22)-1496-Azuis? Cabelos escuros? Louros?
R.- Louros.
- (23)-1497-Olho azul?... E você calcula a altura em mais ou menos quanto, 1 metro e setenta e cinco....?
R.- É por aí....
- (24)-1498-Da sua altura, Antônio? E a roupa, era igual a dos outros?
R.- Era um pouquinho diferente.
- (25)-1499-O que você viu de diferente?
R.- Ela era branca... coisa assim....., é..... azul.

- (26)-1500-Punho azul?
R.- É assim, tudo azul. (A. C.F. em gesto, sublinhando, passa a mão à altura do pescoço).
- (27)-1501-A gola?
R.- É.
- (28)-1502-A volta, em torno do pescoço, era aberta ou fechada?
R.- Fechada.
- (29)-1503-Igual a uma camisa de malha?
R.- É.
- (30)-1504-E os pés?... (pausa)....
Embaixo, na calça, como era? Fechado também ou?
R.- A boquinha...bem fechada....
- (31)-1505-Bem fechada? E tinha mais alguma coisa embaixo fechado igual ao punho... ou não?
R.- Não.
- (32)-1506-Não tinha faixa, nem nada?..... (pausa)..... E que mais fizeram com você? Depois que puseram o aparelho?? Tiraram o sangue...?
R.- Tiraram o sangue.
- (33)-1507-Que mais que fizeram?
R.- Deram líquido para tomar.
- (34)-1508-Um líquido? Igual àquele que deram da outra vez ou diferente?
R.- Igual àquele!
- (35)-1509-E você tomou?
R.- Tomei.

CIPEX e GENA

2004

Perguntas nºs 36 a 45: Tipo de alimentação, de roupas e do formato da nave.

- (36)-1510-De que cor era o líquido?
R.- Amarelo.
- (37)-1511-Amarelo? E depois?..... (pausa)..... Você tomou um líquido amarelo, igual a outra vez; e o que mais fizeram?
R.- Aí, me levaram para o quarto...mandaram tirar a roupa.... e vestir a roupa deles.
- (38)-1512-Outra vez você vestiu a roupa deles? E daí?
R.- Aí foram mostrar por dentro como era a nave....
- (39)-1513-Mostrar por dentro como era? E daí? Isto na madrugada de 15 para 16 de julho (1984)?
R.- É.
- OBS.: Álvaro Fernandes, o hipnólogo, nesta oportunidade controla o estado da hipnose aprofundando-a, dando ordem ao paciente para responder também às perguntas feitas por W.B., toda vez que solicitado.
- (40)-1514-Antônio, aí, foram mostrar a nave. O que você viu?
R.- A mesma coisa de sempre...dos painéis...fotografia.....
- (41)-1515-Eram todos iguais aos das outras vezes?
R.- É.
- (42)-1516-Sempre iguais? A nave, você acha que era a mesma? Ou poderia ser outra?
R.- Era diferente.

- (43)-1517-Diferente? Tinha condição de se ver a sua forma, de fora?
R.- Era bem redonda. Parecia uma bola de "capotão".
(expressão local para bola de futebol).
- (44)-1518-Parecia uma bola de

"capotão", a nave em que levaram você?
R.- É.

- (45)-1519-A luz que levou você? E o que mais você viu?
R.-(pausa).....no negócio...no negócio aparecia mais coisas.....

Perguntas nºs. 46 a 96: Aspectos da paisagem e inspeção de bases.

- (46)-1520-Que outras coisas mais, você conheceu?
R.- Lá onde eles ficam.....
- (47)-1521-Quem fica?
R.- São os verdes.....
- (48)-1522-Ah, onde ficam?
R.- Os verdes, os louros, os morenos.....
- (49)-1523-Presta atenção, Antônio Carlos, e os verdes, que levaram você, onde ficam? Na nave?
R.- Onde eles moram!
- (50)-1524-Eles moram onde?
R.-.....(ininteligível).....
- (51)-1525-Não falaram? Quanto tempo demorou a viagem? Não falaram também?
R.- Não.
- (52)-1526-O que você viu lá?
R.- Um casinhas feito.....
(ininteligível).
- (53)-1527-As casinhas eram redondas? Pareciam folhas?
R.- Bastante.... umas perto das outras.....assim.....
- (54)-1528-Uma perto da outra? Eram muitas?
R.- Tinha bastante.
- (55)-1529-E o que mais tinha lá? Lá tinha luz? Sol? Viu estrelas brilhando feito um sol? Era dia ou noite, lá?
R.- Este lugar já era mais quente...

- (56)-1530-Era mais quente do que aqui?
R.- É.
- (57)-1531-E você via o Sol? Luz?
R.- Vi uma luz bem grande.
- (58)-1532-Maior que o Sol?
R.- Mais ou menos.....
- (59)-1533-Mas era no céu, esta luz? Você viu, lá em cima?
R.- Onde que eu estava.....
(pausa)...mandava olhar para...então eu via a luz.
- (60)-1534-Isto, você estava no chão, lá?
R.- Estava no chão... areia bem fina....
- (61)-1535-Areia bem fininha. E o céu, que cor tinha quando você olhava para cima?
R.- Um tipo assim escuro.
- (62)-1536-Escuro? Mas dava para ver alguma cor, assim? Não? Ou era escuro, preto mesmo? Ou uma cor escura?
R.- A cor bem escura.
- (63)-1537-E esta cor, não deu para ver se era, digamos, azul, verde? Nada?
R.- Era mais para verde do que azul...
- (64)-1538-Era mais para verde do que para azul? Agora vamos voltar a falar nas casinhas.

- Você ficou em algumas delas?
R.- Fiquei numa.
- (65)-1539-E o que fizeram com você, nesta casinha?
R.- Me mandaram deitar numa cama...disseram para descansar um pouco....
- (66)-1540-Que mais?
R.- ... (pausa).....Foi na casinha que tiraram o sangue.
- (67)-1541-Ah... então isto não foi na nave? Foi na casinha?
R.- Foi na casinha.
- (68)-1542-Nesta casinha, você comeu alguma coisa?..... ou não?
R.- Não.
- (69)-1543-E lá, tinha muita gente?
R.- Tinha bastante.
- (70)-1544-E quais eram, que tipos?
R.- (pausa).....tinha os morenos, os verdes, os louros.....
- (71)-1545-Os louros estavam lá?
R.- Estavam todos lá.
- (72)-1546-E o que mais você via lá dentro?
R.- Tinha aqueles...um.... com tubo nas costas.....
- (73)-1547-Ah, os velhos conhecidos?
R.- Só que estavam numa casinha toda separada.
- (74)-1548-Ah, estavam separados? Estavam parados ou movimentando-se?
R.- Estavam parados.
- (75)-Ah, parados! Um depósito de robôs! Escuta aqui, tiraram só de você?
R.- Tiraram.
- (76)-1550-De qual braço?
R.- Esquerdo.
- (77)-1551-Fizeram mais alguma coisa neste braço?
R.- (pausa).....tiraram sangue.....depois aplicaram líquido branco.
- (78)-1552-Aplicaram um líquido branco? E não fizeram mais nada no braço?
R.- Não!
- (79)-1553-Nada, nada? (pausa). Você se lembra, tem memória boa, em cima do braço, não fizeram nada? No braço esquerdo? Não se lembra? Bom, continue contando! Que mais? Você viu os robôs na outra casinha parados?
R.- É.
- (80)-1554-E o que mais aconteceu?
R.- Depois pedi para dar uma volta....naquela terra deles ...andar um pouco.....
- (81)-1555-Andar lá? Deixaram?
R.- Deixaram....mas não sozinho....
- (82)-1556-Você foi acompanhado com quais deles?
R.- Os verdes, os morenos e os outros.
- (83)-1556-A-Um de cada um?
R.- É.
- (84)-E daí?
R.- Eu queria pegar na terra... não deixaram pegar....
- (85)-1558-Não deixaram pegar nada, lá? Não deixaram por nem um pouquinho de areia no bolso?
R.-areia bem fininha.. ..pozinho bem fino.....
- (86)-1559-A cor da areia era....?
R.- Tinha cor bem branca.... bem clarinha, parecia açúcar.....
- (87)-1560-O que você viu lá, viu casinhas, viu areia, viu o céu escuro, uma luz bem forte? De que cor era esta luz aí no céu?
R.-... (pausa grande)
- (88)-1561-A luz que parecia o sol,

que cor tinha?
R.- Meio avermelhado.

(89)-1562-Meio avermelhada? Ela estava a prumo da sua cabeça ou estava.... ao sol quando nasce?

R.- Não,.....estava a pino..
.....muita fumaça.

(90)-1563-Nesta luz? Ou lá onde você estava?

R.- Onde estava....numa parte só.

(91)-1564-Uma fumaça difícil de respirar? Ou uma fumaça que não incomodava para respirar?

R.- Não incomodava.

(92)-1565-Não incomodava?

R.- Não.

(93)-1566-Tipo da neblina nossa aqui, quando faz neblina, no frio?

R.- Só tem uma fumaça cor cinza.

(94)-1567-Era cinza?

R.- Era.

(95)-1568-Seca ou úmida? Igual à neblina?

R.- Seca.

(96)-1569-Bem seca? O que mais que você viu?

R.- Também me levaram para onde ficavam as naves....só....

Perguntas nºs. 97 a 119: Tipos de naves e de casas encontradas.

(97)-1750-As grandes?

R.- Tem vários.

(98)-1571-Agora conta o que você viu lá! De que jeito, como eram? Que tipo?

R.- Mais para a frente assim, o lugar.....tudo redondo.... assim.

(99)-1572-Grande?

R.- Era uma barroca (barranco)....tinha de descer.

(100)-1573-Descer a pé?

R.- A pé! Com uma escadinha.

(101)-1574-Como são estas escadas? Iguais às nossas, de cimento? De metal?

R.- Eram diferentes.

(102)-1575-Diferentes como? O que você acha que parece esta escada?

R.- São mais...escavadinha.. assim como cavadeira.....tipo cavadeirinha.

(103)-1576-O que mais você viu? Desceu escada até lá embaixo?

R.- Desci a escada.... Cheguei lá embaixo....tinha uma

nave bastante.... uma nave grande.

(104)-1577-Grande assim do tamanho de um trem? De um ônibus? Do que?

R.- Igual numa casa.

(105)-1578-Mas que tipo de casa?

R.- Uma grande, de seis cômodos...nove cômodos....

(106)-1579-Uma casa de seis a nove cômodos. Era maior?

R.- Maior.

(107)-1580-Era maior?

R.- Maior.

(108)-1581-Que mais você viu lá?

Quantas eram mais ou menos?

R.- Das grandes, umas oito.

(109)-1582-E tinha pequenas também da nave?

R.- Sim. Tinha assim,.....tinha tipo forno....com três pezinhos.

(110)-1583-Este tipo de forno, você já tinha visto antes?

R.- É.

(111)-1584-Aonde?

R.- Quando me levaram (neste

tipo) pela primeira vez (em contato anterior).

(112)-1585-Oi! E lá, onde estavam as naves, estavam sozinhos ou tinha gente lá?

R.- Tinha gente.

(113)-1586-Tinham muitos?

R.- Tinha bastante deles.

(114)-1587-Deu para perceber o que faziam ou estavam só andando lá?

R.- Uns estavam dentro dela.

(115)-1588-Dentro da nave?

R.- É. Outros estavam andando por fora.

(116)-1589-E de que tipo eram? Eram de todos eles ou, como?

R.- De todos eles...

(117)-1590-Os verdes estavam lá?

R.- Os verdes estavam.....

(118)-1591-E os marrons?

R.- Também.

(119)-1592-Cor de chocolate! E os louros?

R.- Os louros também.

CIPEX e GENA

2004

Perguntas n^{as}. 120 a 143: Mais dados sobre os "louros" e a paisagem local.

(120)-1593-Antônio, me diz uma coisa, você já tinha visto estes louros, antes?

R.-(pausa).....(grande pausa).....

(121)-1594-Ouçá bem! Das outras vezes, você chegou a ver estes louros ou foi a primeira vez?

R.- Primeira vez.

(122)-1595-A primeira vez que viu? E no local em que levaram você, além disto, viu mais alguma coisa?

R.- (pausa)....(grande pausa).....

(124)-1597-Trouxeram de volta para aquela casa pequena, ou não?

R.- Trouxeram.

(125)-1598-E neste caminho, você viu se tinha alguma planta ou era só areia e pedra?

R.- Era só areia...só e umaspedras.

(126)-1599-Pedras? Não havia nenhuma planta?

R.- Não.

(127)-1600-Não viu plantas?

R.- Vi aquelas montanhas de pedras bem grandes.

(128)-1601-Tinha montanhas? Altas?

R.- Bem altas.....cheio de letreiros escritos assim.... não dava para gente ler direito.

(129)-1602-Presta bem atenção! E lá, observando, você teve oportunidade de olhar o céu?

R.- Tive.

(130)-1603-Não viu mais nada no céu?

R.- Não.

(131)-1604-Nenhuma bola grande, de cor azul, parecendo uma meia luz? Perto? Você tem boa memória! Baixinho, talvez, no horizonte? Pensa bem, com calma! (Obs.: I da SBEDV).

R.- (pausa longa).....
só não vi estrela.

(132)-1605-Não viu estrela! Mas não viu mais nada então? Só esta bola que parecia o sol?
R.- Acho que tinha uma coisa.

(133)-1606-Pensa! Vou fazer mais uma pergunta a você. Quando eles deram aquela roupa para

você vestir, igual a deles?

R.- É.

(134)-1607-Em cima da cabeça, tinha proteção?

R.- Se tinha?

(135)-1608-Algo que cobria a cabeça, como um capacete? Colocaram também em você?

R.- Puseram.

Perguntas n.ºs. 136 a 143: Mais detalhes sobre a paisagem.

(136)-1609-Puseram?

R.- Assim, ... (ininteligível)
..... tudo tampado (tapado).

(137)-1610-E do que mais você se lembra, Antônio? Dava para ver ao longe? Como a gente olha daqui, à distância? As montanhas, você via longe?

R.- Via, ... donde estava, ... via até o fim de (ininteligível).....

(138)-1611-Qual é a diferença encontrada por você?

R.- É tudo esburacado.....

(139)-1612-Tudo cheio de buraco? Buracos redondos?

R.- Redondo.....

(140)-1613-Que mais? As montanhas eram arredondadas ou pontudas, como agulhas?

R.- Eram bem pontudas.

(141)-1614-Esta foi a primeira vez que você foi neste lugar?

R.- Era um lugar triste.

(142)-1615-Você se lembra do lugar em que levaram você?

R.- Da segunda vez que me levaram me disseram que iam me levar a este lugar.

(143)-1616-Ah, eles já tinham prometido a levar lá? Eles não falaram mais nada?

R.- Eu perguntei mas não quiseram falar, ... dizem que está cedo para falar.

(144)-1617-Bem, depois que você foi à nave, voltou, viu tudo isso, e nesta casinha aconteceu mais alguma coisa?

R.- ... (pausa prolongada)... Não!

(145)-1618-Não aconteceu nada, nada? E aí?

R.- Aí, me trouxeram para (a) nave.

(146)-1619-Puseram você na nave de novo? A nave teve que descer lá, naquele lugar? Ou não? Desceu a escada de novo? ... Foi na nave?

R.- Sim.

Perguntas nºs. 147 a 172: Afinal são encontrados animais peludos, com aspectos de gorilas ou do leti. Também, deste local, é avistado no céu corpo azul luminoso que bem poderia ser. a nossa Terra.

- (147)-1620-0 que mais você viu? Pu-
seram-no na nave? Trouxeram-
no de volta? Ou fizeram mais
alguma coisa em você? Veio
direto para casa ou foi para
outro lugar? Você se lembra?
R.- Foi para outro lugar.
- (148)-1621-Que lugar? Lá mesmo?
R.- Desci em outras partes.
- (149)-1622-Outras partes daquele
lugar mesmo? Viu mais alguma
coisa? Diferente ou era tudo
igual ao que você viu primei-
ro?
R.- É diferente.
- (150)-1623-E as pessoas que esta-
vam neste outro lugar eram
as mesmas ou pelo menos i-
guais ou eram diferentes?
R.- Peludos. Eram os homens
peludos.
- (151)-1624-Agora, espera um pou-
quinho. Você vai pensar bem.
Preste bem atenção! Você po-
de ver! Você pode lembrar. Co-
mo eles eram? Peludos como
gorilas? Igual a macaco?
R.- Mesma coisa.
- (152)-1625-Então o pelo era pare-
cido com o de macaco? Cobria
todo o corpo? E o rosto de-
les? Parecia o que? Como nós?
Ou era diferente também?
R.- Diferente. Igualzinho do
macaco assim.
- (153)-1626-Igualzinho ao do maca-
co?
R.- É.
- (154)-1626-A-E a boca? Parecia bo-
ca de macaco?
R.- Sim.
- (155)-1627-E o nariz?
R.- Tudo.
- (156)-1628-Tudo de macaco? E ago-
ra, as mãos?
R.- Umas mãos grandes.
- (157)-1629-Grandes? Tinham pelos?
Os dedos também?
R.- Tudo.
- (158)-1630-E o braço?
R.- O braço também. Tudo!
- (159)-1631-O braço era grande ou
curto?
R.- Era grande.
- (160)-1632-Eles usavam uma roupa
de uniforme?
R.-(pausa prolongada)
....Não! Nada!
- (161)-1633-Só o pelo cobrindo o
corpo?
R.- Só o pelo. Era bem gran-
de.
- (162)-1634-Era grande? Você che-
gou lá mas, quais foram os
que o levaram?
R.- Os louros.
- (163)-1635-Os louros quem levaram
você? E os verdes e os more-
nos, não foram?
R.- Não.
- (164)-1636-Não? Só os verdes leva-
ram você lá?
R.- Os verdes mandou os lou-
ros levar. Mandaram levar pa-
ra me conhecer.
- (165)-1637-Os verdes! E os pelu-
dos, fizeram alguma coisa
com você, deram alguma coisa,
o que aconteceu?
R.- Nada.
- (166)-1638-Nada? Só foi ver? E
daí?
R.- Lugar de bastante pedra.
- (167)-1639-Pedra também?

- R.- E este...mais esfumaçado
.....
- (168)-1640-Mais esfumaçado - Bura
co redondo?
R.- Passando por buraco re-
dondo. Uma luz grande....bem
azul.
- (169)-1641-Aonde estava esta luz
azul? No horizonte ou no al-
to, em cima?
R.- Não estava tão alta.
- (170)-1642-Estava como o sol, quan-
do nasce, assim?
R.- É.
- (171)-1643-Ela era de que tamanho
mais ou menos? Grande?
R.- Era muito grande.
- (172)-1644-Mais ou menos para com-
parar, para você ter uma i-
deia, era do tamanho de um
Volkswagen?
R.- Maior.
- (173)-1645-Maior ainda que um
Volkswagen? Estava lá no céu?
Longe? Azul?
R.- Azul! Lá era mais frio!
- (174)-1646-O lugar que você esta-
va era ainda mais frio?
R.- Era sim (ininteligível)
- (175)-1647-Mesmo com aquele unifor-
me ainda? E o capacete na ca-
beça?
R.- É.
- (176)-1648-E depois? Ali não exa-
minaram nada?
R.- Não.
- (177)-1649-Você só foi ver?
R.- Só.
- (178)-1650-Não falaram para você
o que era aquela bola azul
bonita no céu?
R.-(pausa prolongada)
.....falaram o nome lá....
não me lembro (dele).
- (179)-1651-Agora você vai prestar
bem atenção! Na primeira vez
que levaram você, ouviu uma
palavra! Você lembrou-se que
é....? Lembra-se da palavra?
R.- Terráqueo!
- (180)-1652-E antes da palavra ter-
ráqueo...eles falaram uma pa-
lavra na língua deles que vo-
cê não entendeu! (referindo-
se Ney à regressão anterior
por hipnose). Que palavra e-
ra?(pausa)..... Então
pense bem, agora! Qual é a
palavra que falaram antes (em
outra ocasião)? Não era pare-
cida com o que eles falaram
agora com (relação) a esta
bola?.....(pausa)....ou não
(era)?ou você não se
lembra disso?....(pausa pro-
longada)..... a palavra (i-
ninteligível).
R.- (ininteligível)
- (181)-1653-Agora, a outra palavra
que eles falaram daquela bo-
la azul? Você não se lembra
de ter ouvido ela na primei-
ra vez em que foi levado? Pa-
recia palavra igual?
R.- Não.
- (182)-1654-Bem, depois dos pelu-
dos, o que mais aconteceu?
R.- Aí.....nós.....foram para
a nave outra vez.
- (183)-1655-E daí?
R.-Mais um pouquinho chega-
ram.....mais perto daquele
azul.....
- (184)-1656-E daí? A bola ficou de
que tamanho? Maior ou menor?
R.- Bem maior.
- (185)-1657-Bem maior?
R.- Aí senti mais frio ainda
.....estava mais.....
- (186)-1658-Mais frio?
R.- Mais congelada.

Perguntas nºs. 187 a 219: As equipes extraterrestres movimentam-se em forma de levitação ou controle gravitacional. São observados mapas e inscrições gravadas nas pedras.

- (187)-1659-E depois?
R.- Quando saí da nave não dava para por os pés no chãoficava flutuando.
- (188)-1660-Não pisava no chão?
R.- Não!
- (189)-1661-Flutuava?
R.- É.
- (190)-1662-Neste lugar os verdes foram também?
R.- E os louros.
- (191)-1663-E algum peludo foi ou não?
R.- Foram dois.
- (192)-1664-Dois peludos? E neste lugar tinha mais genté?
R.- Não.
- (193)-1665-Não tinha nada lá?
R.- Não.
- (194)-1666-E o que você viu lá ^{sem} ser a bola azul? Tinha casas ou era só pedra?
R.- Só pedras.....só.
- (195)-1667-E montanhas de novo?
R.- É.....tudo escrito.....
- (196)-1668-Tinha escritos lá?
R.- Tinha negócio assim tipo mapa.....estas coisas.
- (197)-1669-Espera um pouco! Este tipo de mapa que você viu, era dentro ou fora da nave?
R.- Fora.
- (198)-1670-Mas, como, dentro de alguma coisa ou na pedra?
R.- Na pedra.
- (199)-1671-Na pedra?
R.- Tudo isto na pedra.
- (200)-1672-Estava escrito? Tinha um mapa? Você já viu algo ou alguém parecido, aqui? Não?
R.- Não. Tinha uns nomes também.....
- (201)-1673-De que jeito eram os nomes?
R.- Não dava para ver.
- (202)-1674-De que jeito eram os nomes? E números, iguais aos nosso ou diferentes?
R.- Diferente.
- (203)-1675-Não deu para saber que números eram?
R.- Não.
- (204)-1676-Tinha cor?
R.- Os números todo avermelhado.
- (205)-1677-Avermelhado? E o mapa tinha outra cor?
R.- O mapa era azul.
- (206)-1678-Azul? Você acha que este mapa era feito com tinta ou era feito na pedra mesmo?
R.- Feito na pedra.
- (207)-1679-Na pedra? E a cor ficou diferente na pedra? E o que mais você viu?
R.-(pausa extensa)....
- (208)-1680-Aí você ficou flutuando, não é?
R.- Fiquei.
- (209)-1681-E em que altura? Bem alto ou pertinho do chão?
R.- Oi... 1 metro.
- (210)-1682-Um metro de altura do chão? E eles saíram fora?
R.- Sim.
- (211)-1683-Saíram da nave flutuando?
R.- É.
- (212)-1684-Saíram junto com você?
R.- É.
- (213)-1685-E mostraram isto que você falou, e o que mais?
R.- Tinha uma pedra grande as sim. Dei a volta nela.....

- do outro lado.....
- (214)-1686-Flutuando?
R.- É... Aí mostraram emblema....(ininteligível)..... (ininteligível) e junto estavam os verdes.
- (215)-1687-Emblema dos verdes?
R.- É. Emblema dos verdes.
- (216)-1688-Emblema dos verdes.... mas espera um pouco.... e os marrons, os morenos? Como você os chama, que emblema eles usam?
R.- É o mesmo.
- (217)-1689-Igual ao dos verdes?
R.- É.
- (218)-1690-E os louros? Tinham algum emblema no peito ou não tinha nada?
R.- Não tinha nada.
- (219)-1691-Não tinha nada? E os louros, no lugar que a gente põe o cinto, eles tinham alguma coisa?
R.- Tinha cinturão.
- (220)-1692-Que cor?....(pausa)... Igual à cor do punho?
R.- Verde.
- (221)-1693-Verde cinturão?... Depois disto, (ininteligível).. roupa, que mais? A gola.... cinto outra cor.... e aí.... voltou para a nave ou foi ver outra coisa?
R.- Levaram (me) noutra pedra na frente.
- (222)-1649-O que é que tem na outra?
R.- Tinha mais um emblema... aquilo era.....
- (223)-1695-Diferente?
R.- Um triângulo.
- (224)-1696-Um triângulo? Que mais?
R.- Isso.
- (225)-1697-Aí, só mostraram isso?
R.- É.
- (226)-1698-E depois, puseram você na nave de novo?
R.- Voltei dentro da nave já.
- (227)-1699-E daí?
R.- Para dentro da nave e das casinhas.
- (228)-1700-Aí voltou lá nas casinhas?
R.- (muito baixinho) Voltei.
- (229)-1701-E entre tudo o que você viu lá nas casinhas, tinha mulher ou só...
R.- Tinha mulher.
- (230)-1702-Tinha mulher também? Bonita ou feia? Que tipo de mulher? Do tipo dos morenos, dos verdes ou dos louros?
R.- Louro(s).
- (231)-1703-Louro(s)? Tinha mulher?
R.- Tinha.
- (232)-1704-E aí? Nas casinhas o que mais que aconteceu?.... (pausa longa).... e para onde se vai (ininteligível)... na nave?
R.- Fui para as casinhas.... deitaram (me) na cama (para)descansar mais um poucoaí riscaram triângulo no braço.
- (233)-1705-Ah, fizeram um triângulo no braço....daí é que riscaram o braço? E depois disso?
R.- (pausa)...aplicaram negócio branco e tirou sangue... Eu perguntei porque estava aplicando aquilo..... líquido branco (explicaram que era) para tomar pancada e não nada.....
- (234)-1706-Ah...(ininteligível) é só neste braço ou pancada no corpo todo?
R.- Corpo todo.
- (235)-1707-Pode dar cacetada em você agora ou ainda não fez efeito?....(pausa)....Hein? ... (pausa)....Não sabe?
R.- Disseram que depois de duas horas já tinha efeito.
- (236)-1708-Quer dizer que só depois de duas horas? E depois disso que mais aconteceu?

- R.- Senti que tinha bastante bichinho assim dentro da casinha...casinha...na casinha tinha bichinho (ininteligível).
- (237)-1709-De que jeito eram os bichinhos?
R.- Parecia um caranguejo.
- (238)-1710-Ah, uns bichos parecidos com caranguejo? Mas era caranguejo ou não?
R.- (rindo) É, a forma era de caranguejo.
- (239)-1711-Mas (ininteligível) diferente ou o que? Tinham cabelo ou eram como caranguejos?
R.- É peludinho.
- (240)-1712-Peludinho? Mais parecidos com aranha caranguejeira?
R.- É.
- (241)-1713-E era igual a caranguejo?
R.- Igual.
- (242)-1714-E as mãozinhas deles tinham alguma coisa? Igual a caranguejo, assim?
R.- Igual as mesmas presas deles.
- (243)-1715-Tesourinha lá na ponta?
R.- Então perguntei para aqueles bichos. Então falaram que não era bicho.
- (244)-1716-O que era aquilo? (pausa)..... O que eram, Antônio, aqueles caranguejos falaram? Hein? Será que não era bicho?
R.- (ininteligível) não falaram o que era (grunhido).
- (245)-1717-Eles estavam soltos ou presos? Estavam andando igual a eles lá?
R.- Estavam andando.
- (246)-1718-Igual a eles.....de lá para cá?
R.- É.
- (247)-1719-O que eles faziam, faziam alguma coisa...ou só ficaram lá, se movendo?
R.- Ficaram se movendo.
- (248)-1720-Vieram examinar você ou você foi examiná-los?
R.- (pausa).....Eles me levaram lá perto....mandaram tocar um.
- (249)-1721-Você pegou?
R.- Parecia... uns pedras de gelo.
- (250)-1722-Era frio?
R.- Frio.
- (251)-1723-Não mordeu, não?
R.- Não.
- (252)-1724-Que mais? Aí você devolveu-o lá?
R.- Devolvi.
- (253)-1725-Depois disto, o que mais aconteceu?... (pausa)... Foi a mais algum lugar ou trouxeram-no de volta?
R.- Aí, depois perguntei porque eles criam estes bichos e...tornaram repetir que não era bicho.
- (254)-1726-E não falaram o que era?
R.- No lugar que eles iam... se eles aprovassem... neste lugar eles soltavam uns dois, três daqueles.....
- (255)-1727-Para tomar conta?
R.- É.
- (256)-1728-Soltavam em volta? Aqui, na Terra, já soltaram algum? Não?
R.- Já...já vi destes aqui..
- (257)-1729-Ótimo! Dentro da nave ou da terra?
R.- Lá no mato.
- (258)-1730-No mato que você viu?
R.- Uma vez que, sozinho em casa...estava mais nervoso...então saí lá para aquele

- lugar que tinha descido outra vez.....
- (259)-1731-Ah...você me levou lá certo?
R.- Cheguei lá....aquele pau (árvore) que foi caído lá... (ininteligível)...eu pegueisentei lá e fiquei lá.. estava difícil para entrar no lugar...mas quebrei o mato.....perfeitamente.....eu cheguei lá....catei um pauzinho...aí comecei a catucar aquele lugar que fofaram a terra....aí achei um bem grandão.....
- (260)-1732-Estava vivo ou morto?
R.- Estava vivo.
- (261)-1733-O que ele fazia lá? Estava passeando?
R.- Eu quando descobri ele assim....eles estava embaixo de uma pedra.
- (262)-1734-Você o viu de novo? Não?
R.- Aí, continuei a cavocarcontinuei a cavocar e parecia que o mato estava quebrando todo...que conversei minha cabeça assim.....
- (263)-1735-Sei. Você não via nada mas escutava uma conversa dentro da cabeça?
R.- É...comecei a catucar... achei mais dois....(pausa).. (ininteligível)...cada um.... cavavam um lugarzinho embaixo duma pedra e entravam ali.....
- (264)-1736-E para que servem estes bichinhos? O que é que fazem? Para que servem?
R.- Comecei a cavocar.....achei uns....achei quatro.
- (265)-1737-Quatro bichinhos? E daí?
R.- Aí escutei aquela voz atrás de mim falando que..... não adiantava procurar nada ali, que eu estava campando (procurando) só....que tinha (m) levado.
- (266)-1738-E não falou para que servem estes bichinhos? Estes, permitem você de falar?
R.- Acho que sim.
- (267)-1739-Você não sabe? Certo?
R.- (ininteligível) chegou aquela voz e mandou olhar para a pedra....que entrou bichinho.
- (268)-1740-Ehhh.
R.- A pedra parecia pedra de fogo.
- (269)-1741-Pedra de fogo?
R.- Toda vermelha...(pausa).
- (270)-1742-Aí você não via mais? Lá onde você estava, além dos bichinhos, mostraram mais alguma coisa? Ou puseram você na nave e devolveram?
R.- Aí puseram na nave..... (para) trazer(me)embora.....
- (271)-1743-Aí...já estava clareando o dia? Ou não?
R.- Não.
- (272)-1744-Aí você se lembra onde desceu? De que jeito você desceu? Foi jogado de paraquedas ou de cabeça para baixo? Como você chegou à sua casa?
R.- É a luz.
- (273)-1745-A luz devolveu-lhe de novo? Pôs você no chão? Aí na descida, você dormiu, não viu mais nada, o que aconteceu?
R.- Aí caí ali...deu sono e dormi....
- (274)-1746-Ah... deu muito sono ali? Ou só devolveram você?
R.- Conversaram de modo esquisito...não dava para entender....
- (275)-1747-Não falaram quando?
R.- Não! Estou com vontade de mostrar aquele lugar... onde

- os peludos (ininteligível).
- (276)-1748-Então vão levá-lo de novo, lá?
R.- Vão me mostrar mais coisas.
- (277)-1749-Mais coisas lá, ainda?
R.- É.
- (278)-1750-E que coisas têm mais naquele lugar que você não viu?
R.- Não (vi).
- (279)-1751-Os peludos falavam? Você ouviu-os falarem entre eles? Não? Os peludos, os grandões lá, que pareciam macacos, eles conversavam ou não?
R.- Conversavam de modo esquisito....não dava para entender.
- (280)-1752-Não dava para entender?
R.- Parecia ser mais brabo..
- (281)-1753-Parecia ser mais brabo...fazia mais barulho?
R.- É.
- (282)-1754-Eles usavam alguma coisa nos pés ou estavam descalços?
R.- Tudo descalço(ininteligível.....)
- (283)-1735-Igualzinho ao macaco mesmo, não é? Não tinha diferença?.....(pausa)..... Eles moravam em casinha igual a dos outros....ou eram diferentes? Não tinha nada lá?
R.-Não vi nada....
- (284)-1756-Não tinha nada lá? Estava lá nas pedras, só?
R.-(pausa).....
- (285)-1757-Quero me comunicar com eles agora... Veja se é possível fazer mais perguntas. Tente comunicar-se com eles!
R.- Está doendo meu braço.
- (286)-1758-Está doendo? Não dá para comunicar hoje? Hein?....(pausa prolongada)... Dá ou não dá para comunicar?.....(pausa).....
R.- Acho que não!
- (287)-1759-NMP-Não dá hoje?.....

Perguntas n.ºs. 288 a 300: Mais detalhes sobre a técnica de locomoção.

- (288)-1760-WB- Você ficou deitado na terra depois?
R.- Fiquei,
- (289)-1761-WB- Mas a roupa que você usou, deles, ficou no seu corpo ou devolveu a eles?
R.- A branca, que o Sr. fala?
- (290)-1762-WB- Sim.
R.- Devolvi.
- (291)-1763-WB- Devolveu? Você mesmo tirou ou eles tiraram esta roupa?
R.- Quando devia, eu tirei..
- (292)-1764-WB- Você mesmo tirou? Mandaram tirar? E você saberia hoje, vestir esta roupa sozinho, perfeitamente?
R.- Sei....
- (293)-1765-WB- E esta roupa é para ficar andando no ar, também, não é?
R.- É.
- (294)-1766-WB- E como é que você conseguiu andar? Qual é o truque? Como é que você fez para andar de frente, de lado. Você pensava que ia andar em determinada direção e conseguia? Como foi?
R.- Eles me mandaram concentrar bem!
- (295)-1767-WB- Ah, mandam concentrar bem. Você escutou isso deles? Hein?

R.- É...mandam concentrar bem...concentrar... consegue (andar).

(296)-1768-WB- Você consegue concentrar bem? Você anda tão bem quanto eles ou eles são mais ligeiros para andar?

R.- Lá fizeram teste para andar!

(297)-1769-WB- Mas você consegue andar tão bem quanto eles agora? E quando você quer descer para a Terra, como é que você faz? Concentra também? O que é que faz? Aperta um botão?

R.- Para gente salta... eles mandam a...concentrar bem...

(298)-1770-WB- Mandam concentrar bem para descer? E você pode se tornar invisível? Ou não? Dá para isso? Não?

R.- Não!

(299)-1771-WB- E você só esteve naquele lugar das pedras, não?

R.- Só.

(300)-1772-WB- Não foi a outro lugar, não?

R.- Não!

Perguntas n.ºs. 301 a 305: Mais detalhes sobre os "peludos".

(301)-1773-WB- Este lugar das pedras é moradia dos peludos, dos verdes, dos marrons, dos louros, ou de todos os quatro? Quem vive lá?

R.- Numa parte só os verdes e marrons e os ...louros... na outra parte ficam os peludos...

(302)-1774-WB- Ah, estes peludos têm casa própria, ou não têm casa própria?

R.- Não têm casa!

(303)-1775-WB- Não têm casa. 0

que acha dos peludos? São animais ou são gente?

R.- São mais para animais do que para gente!

(304)-1776-WB- Mais animais do que gente? Estavam construindo qualquer coisa, ajudando em alguma construção que fizeram lá?

R.- Não...nada...!

(305)-1777-WB- Estavam lá só se divertindo?

R.- Estavam lá....

Perguntas n.ºs. 306 a 318: Dados sobre a alimentação.

(306)-1778-WB- E você viu eles comerem alguma coisa para viver?

R.- Não!

(307)-1789-WB- E enquanto você estava lá, os verdes comiam alguma coisa para viver?

R.- Só tomaram aquele líquido ...mais....

(308)-1780-WB- Só tomaram aquele líquido? E os marrons?

R.- Também!

(309)-1781- E os louros?

R.- Também, tudo a mesma coisa.

(310)-1782-WB- E os louros, marrons e verdes se entendiam bem?

R.- Entendem bem!

(311)-1783-WB- Eles falavam ou só por telepatia? Você viu eles falarem?

R.- Mais por telepatia.

(312)-1784-WB- Hein?

R.- Telepatia!

(313)-1785-WB- Você bebeu daquele líquido, muito ou pouco?

R.- Tomei umas duas vezes.

(314)-1786-WB- Duas vezes? Você achou bom ou não? Como era?

R.- Melhor que aquele que topei da primeira viagem... o primeiro era mais ruim...

(315)-1787-WB- (não entendendo a resposta pergunta erradamente)...segunda vez mais ruim? E a quantidade da primeira vez?

R.- Uma jarra.

(316)-1788-WB- E a segunda vez?

R.- A segunda vez foi uns copinhos....

(317)-1789-WB- Uns copinhos? Não é? E qual foi o gosto da segunda vez?

R.- Foi um gosto assim de laranja.

(318)-1789-WB- Laranja? Muito bom! E a primeira vez?

R.- A primeira vez...um gosto mais ruim.....

(319)-1791-WB- Como era o gosto da primeira vez, então?

R.- Era um negócio amargo com co fel.

(320)-1792-WB- Isso lhe deu força? Você sentiu-se mais forte? Ou sentiu-se mais sonolento? Qual foi o efeito?

R.- Mais forte!

CIPEX e GENA

2004

Perguntas n.ºs. 321 a 356: Questões de filosofia, saúde, vida familiar e programações futuras.

(321)-1793-WB- Quando você vai ter outro encontro lá, com o pessoal? Está previsto?

R.- Eles dizem que vão me pegar outra vez...mas não falou quando.

(322)-1749-WB- Não falaram? E qual é a raça que vem agora, das três? Das quatro?

R.- Louro!

(323)-1795-WB- Louro? E você viu alguma mulher loura, lá também?

R.- Tem.

(324)-1796-WB- E ela falou com você?

R.- Não!

(325)-1797-WB- Quem falava dos louros com você?

R.- Só um.

(326)-1798-WB- E o que ele queria saber de você?

R.- ... (pausa)...queria saber como era o meu trabalho...como é (eu) estava se comportando.

(327)-1794-WB- Comportando quem?

R.- Se fazia muita bagunça? ...Se eu estava fumando?

(328)-1800-WB- Se você estava fumando?

R.- Se eu brigava muito?

(329)-1807-WB- Se brigava muito?

(330)-1802-WB- Porque ele queria saber disso?

R.- Disse que nada disso tem valor.

(331)-1803-WB- Hein?

R.- Nada disso tem valor! Brigava nenhuma! Fumar não pode!

(332)-1804-WB- Eles falaram alguma coisa do seu filho? Daqui da Terra?

R.- ... (pausa).

(333)-1805-WB- Falaram alguma coisa de sua mulher? Daqui da Terra? Da sua esposa de Mirassol?

R.- Falou!

(334)-1806-WB- Falou? O que é que ele falou?

R.- ... (pausa)..fala que.. ela não acredita muito nestas coisas.

- (335)-1807-WB- Em que é que não a credita?
R.- ... (pausa)...
- (336)-1808-WB- Ah, ela é quem não acredita?
R.- É.
- (337)-1809-WB- Ah, é?
R.- É por isso que eles vieram desta vez.
- (338)-1810-WB- Ah, sei.
R.- Estão tentando provar pa ra ela...que... e para todo mundo que eles existem!
- (339)-1811-WB- Como é que é? Todo mundo?
R.- É que eles existem.
- (340)-1812-WB- (Não entendeu a resposta) Insistem? Para que?
R.- (retificando) Existem!
- (341)-1813-WB- Que existem? Ah, sim, mas porque não aparecem logo para sua esposa, aqui, para mostrar que existem?
R.- ...ela vai sentir muito medo deles!
- (342)-1814-WB- Sentir muito medo?
R.- Sim!
- (343)-1815-WB- E falaram do seu filho também?
R.- ... (pausa)... não!
- (344)-1816-WB- Quantos filhos você tem?
R.- Aqui tem um.
- (345)-1817-WB- Aqui tem um? Você só tem um filho?
R.- Lá com eles tem uma meni na!
- (346)-1818-WB- Hein?
R.- Tem uma menina com eles.
- (347)-1819-WB- Com eles? Hein? Uma menina?
R.- É.
- (348)-1820-WB- E você a viu?
R.- Está grandinha!
- (349)-1821- Hein?
R.- Está grande!
- (350)-1822-WB- Epa! Está bonita? Está diferente? Gostou dela?
R.- Gostei!
- (351)-1823-WB- Falou com ela?
R.- Falei.
- (352)-1824-WB- O que você ê falou?
R.- ... (pausa)... Perguntei se ela me conhecia?
- (353)-1825-WB- É, e o que ela res pondeu?
R.- Que sou pai dela.
- (354)-1826-WB- Quer dizer que você é o pai dela?
R.- Sim.
- (355)-1827-WB- Por telepatia ou falando?
R.- Telepatia.
- (356)-1828-WB- Por telepatia? Como é que são as feições dela? Eu estou interessado. Eu conheço seu filho aqui, mas não conheço sua filha de lá! Como é sua filha? Pode descrever? Não quer apresentá-la um dia a nós? Ao professor Ney? Somos curiosos, queremos conhecê-la! Como ela é?
R.- Morena.
- (357)-1829-WB- Morena?... Que mais?
R.- Cabelo cheio!
- (358)-1830-WB- Cabelo cheio! Que cor?
R.- Avermelhado.
- (359)-1831-WB- Avermelhado? E... e orelha?
R.- Um pouquinho pontudo!
- (360)-1832-WB- Pouquinho pontuda? Quer dizer... a mais parecida com... não é tanto (pontuda) como os outros?
R.- Não!
- (361)-1833-WB- Ela sabe ler, excre ver.... (pausa)... ou lá não usam?
R.- Não sei, não!
- (362)-1834-WB- Não sabe? Você acha que ela é inteligente?

R.- Inteligente!

(363)-1835-WB- É inteligente? Por que?

R.- É inteligente!

(364)-1836-WB- Por que você viu que ela é inteligente?.....

(pausa)...Ela conhece o prof. Ney?...(pausa)...Ela sabe que existe o prof. Ney?

R.- Sabe que existe!

(365)-1837-WB- Ela não tem curiosidade de conhece-lo? Não?

(pausa)...não quer conhecer sua família aqui na Terra? Em Mirassol?

R.- Não!

(366)-1848-WB-Hein? E os verdes, os marrons, não querem conhecer o prof. Ney? Ou já conhecem?

R.- Eles já viram!

(367)-1849-WB- Eles viram quando? (pausa)...Eles têm condições para vê-lo?

R.- Têm! Quando ele esteve no matinho!

(368)-1850-WB- Ah, quando foi no matinho? Eles viram ele?

R.- ...Deu para ver...

DOS EPISÓDIOS UFOLÓGICOS		DAS REGRESSÕES		
Episódios	Datas	Tipos de regressão	Datas	Nº das Interrogantes atas
1º seqüestro	27/6/79	Por sensitiva	5/8/79	001 a 379....A.F. e N.M.P.
		Por hipnose	19/8/79	380 a 937....A.F., W.B. e N.M.P.
(x) encontro no matinho da fábrica	ignora- da data exata	Dez. 1980		
(x) encontro na gruta	ignora- da data exata			
(x) avistamen- to à dis- tância do DV e filha	ignora- da data exata			
2º seqüestro	7/8/82	Por hipnose - outros encon- tros foram e- videnciados du- rante esta re- gressão	11/1/83	938 a 1054...A.F. 1055 a 1197...N.M.P.
4º ou 5º encon- tro. Visita do ufonauta à ca- sa de Antônio Carlos	31/12/82	Por hipnose outros encon- tros (x) fo- ram evidencia- dos durante es- ta regressão	2/4/83	1198 a 1446...W.B. 1447 a 1474...N.M.P.
6º encon- tro. Seqüestro com ida à Lua	16/7/84	Por hipnose	30/7/84	1475 a 1850...N.M.P. e W.B.
7º encon- tro. Seqüestro com 2ª ida à Lua, em plena cons- ciência	noite de 4 para 5/11/84 - domingo pa- ra 2ª f. das 22h 30min. às 6h.	regressão re- latada em consciência	em 17 e 18/11/84	na presença de N.M. P., L.M.P., W. e V. Buhler.

Abreviações: NMP = Ney Matiel Pires LMP = Lourney Matiel Pires
AF = Álvaro Fernandes WB = Walter Buhler
VB = Vilma Buhler

CIPEX e GENA
2004

Pesquisa: Ney Matiel Pires

No relatório de 18 de outubro informamos a descoberta de um ciclo de 18 meses, entre a ida e o retorno dos seres e a sua possível permanência entre nós por um período de 6 meses, de junho a dezembro. Previmos, com base em ocorrências anteriores, que até dezembro de 1984 poderia haver ainda mais um ou dois contatos, e que depois disso só voltariam a acontecer a partir de junho de oitenta e seis.

Embora na expectativa do fato, foi com surpresa que na segunda-feira, cinco de novembro, recebemos um recado de Antônio Carlos comunicando que novo seqüestro havia ocorrido naquela noite e que ele estaria em casa, pois faltara ao serviço por não sentir-se bem, estando um pouco atordoado.

Não fui procurá-lo durante o dia para que ficasse em repouso, mas por volta das vinte horas mandei buscá-lo, dele ouvindo o seguinte:

Na noite do dia quatro, por volta das 22:30 horas, o moço acordou sentindo muito calor e forte vontade de sair para o quintal.

Assim que saiu foi envolvido por uma luz vermelha que o puxou mais uma vez para o interior de uma pequena nave, que em poucos segundos já se encontrava no bojo de outra bem maior.

De acordo com suas vagas informações repetiu-se mais uma vez a mesma rotina do seqüestro anterior; a mesma viagem para o mesmo local desconhecido, sem qualquer noção de onde poderia estar.

Quanto ao regresso, só se recorda de ter acordado atrás da casa e envolto em um cobertor. Esse cobertor foi levado por Jandira,

sua esposa, que não conseguindo a corda-ló, resolveu cobri-lo e deixar que dormisse ali mesmo.

Ao examiná-lo pude notar em seu braço esquerdo a já costumeira marca de picada de agulha na veia.

Outro fato curioso foi que, as marcas deixadas em seu peito e braço esquerdo estavam muito mais salientes que antes do seqüestro. De resto, seu aspecto físico tinha aparência normal, como se nada houvesse ocorrido.

Com Antônio ainda presente comuniquei-me com o doutor Walter Buhler e concluímos que mais uma regressão de memória deveria ser feita.

Em entendimento com o parapsicólogo Álvaro Fernandes, acertamos que a mesma seria no próximo dia dezoito, e assim, mais uma vez, doutor Buhler viajou para Mirassol.

DE VOLTA À LUA

Nessa regressão, Antônio Carlos confirma tudo o que havia narrado conscientemente, e tanto a forma do seqüestro como a viagem e a paisagem descritas, em nada diferem da viagem anterior. Portanto, não entraremos em detalhes para não ficarmos repetindo o mesmo que ocorreu na regressão passada.

Contudo, desta vez a ordem de seqüência foi alterada, pois o primeiro local onde desceu era desconhecido para ele. Era bastante frio, com "buracos" redondos e montanhas brancas e pontudas.

Viu uma luz azul clara, mas não disse onde. Foi levado para

(*Obs: Fora descoberto pela esposa às 6:00 h da manhã.

um setor onde, segundo ele havia uma luz vermelha a uns vinte metros de altura. Notou também algo semelhante a uma parede escura onde percebeu uma espécie de porta de entrada. Dentro haviam muitas camas, quase iguais às nossas e revestidas por um tecido branco. Eram duras e frias. Em uma das paredes observou muitos cinturões dependurados.

De volta à nave foi levado para uma região muito escura, que também não vira antes, de onde observou além do horizonte, uma grande "bola azul".

Mais uma vez foi reconduzido à nave e levado para outro sítio, lugar já conhecido da viagem anterior, onde havia uma série de casinhas tipo forno.

Além da rotina já mencionada na regressão do dia trinta de julho, Antônio forneceu uma série de novas informações que serão omitidas desse relatório, para que em futuras regressões sejam melhor esclarecidas. Informa ainda que todos os seres, com exceção dos peludos, têm a pele ou o corpo gelado. (Seria o corpo ou o traje que usam, cuja parte externa ficaria gelada devido ao frio exterior?).

Saindo das casinhas foi levado para o interior de uma grande nave circular (quarenta metros de diâmetro) que ao que tudo indica seria uma nave-laboratório, pois em diversos compartimentos fizeram com ele grande número de testes, através dos mais variados aparelhos.

Num dos compartimentos permaneceu durante, aproximadamente, uns vinte minutos em uma espécie de boxe iluminado por uma luz vermelha. Chegou a suar frio.

Em outro colocaram-lhe aparelhos no braço e no pescoço, injetando antes um líquido branco em seu braço esquerdo.

Numa terceira sala foi colocado em sua cabeça um aparelho cheio de fios, que emitia um ruído fino e penetrante.

Conduzido ainda para uma quarta sala colocaram-no em um grande aparelho de cor azul, "semelhante a um guarda-roupa". Quando ligaram o aparelho, segundo Antônio descreveu, saíram faíscas das pontas de seus dedos. (Ao que parece, o equipamento gerava correntes de alta frequência).

Finalmente foi levado para um quinto compartimento, onde tomou o também conhecido líquido amarelo com sabor de laranja.

Nesse local recebeu a visita de um ser do tipo louro e alto, que perguntou-lhe telepaticamente se estava bem. A seguir surgiu outro ser, também louro, que Antônio observou tratar-se de uma mulher.

Trajava um macacão azul com listas pretas nos punhos, gola e tornozelos e na cintura, um cinturão preto de onde pendia uma espécie de arma, semelhante a que usaram contra ele na noite de trinta e um de dezembro de 1982, queimando-lhe a camisa.

Terminada a visita, Antônio foi conduzido novamente para a nave original e trazido de volta, não se recordando de que forma foi deixado novamente no quintal de sua casa.

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CASO

Analisando este último sequestro observamos que em dado momento da regressão Antônio Carlos, respondendo a uma de nossas perguntas informou que o tempo decorrido entre o momento do sequestro, até a sua chegada naquele local para ele desconhecido, foi de aproximadamente vinte minutos.

Se este lugar for realmente

o nosso satélite e se a estimativa do tempo decorrido for correta, a nave que o transportou desenvolveu a incrível velocidade de 320 quilômetros por segundo.

Outro fato interessante foi o de que, desta vez fizeram um verdadeiro "check up" em Antônio, fazendo-o passar por uma série de aparelhos ao longo dos diversos compartimentos de uma nave circular com aproximadamente 1.500 metros quadrados de área que teria a função de laboratório espacial.

Convém salientar ainda que nos dois últimos seqüestros, os seres utilizaram-se de uma luz verde ao transportarem Antônio para dentro da nave. Contudo, desta vez, ao invés de uma luz verde foi usada uma luz vermelha, com a mesma função específica, ou seja, servir como meio de transporte. Estaria essa variação de frequência relacionada com as condições físicas, biológicas ou psíquicas do indivíduo? Ou seriam essas variações de cores, consequência da ação de uma gravidade artificial

criada pelos seres e que funciona atraindo tudo que se encontra dentro de seu raio de ação, condizendo assim com a teoria do campo G, de Oberth.

Podemos informar ainda, que quando fizemos o relacionamento das posições da Lua com as datas dos seqüestros, notamos que quase todas ocorreram com as posições do nosso satélite relativamente próximas do plenilúneo. (Ver gráfico nº 14).

Se considerarmos hipoteticamente, a exemplo de 1982, neste ano poderá haver ainda um terceiro contato. É razoável supor apenas como hipótese, que o mesmo poderá ocorrer entre 5 e 12 de dezembro, época em que a Lua percorrerá as mesmas posições dos contatos anteriores.

Contudo, informamos que isso não passa de uma simples conjectura, podendo tudo não passar de mera coincidência de datas ou de um tiro dado no escuro.

Mirassol, 28 de novembro de 1984.

Ney Matiel Pires

CIPEX e GENA

2004

Aparição de uma pequena bola luminosa.

O senhor José Pereira, funcionário público municipal, residente à rua Miguel Cione, nº 28-31, no Bairro São Bernardo, em Mirassol, informou-nos a respeito de um fenômeno ocorrido com ele e sua esposa na terça-feira, 27 de novembro de 1984.

Disse ele que por volta das 20:30 horas assistiam televisão deitados em um tapete, pois fazia muito calor. A casa estava aberta

e as luzes apagadas quando teve sua atenção despertada por um objeto esférico e luminoso, de uma cor amarela-azulada e com uns seis centímetros de diâmetro, que se movimentava pela cozinha.

Em dado momento o objeto encaminhou-se para a porta que separa a cozinha da sala onde estavam e cresceu mais um pouco, aparentando uns dez centímetros. Nesse momento sua esposa observou também a luz e gritou assustada. A luz imediatamente voltou para a cozinha, encaminhou-se para a porta e desapareceu. O senhor José tentou segui-la, mas sua esposa estava com muito medo e não quis ficar só.

Mirassol, 1º de dezembro de 1984.

CASO DA ESCOLA AGRÍCOLA DE MIRASSOL

Pesquisas: Ney M. Pires

CIPEX e GENA
2004

Na noite de 10 de dezembro de 1984, um objeto voador não identificado perambulou sobre Mirassol, sendo observado na zona sul do município, bem próximo dos limites da fazenda Campo, onde em 1980 já ocorrera a descida de um outro objeto voador.

De perto, o fenômeno foi observado pelo jovem Heitor Sampaio Silva, de vinte e dois anos de idade, matriculado no curso de Agropecuária da Escola Estadual de Segundo Grau Agrícola de Mirassol.

Esse moço, como muitos outros, por morarem em cidades distantes residem na própria escola, que lhes fornece refeições e alojamento.

Terminado o ano letivo iniciou-se na escola a reforma do prédio e quando esta atingiu os alojamentos, os alunos que lá se encontravam passaram a dormir em outras dependências.

Na noite em questão, devido ao calor e ao cheiro da tinta, Heitor e mais um colega resolveram dormir fora do prédio, pois embora o céu estivesse nublado não havia perspectiva de alguma chuva para a noite.

Por volta das nove horas o jovem acordou com a cidade às escuras e no céu, bem à sua frente observou um objeto

extremamente luminoso, de um amarelo cor de fogo, circundado por uma luz azulada. No centro do mesmo percebiam-se várias luzes de cores azul e vermelha, notando ainda que o objeto parecia girar rapidamente, emitindo forte luminosidade.

A seguir notou que o OVNI subia verticalmente e à certa altura, em ângulo reto, passou para o

vôo horizontal, rumo sudoeste em direção à cidade de Jaci, diminuindo de tamanho até perder-se de vista. Assim que o aparelho se afastou as luzes da cidade voltaram a acender-se.

Seu colega, que também dormia bem próximo, não acordou e nada pode observar. Heitor disse ter tido vontade de acordá-lo mas não conseguiu.

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CASO

À primeira vista, o caso da Escola Agrícola aparenta ser apenas mais um fato rotineiro. Contudo, se atentarmos para certos detalhes que veremos a seguir surge a suspeita de que talvez nesse caso possa ter havido algo mais do que um simples avistamento.

1º - O moço ao narrar o incidente demonstrava estar muito amedrontado, quase apavorado.

É razoável supor que um objeto luminoso a uma segura distância possa despertar curiosidade, mas nunca um medo que no dia seguinte ainda permaneceu, isso em um jovem que tem coragem de dormir fora do prédio numa escola situada fora do perímetro urbano.

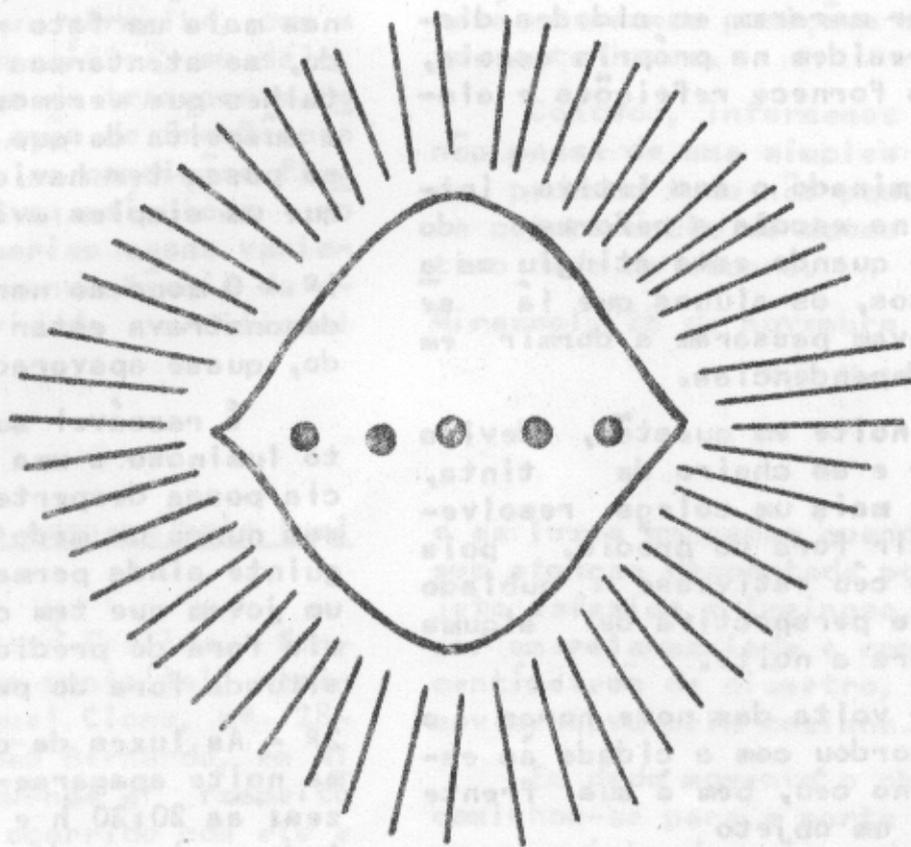
2º - As luzes da cidade nessa calma noite apagaram-se por duas vezes: às 20:20 h e às 21:00 h. Contudo as luzes das cidades vizinhas permaneceram acesas.

3º - Todavia, o jovem afirma que só acordou às nove horas, já com a cidade às escuras (tendo sido pela 2ª vez este apagamento das luzes da cidade, só o soube posteriormente). "Uma força esquisita me acordou, parece que queria que eu o visse (o engenho)", foi o comentário da testemunha.

4º - Uma vez que o observador apa vorou-se com o avistamento do OVNI, o gesto lógico a deduzir-se seria o de acordar o colega dor-mindo ao seu lado. Entretanto não o fez. Especula-se assim sobre a necessidade de procurar-se na tes-temunha eventual falha de memória (amnésia lacunar) situada entre o primeiro e o segundo aparecimento (hora do apagamento das luzes) do OVNI sobre a cidade.

5º - No caso dos contatos de Antô-nio Carlos com os ufonautas havia-mos hipoteticamente previsto con-tato entre os dias 5 e 12 de de-zembro, e isto de acordo com as posições da Lua. Mesmo assim, o OVNI apareceu no meio à data pre-vista. Será isto pura coincidên-cia? Todavia, nada ocorreu com a testemunha Antônio Carlos neste período que eu, N.M.P., até o mo-mento, saiba.

CASO DA ESCOLA AGRÍCOLA DE MIRASSOL (desenho feito por Ney Matiel Pi- res em 12/12/84, de acordo com as informações e croquis do próprio observador).



Cor : amarela-fogo.
 Detalhes: luzes nas cores vermelha e azul.
 Forma : ovalada, com ligeira saliência no meio.
 Brilho : intenso.

UMA VISITA INESPERADA PARA JANDIRA

CIPEX e GENA
2004

Pesquisa: Ney M. Pires

Na quinta-feira, seis de dezembro, por volta das nove horas, Antônio Carlos conversava com seu vizinho João Amário no portão da casa deste, a uns setenta metros de sua residência. Em dado momento ambos observaram cruzando o céu no sentido leste-oeste, bem à sua frente, um objeto esférico. Sua cor era de um verde brilhante, deixando atrás de si uma pequena esteira de faíscas azuis.

Algum tempo após a observação, Antônio despediu-se do amigo dirigindo-se diretamente para casa. Lá chegando, notou que sua mulher dormia. Deitou-se e dormiu também.

No dia seguinte, ao despertar, para surpresa sua ouviu de Jandira a seguinte história:

Enquanto esperava pelo marido ausente, assistia tranquilamente a um programa de televisão quando sem nenhuma causa aparente a imagem desapareceu e o tubo ficou completamente escuro.

Quando pensava em verificar o que poderia ter havido no aparelho notou que a porta se abria. Tentou levantar-se mas não conseguiu, deparando-se então, bem à

sua frente com um homem alto e louro, de cabelos compridos e olhos grandes e azuis.

Trajava um macacão branco, usando na cintura um largo cinto preto onde piscavam alternadamente pequenas luzes verdes e vermelhas, portando também um coldre com uma espécie de arma.

Trazia nas mãos uma jarra e um pequeno copo, no qual despejou certa quantia do conteúdo da jarra, oferecendo-lhe em seguida. Jandira não queria, mas bebeu o líquido que diz ser amarelo e com sabor de suco de laranja.

Logo após, foi-lhe oferecido um pequeno comprimido de cor branca, que de acordo com suas palavras ao ser ingerido, "parecia que ia apertando o corpo por dentro", sendo isso a última coisa de que se recorda.

Jandira queixou-se também ao marido, que sentia certa dor nas costas e Antônio ao examiná-la notou que havia um sinal semelhante ao de uma picada de agulha.

Convém ressaltar, que até à data da ocorrência Jandira nada havia visto com relação aos extraterrestres e brincava com Antônio que gostaria de ver para crer.

Mirassol, 15 de dezembro de 1984.

UMA ESTRANHA MARCA E MAIS UM SEQUESTRO

Na noite de 10 de dezembro, por volta das 21:00 h, Antônio Carlos acordou sentindo que seu braço esquerdo ardia muito, e sem atinar com a causa dormiu novamente.

Somente no dia seguinte ao

lavar o rosto foi que notou em seu antebraço esquerdo, na parte interna, um pouco abaixo da dobra do braço, mais uma estranha marca.

Ao observá-la notei que formava um perfeito triângulo retângulo e com o auxílio de uma régua

obtive as seguintes medidas:

cateto oposto.....2,50 cm
 cateto adjacente.....6,00 cm
 hipotenusa.....6,50 cm

CIPEX e GENA
 2004

MAIS UM SEQUESTRO

No dia 14 de dezembro, por volta das 23:00 h, Antônio Carlos resolveu sair para dar uma olhada no tempo, pois durante o dia havia chovido muito e a noite também prometia muita chuva.

Assim que saiu, sentiu-se mais uma vez envolvido pela luz vermelha e transportado para o interior de uma pequena nave. No interior do OVNI havia apenas três andróides, idênticos aos três que o seqüestraram em junho de 1979.

Em poucos segundos o objeto já se encontrava no bojo da nave-mãe, sendo o moço conduzido para um compartimento, observando que um dos seres de cor verde preparava algo que ele comparou com "um vidro de soro" tanto na aparência como na cor do líquido.

O ser ordenou-lhe que se deitasse em uma espécie de cama, injetando-lhe na veia do braço esquerdo todo o conteúdo do frasco. Antônio informa ainda que à medida em que o líquido era injetado, seu corpo esquentava muito.

Convém salientar ainda que foi nesse dia que as luzes se apagaram por volta das nove horas e com a cidade às escuras, uma luz foi observada sobre a casa de Antônio, ocorrendo também nesse exato momento o caso da Escola Agrícola com o jovem Heitor Sampaio.

Além desse incidente, o jovem de nada mais se recorda a não ser do momento em que foi acordado por sua mulher e seu sogro.

Como nessa noite chovia muito, Antônio não foi abandonado ao relento. Os seres tiveram o cuidado de colocá-lo em um pequeno quartinho situado entre sua casa e a do sogro.

A única segurança da porta era um pedaço de arame cujos extremos quando retorcidos por fora mantinham a porta fechada.

Após terem acomodado Antônio em uma cadeira que lá se encontrava, os seres tiveram o cuidado de ao fecharem a porta torcer as pontas do arame pelo lado de fora.

Coube ao sogro a tarefa de destorcer o arame e abrir a porta. Seu sogro informou também que, na madrugada ouviu um barulho na porta do quartinho, mas sem se preparar com a causa dormiu novamente.

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CASO

No relatório de 18/10/84 informamos a descoberta de um ciclo periódico de 18 meses entre as datas dos seqüestros e, que a frequência das datas só ocorriam de junho a dezembro, entre os solstí-

tícios de inverno e verão.

Verificamos também que as datas dos contatos ocorriam sempre próximas do plenilúneo e que dos sete contatos, cinco ocorreram no

quadrante cheia para quarto-min
guante.

Com base nessas evidências,
previmos hipoteticamente que se
nesse caso ainda houvesse alguma o
corrência seria entre os dias 5 e
12 de dezembro.

Como se tratasse apenas de u
ma hipótese, consideramos como ex
tremos as datas das ocorrências an
teriores, 10/9/79 no quadrante
cheia-minguante e 4/11/84 no qua
drante crescente-cheia. Podería
mos ter dilatado um pouco mais es
se tempo, pois tínhamos entre
quarto-crescente e quarto-minguan
te um ângulo de 180 graus.

Contudo, dos 180 graus consi
deramos apenas 90, sendo 30 entre
crescente e cheia e 60 entre cres
cente-minguante.

Na realidade o quarto-minguan
te só se daria no dia 15 de dezem
bro, às 12h:25min.

CIPEX e GENA
2004

STOP PRESS ! ! !

(OBS.: Exatamente, ao iniciar-se 1985, com o estencil do Boletim já inserido no mi
mimiógrafo, eis que surge mais outra notícia de sobrevôo de Mirassol por OVNI)

** ** *

Na noite do dia 23 de Dezembro de
1984, a senhora Joana Sueli Lopes de Esté
fani, visitava sua mãe Lázara da Silva Lo
pes, no Conjunto Habitacional (COHAB),
onde ambas residem em Mirassol (S. P.).

Já de saída, por volta das 21:30h,
conversavam no portão quando observaram
parado no céu um grande objeto luminoso
de cor amarela, em cuja volta se destaca
va circulo vermelho " como se fosse uma
neblina ".

Poderíamos pois considerar
as datas como sendo de 2 a 14 de
dezembro, preenchendo um ângulo
de aproximadamente 160 graus, co
brindo assim ambos os quadrantes.

Mesmo sem termos feito isso,
das três ocorrências, duas se en
contravam dentro do previsto, dias
6 e 10 de dezembro, e a terceira
com apenas dois dias além do esti
pulado em nossa previsão, mas
ainda dentro do quadrante cheia-minguante.

Desde que descobrimos esses
relacionamentos, tudo que previ
mos hipoteticamente na realidade
aconteceu dentro dos moldes pre
vistas, deixando-nos pois, propen
sos a descartar a possibilidade
de mera coincidência. Estamos qua
se convictos de que conseguimos es
tabelecer um relacionamento físi
co e matemático nos caminhos do
insólito.

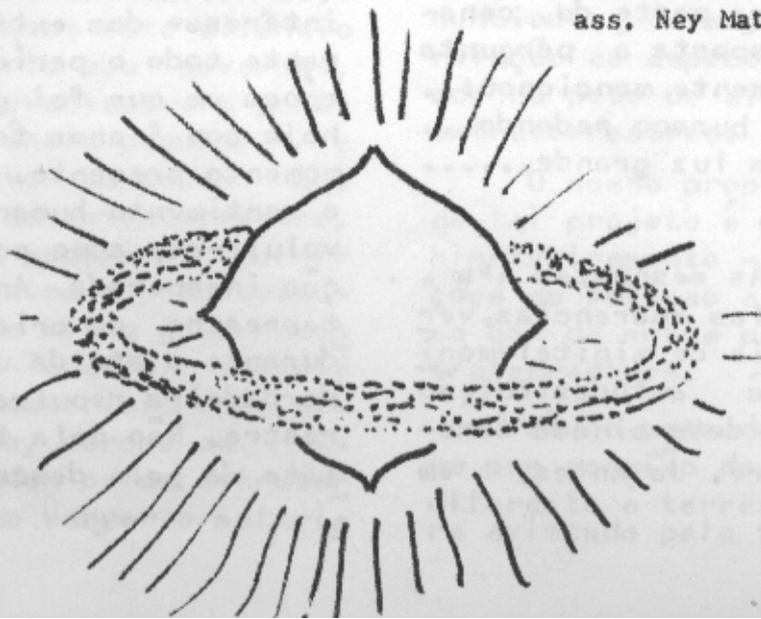
Mirassol, 15 de dezembro de 1984.

Amedrontada, Joana correu para sua
casa que fica a uns trezentos metros, no
tando que o objeto também se deslocava e
que ao fazê-lo o anel vermelho que o cir
cundava, desaparecia.

Chegando em casa, chamou pelo marido
Maurílio de Estéfani que ainda conseguiu
observar o OVNI que se dirigia para os la
dos da cidade de Jaci

Mirassol, 26 de Dezembro de 1984

ass. Ney Matiel Pires



Obs. I - Sobre problema ligado à regressão: Manter ligado ao tema o raciocínio da pessoa hipnotizada durante uma sessão de regressão pode às vezes tornar-se ta refa das mais delicadas, especialmente tratando-se, como no caso específico da testemunha Antônio Carlos de pessoa simples, introvertida, já na vida quotidiana de poucas palavras e com vocabulário restrito por tratar-se de semi-analfabeto (frustrados os esforços feitos para conseguir uma alfabetização).

Assim, para manter o diálogo fluente durante a regressão e para não servir-se de perguntas diretas, às vezes de caráter sugestivo (o que deve ser evitado), no caso presente recorreu-se frequentemente a formular questões que deixassem várias alternativas para resposta. Entretanto, quanto à elucidação de pormenores, às vezes de matéria especializada de cunho astronômico, hipoteticamente a Lua, no caso presente, pela excitação que se apoderou do interrogante, Ney Matiel Pires, pela descoberta, astrônomo amador que é, deixou-se arrebatado na pergunta 131 ao indagar diretamente a Antônio: "(se não via) nenhuma bola grande azul... no horizonte" (que poderia ser interpretada como aspecto da Terra no céu lunar). Antônio Carlos respondeu negativamente mas logo em seguida, após falar sobre outra parte do cenário lunar na resposta à pergunta 168, espontaneamente mencionou: "...passando por buraco redondo... (no céu viu) uma luz grande..... bem azul..."

Obs. II - As respostas n^{os} 1708 a 1742, pelas aparências, versam sobre espécie de minitelemonitores, dadas à autodestruição após executarem determinada tarefa extraterrestre. Já antes, em

outra regressão, Antônio Carlos nas suas respostas (n^{os} 1279 a 1293) havia, "na gruta" (da Fazenda Campo), mencionado coisas "peludas", enterradas no chão, mas na ocasião não soube explicar bem à pesquisa do que se tratava. Talvez agora, com a curiosidade avivada pelas questões levantadas pela pesquisa, tenha obtido as respostas pertinentes junto aos amigos extraterrestres.

Obs. III - Sobre a "Visão Geral" dos contatos de Antônio Carlos, bem atrás inserimos quadro cronológico destes acontecimentos e suas respectivas regressões. E não poderíamos deixar de registrar o admirável esforço da família pesquisadora Ney Matiel Pires, que durante 5 longos anos gasta seu tempo e dinheiro nesta exaustiva pesquisa, com filmes, gasolina com carro para ir a cidades vizinhas, telefonemas e despesas com correio e mimeógrafo.

Consideramos portanto, válido este dispêndio de esforço pelos seguintes motivos. Dentre a meia dúzia de casos brasileiros, entre os quais destacamos os de Antônio Vilas Boas (pesquisado pelos Drs. O. Fontes e João Martins, SBEDV (1, 2), José Ignácio Álvaro (pesquisado por Luís do Rosário Real (3), João Valério (pesquisado por Luciano Stacke e Silva (4), Antônio Carlos despertou contínuo interesse dos extraterrestres durante todo o período que vai da época em que foi gerada a criança, hoje com 5 anos terrestres, até o momento presente. É de notar como o sentimento humano é capaz de evoluir-se, como no caso, em direção inesperada. Antônio, o pai terrestre da criança, demonstrou durante o ato de união forçada verdadeira repulsa pela extraterrestre. Não pela tonalidade chocolate da pele descrita por ele e

muito semelhante à sua. Nem pela volumosa cabeleira de cor ruiva ou orelhas pontudas, evidenciadas em longa sessão de "retrato falado" da mulher. Mas foram os grandes olhos, na extraterrestre, aparentemente implantados mais lateralmente na cabeça do que no ser humano, que instilaram medo e aversão à testemunha.

É impressionante, repetimos, ver o contraste dos extraterrestres ao interessarem-se por um indivíduo terrestre durante 5 longos anos, enquanto nenhum governo demonstra qualquer atenção em especial sobre o caso ou sobre a ufologia em geral.

Obs. IV - De como está desassociada a política terrestre da realidade extraterrestre.

Quando se considera o carinho e a dedicação que os ufólogos em geral, e Ney Matiel Pires em especial, têm para com a pesquisa sobre os extraterrestres, fica-se estarrecido por outro lado quando se observa o mutismo governamental mundial em face do problema, e isto durante os últimos trinta anos. Esta dissonância e desassociação entre a realidade, representada pela pesquisa dos ufólogos e o poder terrestre exercido pelos governos, é fácil de explicar. Comparemos o mutismo oficial com o silêncio de um acusado que, no tribunal, para não complicar-se ainda mais prefere omitir-se. É até compreendemos este silêncio por ser necessário aos governos, pois se estes levantassem a ponta do véu da ignorância popular e deixassem entrever um pouco que fosse do problema extraterrestre, logo em seguida poderiam surgir tormentosos debates e contestações do ponto de vista governamental do mutismo. Todavia, somente por interesses materiais este silêncio é mantido, porque as idéias apresentadas pelos extraterrestres poderiam varrer o materia-

lismo da sociedade de consumo.

Assim, fica definitivamente explicado por que os governos não têm de interessar-se no presente pelo caso de Mirassol, como também não se interessaram no passado pelo oferecimento de Adamski, de ser intermediário de contato entre o governo norte-americano e entidades extraterrestres. Também, no caso de Bebedouro, pesquisado pelo CICOANI, não soubemos de ninguém que tenha manifestado interesse quando os extraterrestres quiseram levar a testemunha, um soldado, para mais tarde ser devolvido à Terra como seu "olheiro". Houve até afamado ufólogo que achou nossa proposta em apoiar tal projeto uma idéia "fantasmagórica", a qual não seria levada a sério por nenhum governo (5). E realmente acreditamos que as nações menos desenvolvidas não podem ainda manifestar-se independentemente em relação a um intercâmbio com os extraterrestres. Porquanto, então teriam possibilidade, de subdesenvolvidas, da noite para o dia tornarem-se "superdesenvolvidas", o que definitivamente não está, por enquanto, no cardápio das hegemonias.

Obs. V - O ufólogo, Dr. Hynek (pe la imprensa mundial marcado como "expert") ao longo de sua atuação na ONU (6) no Comitê Robertsen da CIA e projeto "Livro Azul" (7) da Força Aérea Norte-Americana, pronunciou-se de maneira irônica em relação ao aspecto inusitado da cor da pele de algumas das raças extraterrestres.

O nosso propósito a respeito de tal projeto é procurar dar - hipoteticamente - algumas explicações em relação a essa diferença da cor da nossa pele de alguns extraterrestres.

Já no passado abordamos o tema por ocasião de ufonauta de cor diferente à terrestre conforme fora avistado pela testemunha Tiago

Machado (8). Na ocasião em que pesquisamos esse caso vaticinamos que a coloração da pele desse ufo nauta poderia ser causada por pigmento amarelo cutâneo sucedâneo de nossa melanina preta (9) e/ou a presença de pigmento desta cor no sangue circulante, com a finalidade de transformar os gases sanguíneos, tal qual na fauna terrestre sucede com o oxigênio e gás carbônico, transportados pelo pigmento vermelho, a hemoglobina dos glóbulos vermelhos de nosso sangue.

De outra forma, determinadas plantas, como os Crótons, em vez de usar o pigmento verde, a clorofila, que serve nas plantas para a fotossíntese e trocas gasosas, os Crótons usam variações da cor deste pigmento como o amarelo, o vermelho e até mesmo o preto. Desta feita, certos ufonautas poderiam possuir pigmentos de cor diferente dos terrestres no seu sangue circulante e dependendo da cor desse pigmento caberia o aspecto da cor da pele.

Podemos ainda imaginar no ufonauta, além do pigmento de cor única, seja na pele, seja no sangue, uma combinação de duas cores. Na pele, por exemplo, apresentaria cor amarela e no sangue circulante encontraríamos, por exemplo, a cor azul. A combinação dessas duas cores resultaria num aspecto final da pele, ou seja, numa terceira cor: verde.

A nossa hipótese relaciona-se sobretudo com os estudos do zoólogo, Prof. Bernt Linzen - Munique, Alemanha (10). Segundo ficou comprovado, no sangue da aranha caranguejeira americana e no de caranguejos geneticamente evoluídos, existe a hemocianina, pigmento incolor, mas que se torna azul quando carregado de oxigênio, tarefa que executa no transporte do oxigênio nestes animais.

Todavia, é de estranhar que

só os caranguejos mais desenvolvidos geneticamente, servem-se desta modalidade para transporte do oxigênio; os demais, de evolução "inferior", para transportar o oxigênio usam a hemoglobina, assim em semelhança ao que acontece na maioria da fauna terrestre, até no gênero mais desenvolvido - no "homo sapiens".

Mas os ufólogos, mesmo marcando passo, não devem desesperar nas suas esperanças, porquanto o mutismo governamental não é imutável para sempre. É só observar como o bezerro de ouro que é a "sociedade de consumo" lentamente vai se chafurdando. E com isto, muita coisa na política ufológica pode se modificar a tempo, antes que falsos mitos consigam arrastar o resto da civilização terrestre em holocausto suicida. E, felizmente, muita gente sensata e talvez até extraterrestres, procuram zelar para que isto não aconteça. Assim, é só esperar mais um pouquinho e observar...

Obs. VI - Com o título "NASA propõe base na Lua em 10 anos para preparar povoamento dos planetas", citam os jornais (11) planejamento de base norte-americana permanente em nosso satélite terrestre. Por isto ganha interesse renovado a presente exposição do caso mirassolense, bem como o livro do autor Fred Steckling, da NASA, de fotos da Lua (12) compatíveis com atividades extraterrestres em nosso satélite, embora isto continue negado pela NASA.

Obs. VII - Sobre o perfil da família Ney Matiel Pires

Na época do início da pesquisa, em 1979, com 48 anos de idade, Ney Matiel Pires lecionava Ciências Naturais e Matemática em estabelecimento de ensino secundário em Mirassol.

Desde a adolescência, demons

trou inclinação pela natureza, sua grandeza e seus segredos, especialmente os da astronomia. Com o seu telescópio de 4 polegadas (no momento está construindo um bem maior) chegou a fotografar manchas solares. Procedia a escavações nos arredores de Mirassol, encontrando na formação "Bauru", da idade Cretácea, ossos de dinossauros e de tartarugas, mais tarde, em 1948, confirmados e classificados pelos cientistas ingleses Ivor Pruce e Henry Williams.

Não poderia Ney Matiel Pires deixar de se interessar, e o fez desde 1952, pelo maior enigma de nossa época: a presença entre nós dos discos voadores, com as suas aterrissagens e os contatos espo-

rádicos de seus tripulantes com as nossas populações.

Sua família - esposa, D. Maria de Lourdes, lecionando Literatura, Pedagogia, Estudos Sociais, até os três filhos, Lourney, de 21 anos, Edson de 19, e Ana Isabel, de 17, nas pegadas do chefe - em suas pesquisas, com ele constituem equipe ativa e solidária. Ainda são os alunos e amigos que trazem preciosas informações de fatos ocorridos seja na cidade ou nos seus arredores.

Só assim explicam-se os feitos e a fama desta equipe, membro da AURA, grupo da vizinha cidade de São José do Rio Preto, estado de São Paulo.

CIPEX e GENA
2004

Obs. VIII - Após a realização de 5 regressões hipnóticas referentes aos episódios ufológicos vividos pela testemunha Antônio Carlos, ca bem aqui alguns reparos sobre a validade deste recurso.

Sabemos que o hipnólogo interfere de certa forma na livre vontade da testemunha, induzindo-a a contar aquilo de que ela não se lembra em estado consciente. Admite-se que os ufonautas, pela aplicação de campo energético de natureza por nós desconhecida, bloqueiam, passageira ou definitivamente a memória da testemunha com relação ao episódio ufológico. Então o hipnólogo procura arrancar do esquecimento aquilo que a testemunha traz gravado no "subconsciente" de sua memória e que poderá talvez corresponder a fatos concretos vividos anteriormente com os ufonautas (excluindo-se aqui os casos de trama do inconsciente da presumida testemunha).

Poderemos também aventar a hipótese de que energias, cujos efeitos são de apagar a memória da

testemunha, em tese seriam também capazes de deformá-la ou dilacerá-la, quiçá afetar e modificar a própria integridade da personalidade, conforme por nós foi aventado em dois casos, o do "Incidente de Itauçu-Goiás" (13) e de Antônio La Rúbia (14).

Entretanto, a testemunha Antônio Carlos apresenta-se como tendo sofrido ultimamente dois seqüestros (em 16-7-84 e respectivamente 5-11-84), sendo que a respeito do primeiro sua memória ficou liberada somente por hipnose regressiva, enquanto que em relação ao seqüestro seguinte, ele reteve tudo em sua memória consciente. Isto leva-nos a dar credibilidade à testemunha, pois em ambos os seqüestros Antônio fora levado ao mesmo lugar (supostamente a nossa Lua), observou o mesmo ambiente, as mesmas pessoas, mas as suas ações foram diferentes nos dois seqüestros. Desta maneira parece-nos possível concluir que, na pessoa de Antônio Carlos é válido o processo de regressão pela hip-

nose, pois obtivemos relatos idênticos, seja em consciência, seja em hipnose. É verdade que em relação ao 2º seqüestro ao lado do relato em consciência, posteriormente fora adicionada sessão de regressão por hipnose apenas para conferir mais uma vez os dois processos. Nesta regressão por hipnose referente ao 2º seqüestro, a testemunha revelou maior riqueza de detalhes, mas isto talvez porque o pesquisador fez perguntas mais bem dirigidas e elaboradas, baseadas no relato anterior (em consciência).

Se voltássemos àquilo dito em Boletins anteriores (15, 16) "Hipnose, arma perigosa na mão da política" (PARTE I) dito em relação a 5 casos então publicados nos Boletins da SBEDV (17, 18, 19, 20, 21), como continuação, numa PARTE II poderíamos repetir mais uma vez que a hipnose em ufologia é condenável se aplicada inescrupulosamente. Isto porque é possível o abuso da sua utilização, com ordens de efeito pós-hipnótico ou liberadas pelo signo "sinal", e isto em detrimento da vontade própria do paciente, até por longo prazo (15 a 20 anos).

Para uns isto seria um "gesto patriótico", posto ao alcance do hipnólogo político; outros, todavia, chamariam o método de inescrupuloso e de baixo padrão moral em país democrático. Todavia, os

governos DE TODO O NOSSO PLANETA consideram o terreno da ufologia como "território inimigo", enquadrado nas leis da espionagem, o que faz agravar a questão. Então, conforme já dito (22), "...fica o estudo UFO (e seu combate) escondido dentro do campo de defesa contra inimigos terrestres (embora com este campo de nenhum modo esteja relacionado... defesa da qual dizem "...temos de subverter, sabotar e destruir nossos inimigos, por métodos mais astutos, sofisticados e efetivos que aqueles usados contra nós... mesmo sendo (esta) filosofia basicamente repugnante..." (23, 24).

Ainda há de esclarecer-se que a nosso ver, o apagamento da memória da testemunha pelos extra terrestres deva ser considerado mais uma arma branca de defesa destes numa guerra armada, inclemente e "quente", contra eles deflagrada pelos terrestres. Simplesmente porque a sociedade terrena materialista, com a sua REALPOLITIK de concunho, considera a aproximação extraterrestre como indevida interferência em seus negócios. Os terrestres, pelo sentimento megalomaniacos e falta de respeito pela natureza e outras civilizações espaciais, simplesmente se intitulam proprietários não só da Terra, mas também da Lua, de outros planetas e de tudo aquilo em que possam deitar as mãos...

CIPEX e GENA

2004

(#) Futuramente, em livro ou (numa IIIª Parte) em Boletim vai ser abordado método de regressão por meio de pessoa "sensitiva", do modo que foi proposto e usado em 1979 pela primeira vez, pelo parapsicólogo Álvaro Fernandes, no caso de Mirassol.

Obs.: IX - O bom relacionamento dos extraterrestres com a testemunha Antônio Carlos e também com o pesquisador ufológico local, Ney Matiel Pires, poderá fazer com que alguns ufólogos incautos estendam tal tipo de relacionamento à população da Terra em geral. Talvez queiram estender este relacionamento amigável até as organizações estatais como a ONU, NASA, CIA e KGB. Nessa linha de pensamento tentam, quem sabe, atrair os extraterrestres oferecendo-lhes a proteção destas organizações citadas, bem como casa e comida nas aterrisagens que porventura os extraterrestres tencionem fazer.

Assim, é cabível fazer um paralelo dessa situação de falsa amizade, falsa proteção entre terrestres e extraterrestres, como o que aconteceu com os nossos antepassados. Como sabemos, outrora, para atrair as tribos selvagens oferecemo-lhes quinquilharias e depois... os lançamos à escravidão...

Todavia, no nosso caso podemos considerar que o lado selvagem é constituído pela facção terrestre e os extraterrestres bem conhecem as nossas artimanhas, a-drede em preparo. Também é mais verossímil que em pouco espaço de tempo, nós, terrestres, venhamos

a pedir proteção aos extraterrestres e isto, contra nossas próprias hordas terrestres.

Entretanto, dentro de todo esse panorama do atual tabuleiro de xadrez ufológico, surgiram ultimamente notícias inusitadas, soando como abertura terrestre para o problema extraterrestre.

Assim, sabe-se da liberação de aproximadamente 150.000 dólares (500 milhões de cruzeiros) para filme brasileiro a ser feito sobre o tema (26, 27). Também fazem parte dessa (falsa?) abertura as entusiasmadas palestras recentes (25/11/84 e 29/11/84) na Academia Brasileira de Letras (25) e pela Radio do Brasil.

Contudo, já que nenhuma dessas notícias foi oficializada, podemos concluir que essa abertura não passa de uma mera manobra dos serviços secretos. A finalidade dessa manobra bem poderia ser a de provocar testemunhas incautas, ainda não reveladas, a confessarem-se em público como tais, para em seguida ficarem incluídas, no futuro, sob mais aguçada vigilância dos órgãos estatais. Infelizmente sabemos que esses órgãos ainda encontram-se ocupados em impedir estes contatos. E mais, não querem a filtração de idéias extraterrestres para o tabuleiro terrestre.

Referências

- 1 - Bol. da SBEDV n^{os}. 26/27, págs. 7-9.
- 2 - Idem - n^{os}. 90/93, págs. 6-7.
- 3 - Idem - n^{os}. 132/135, págs. 58-68.
- 4 - Revista "Planeta" - edit. "Três" - n^o 134/nov./1983-págs.49-62.
- 5 - Bol. da SBEDV n^{os}. 104/111, pág. 10.
- 6 - Revista (extinta) "OVNI Documento"-Ed. Hunos Editorial e Cinemato gráfica Ltda. - n^o 3/abr./jun./1979, pág. 3 (locação do Dr. Allan Hynek perante Assembléia das Nações Unidas).
- 7 - HYNEK, Allan, "Ufologia - uma pesquisa científica" - Editora Nórdica - Rio - 1960, págs. 39,40.
- 8 - Bol. da SBEDV n^{os} 66/68, ed. mai./1969, págs. 79-81.
- 9 - Idem - n^{os} 66/68, págs. 87,88.
- 10 - Neue Zürcher Zeitung - 6/6/84 - Forschung und Technik-Bernt Lizen - "Das blaue Blut der Spinnen".
- 11 - Jornal do Brasil - Rio - 23/8/84.
- 12 - "Alien Bases On The Moon" de Fred Steckling-1981, com 125 fotos da NASA - Preço: US\$ 12. - por via aérea - P.O. Box 1722 - Vista, CA 92083, USA.
- 13 - Bol. da SBEDV n^{os}. 74/79, págs. 28-30 - "O incidente de Itauçu-Goiás".
- 14 - Bol. da SBEDV n^{os}. 121/125, pág. 32, "Ufonautas unipedais..."
- 15 - Idem - n^{os}. 99/103, págs. 14-17, "Hipnose na ufologia".
- 16 - Idem - n^{os}. 132/135, págs. 23-27 - "Hipnose, arma perigosa na mão da política".
- 17 - Idem - n^{os}. 99/103, págs. 2-8, 17-18. Regressão de Onilson Patero pelo hipnólogo, Prof. Dr. Sylvio Lago.
- 18 - Idem - n^{os}. 99/103, págs. 18-24. Regressão de Benedito Miranda pelo hipnólogo, Prof. Dr. Sylvio Lago.
- 19 - Idem - n^{os} 129/131, págs. 19-33. Regrs.Clélia T.R.p/hip.Sylvio Lag.
- 20 - Idem - n^{os}. 132/135, págs. 46-57. Regressão de Assis Antônio de Ávila pelo hipnólogo Dr. Cid Figueiras.
- 21 - Idem - n^{os}. 132/135, págs. 58-68. Regressão de José Inácio Álvaro pela equipe de hipnólogos coordenada por Luís do Rosário Real.
- 22 - Idem - n^{os}. 155/157, pg. 10.
- 23 - Flying Saucer Review, vol. 28 (1) - Aug./1982, p. 11.
- 24 - Book 1, pg. 9 do "Final Report of Foreign and Military Intelligence United States Senate Select Committee to study Government Operations with respect to intelligence Activities" U.S. Government Printing Office-Was. D.C. - April 26, 1976.
 "...we must develop effective...counter-spionage services... more clever, more sophisticated and more effective mehtods than those used against us ...it may be become necessary that the American people will be made acquainted with, understand and support this fundamentally repugnant philosophy...."
- 25 - Jornal do Brasil - 18-11-84.
- 26 - Estado do Paraná - 2-12-84.
- 27 - Gazeta do Povo - Curitiba - 3-12-84.

4

O CASO DE CHAPECÓ - ELO QUE FALTAVA NA PESQUISA (IIª PARTE) (I)

Copyright Walter K. Buhler, C 1984

Pedidos de transcrição total ou parcial do artigo devem ser dirigidos à SBEDV - Caixa Postal 16.017, Corr. Largo do Machado, 22.222 - Rio de Janeiro - RJ.

C o n t e ú d o

- 1 - Introdução
- 2 - A pesquisa
- 3 - O seqüestro
- 4 - Um sofrimento inédito
- 5 - Inesperada e feliz reviravolta
- 6 - Uma advertência
- 7 - A volta
- 8 - Noite de angústia da família Tasca
- 9 - Índícios positivos do episódio ufológico
- 10- Sobre questões éticas ligadas ao episódio
- 11- Outras vivências ufológicas de Tasca
- 12- Sobras parapsicológicas de pesquisa ufológica

1 - Introdução

George Adamski (G.A.), já falecido, tinha entre seus colaboradores o piloto dinamarquês Maj. Hans C. Petersen, que, além dos contatos extraterrestres com o próprio Adamski, dos outros só aceitava como verídicos aqueles cujos ufonautas apresentassem caráter adamskiano, quer dizer, evangelizante, em que havia rigoroso respeito ao livre arbítrio da testemunha. Assim, negava veracidade a todos os casos de seqüestros por ufonautas. Isto, embora nós (W.B.), no passado também tenham colaborado com G.A., houvéssimos achado diversos casos de rapto por ufonautas, entre as quatro ou cinco dúzias de contatos extraterrestres examinadas por nós no Brasil até agora, em 1984. Na ocasião, tentamos explicar as diferenças de abordagem da testemunha pelas origens, evolução, história e meio de vida dos diversos tipos extraterrenos atualmente em visita à Terra.

Entretanto, o recente caso de Chaprcó apresenta as duas modalidades de contato: o adamskiano e o de seqüestro da testemunha pelo mesmo ufonauta.

A componente evangelizante consiste em pedir à testemunha a divulgação de mensagem extraterrestre de alto nível moral. Quanto ao seqüestro, este talvez tivesse sido necessário, em face da emergência em contatar a testemunha escolhida a dedo, previamente, assim garantindo divulgação rápida da mensagem.

Pessoas com isenção de ânimo e interessadas na verdade, mais adiante, no relato de Tasca encontrarão dois episódios antes nunca descritos por outras testemunhas de contatos com ufonautas, a não ser por George Adamski. O primeiro destes episódios referidos por Tasca em muito se assemelham a um vivido por Adamski, 30 anos antes,

quando estivera numa nave espacial, junto aos seus amigos extraterrestres.

Outro episódio idêntico ou semelhante ao de Tasca foi descrito 20 anos antes, por Adamski, por ocasião de assistir a reunião interplanetária em planeta de nosso sistema solar. Tasca, como neófito em ufologia e desconhecedor da língua inglesa, não poderia ter conhecimento das descrições dos dois episódios, feitas por Adamski. Aliás, enquanto o primeiro episódio faz parte do 2º livro escrito por Adamski, "INSIDE THE SPACE SHIPS", do qual por enquanto só existe manuscrito de tradução para o português à espera de editor, o segundo episódio, até hoje é conhecido apenas por pequeno círculo de ufólogos. É que em forma de folhas mimeografadas havia sido distribuído na ocasião, apenas a alguns mais íntimos de Adamski.

Talvez, por termos citado o testemunho de Adamski, assim ferindo o tradão de Aquiles dos políticos "ufo-fobos" e inimigos da verdade adamskiana, aqui cabe lembrar o capítulo anterior do caso de Tasca, ao da pesquisa do caso da cidade de Mirassol, situada no norte paulista. É que após 5 anos de contatos com duas raças de extraterrestres, a testemunha local em excursão rápida ao que provavelmente constitui nosso satélite, a lua, teve oportunidade de lá conhecer terceira raça extraterrestre com todos os ingredientes adamskianos, seja no aspecto louro, na indumentária ou conselhos de ordem social e de saúde.

E, embora a NASA, talvez por imposição política tem negado testemunhar atividade extraterrestre em nosso satélite, contrariando assim os assertivos positivos de Adamski, outro ufólogo, pesquisou

do exatamente o material fotográfico da NASA com referência à lua tem também testemunhado esta atividade extraterrestre (2.A) Referimo-nos ao ufólogo Fred Steckling, que da maneira seguinte, entre outras, referiu-se recentemente ao seu amigo Adamski e problemas correlatos:

"...Nos Estados Unidos, minha esposa, filho e eu, em muitas ocasiões vimos (o vôo de) Discos Voadores.

Vivendo certa época na capital, Washington DC, às 15:00 horas e à altura de 1.500 pés (aproximadamente 500 metros) do coração da cidade vimos nave em forma de sino de cor azulada, metálica, com escotilhas em redor e 3 bolas de aterrisagem na base.

A nave parou por 20 segundos e depois afastou-se em tremenda velocidade de subida. (Vimos ainda) umas 30 a 40 pessoas assistindo ao espetáculo, inclusive repórter que descreveu-o nos dias seguintes no "Washington Daily News".

Nada sabia na ocasião de Adamski, de maneira que escrevi cartas interpellando (a respeito do evento) o Comitê Espacial do Senado e a "Presidência dos Estados Unidos" e o quartel general da NASA em Maryland.

.....
.....

Para saber mais sobre o problema, fui procurar a literatura específica na "Livreria do Congresso" (norte-americano), onde achei o livro de George Adamski "Discos Voadores Aterrisagem" de co-autoria com Desmond Leslie. Também, no livro reencontrei em forma de foto a nave que havia visto em vôo sobre Washington. Era foto de Disco Voador, feita por George Adamski, em 1952, assim 11 antes de meu avistamento feito em 1963.

.....
.....

(Em seguida eu) escrevi a Adamski e....tive oportunidade, daí em diante, de encontrar-me com ele (muitas vezes) entre 1963 e 1965, até que G.A. morreu, em 1965. Aliás, poucos dias antes de seu falecimento, festejou ainda conosco seu aniversário".

2 - A Pesquisa

Do Rio de Janeiro, após 36 horas de viagem com passagem por Curitiba, PR, chegamos a cidade de Chapecó, no Estado santacatarinense, em 12/2/84. O protagonista, Antônio N. Tasca, de 49 anos de idade, casado, corretor de terrenos por profissão, havia sido seqüestrado aproximadamente 50 dias antes de nossa chegada, em 14/12/83. Tivemos notícia desse fato através de minuciosa reportagem a respeito, feita por Marcos Antônio Bedin no jornal "O Estado de Florianópolis, de 18/12/83. O repórter assim procedeu, em matéria para alguns ainda de caráter controvertido, pelo fato de Tasca apresentar uma vida de passado ilibado na cidade de Chapecó, onde anteriormente havia ocupado diversas posições profissionais de responsabilidade na vida social.

Embora estivesse agora estabelecido com fazenda no Estado da Bahia, Tasca havia retornado já por algum tempo a Chapecó, onde o restante de sua numerosa família continuava a viver. Encontrava-se ele temporariamente estabelecido lá para vender terras inférteis e baratas do cerrado baiano a seus concidadãos sulistas. Estes, conhecedores de técnicas agrícolas avançadas no cultivo do feijão soja, sabem transformar em altamente valorizadas as terras compradas a preços bem mais baixos na Bahia.

3 - O Seqüestro

Nesta sua missão de corretor, Tasca, cerca das 19 h do dia

14/12/83, foi à procura do Sr. Pedro Cella, retirado a 10 km de Chapecó. Cella mora à margem da via de asfalto que liga Chapecó à importante rodovia BR-282. Entretanto, naquele momento Cella não se achava em casa e assim Tasca encetou viagem de retorno, em sua Brasília (Volkswagen), de placa nº 3399, matrícula de Barreiras, BA. Na volta, ainda a 6,5 km de Chapecó, distante portanto um quilômetro da fábrica da Coca-Cola, por razões até hoje não explicadas Tasca deixou o asfalto e dirigiu seu carro para a direita, entrando numa estrada de terra que leva à granja do Sr. Tozzo. Tasca julgou ter sido cerca das 20 h quando parou logo seu carro à direita da estrada, após percorrer uns 5 m. À luz dos faróis de seu automóvel, ele viu à sua frente, a uns 20 m, ou melhor, uns 30 m, conforme verificou depois, um veículo esverdeado com uns 10 m de comprimento por 3 de altura, o qual acreditou ser um ônibus, pelas janelas que possuía. O suposto ônibus estava colocado obliquamente, atravancando a estrada à frente da Brasília. Impelido pela curiosidade, Tasca resolveu investigar a pé, desligando o farol e o motor de seu carro. (Veja tabela 9).

Ao aproximar-se a pé, Tasca notou que as janelas do tal ônibus, aproximadamente em número de 10, com altura de uns 70 cm e largura de uns 40, apresentavam-se mais estreitas nas extremidades do veículo, como se observadas pela visão de perspectiva em objeto circular ou recurvado nas extremidades. A altura de 3 m era também ilusória. O objeto mostrava-se mais baixo visto de perto, flutuando porém no ar a alguma distância do solo. Tasca teve assim a impressão de estar diante de um disco voador, pelas descrições lidas anteriormente em jornais e livros, assunto pelo qual aliás ele haveria de se interessar muito.

Quando chegou a se aproximar cerca de 10 m do objeto, veio em sua direção uma onda de calor tão intenso que, apreensivo por sua segurança física, Tasca resolveu recuar cautelosamente, o que fez de frente para o aparelho e de costas para seu automóvel. No instante em que ele chegou a pôr a mão na maçaneta da porta esquerda de sua Brasília, para nela entrar, subitamente apareceu um fenômeno luminoso. Uma faixa de cor amarela brilhante, em forma de tapete lustroso, com largura de mais ou menos 1 m, estendeu-se velozmente embaixo do objeto em direção a Tasca, sem entretanto amoldar-se estritamente a todos os desníveis do terreno.

4 - Um Sofrimento Inédito

Embora constituindo-se em belo espetáculo, por a luminosidade colorir com seu brilho não somente toda a estrada mas também os arredores e arbustos, havia outro aspecto insólito, por, entre um ou dois segundos, o "tapete" ter se aproximado de Tasca por baixo de seus pés sem que este nada sentisse. Entretanto, em consequência disso, logo no momento seguinte, numa reversão de movimento do "tapete" luminoso, Tasca, como novo protagonista, foi recolhido em direção ao objeto com a mesma velocidade sobre a faixa brilhante, sem experimentar desequilíbrios nem abalos, de maneira que nem teve tempo para susto ou pânico. Além disso, com todos os seus sentidos em função, quando chegou à distância de uns 4 m do aparelho Tasca percebeu que este era realmente de cor cinza e não esverdeada. A testemunha acredita que foi a aproximadamente 2 m do objeto que perdeu os sentidos, porquanto a partir daí de nada mais se lembra até voltar a si em ambiente frio e total escuridão.

Obs. I - Por apresentar muita semelhança com o seqüestro de Tasca, chamamos a atenção para compará-lo com o de Onilson Patero (3, 4).

Seja por orgulho antropocêntrico de nossos cientistas em não querer enxergar a tecnologia gravitacional superior dos extraterrestres, ou seja por influências da política contemporânea que se nega a admitir como verdadeiros os contatos extraterrestres repetidos com a mesma testemunha terrestre. Fato é, que Onilson Patero, após seu 2º episódio ufológico encontrou pela frente hostilidade do grupo ufológico que o havia apoiado em seu primeiro episódio.

Todavia, no segundo episódio, Onilson, sem sofrer queda, foi içado pelo Disco Voador por esteira íngreme, baixada para o propósito de sua captura. Assim, o grupo de ufólogos paulistas voltou-se contra Patero e não lhe quiz dar mais credibilidade nenhuma.

Como não podia mais mexer com as pernas, que pareciam coladas uma à outra, nem com os braços, unidos ao corpo, Tasca, que teve perfeita lembrança do episódio ufológico que viveu, pôs-se a imaginar que em consequência tivesse sofrido morte aparente e que, em estado de letargia profunda, fora enterrado por seus familiares.

Contudo, sua respiração tornava-se cada vez mais lenta e difícil e a temperatura fria acentuava-se ainda mais. Ao mesmo tempo, faltava-lhe ar para poder gritar por socorro. Quando lhe restava só escassa quantidade de ar, esta

era suficiente apenas para silencioso choro, em seu pânico de morte iminente. Todavia, a temperatura começou a melhorar e os movimentos respiratórios voltavam a se tornar mais fáceis. E, enquanto antes já não sentia mais o corpo, de tão gelado que lhe parecia, e só havia a presença do pensamento, agora a sensibilidade de seu organismo começou a voltar e finalmente a respiração normalizou-se por inteiro.

Obs. II - Assim, por hipótese, teria acontecido a Onilson Patero (5) quando, no seu segundo episódio ufológico, fora colocado numa urna para em seguida perder a consciência. Assim aconteceu também a Mário Restier (6), mas este ainda percebeu ter sido a urna encheda de líquido, com a explicação de que isso servia para proteger o corpo humano durante grandes velocidades e grandes acelerações em viagem interplanetária. Assim, por hipótese, os extraterrestres tenham procedido de maneira idêntica com Tasca.

Suponhamos que Tasca fosse acordado antes do momento adequado. Talvez então ele padecesse ainda dos efeitos da hipotermia ou de remédios curarizantes, aplicados contra tremores de frio mas que simultaneamente enfraquecem a musculatura respiratória, resultando em dificuldades respiratórias. Esta seria a explicação para os padecimentos de Tasca, de acordo com o grau de desenvolvimento da medicina atual.

5 - Inesperada e Feliz Reviravolta

Concomitantemente com sua melhora, surgiam à direita de Tasca rumores que lhe pareciam passos e bafados de três ou quatro pes-

soas, aparentemente de pequeno porte porquanto uma delas passou por sobre suas pernas e postou-se à sua esquerda. Em seguida, tais pessoas percutiam-lhe a parte superior das pernas e inferior das coxas com aproximadamente umas 20 batidas, sugerindo a Tasca que isto era feito por meio de ganchos ou então dedos duros. Os seres comunicavam-se entre si por grunhidos, ora mais longos, ora mais curtos, variando também o timbre para mais alto ou mais baixo, como às vezes se observa em nossos cães quando estes se ocupam em desenterrar de sob suas patas ninhos enquistados de bichos-de-pé (*Culex Penetrans*).

A seguir, as estranhas criaturas passaram-lhe formas de ganchos ou dedos duros por baixo dos joelhos e das pernas, para depois erguer a testemunha do chão e transportá-la para outro local. Na opinião de Tasca, este seria outro compartimento, onde de novo o deixaram no chão e afastaram-se em seguida.

Algum tempo depois, o compartimento iluminou-se, sem que se detectasse a origem da luz. Tasca notou então que estava completamente nu. Encontrava-se em um quarto de 2,5 e/ou 3 m de largura por 3 de altura, com os cantos das paredes todos arredondados. A testemunha não via sinal de janela nem de porta. Mas suas roupas, sapatos, meias, calção, calça e camisa esportiva estavam colocados à sua direita, em um montículo bem ordenado. Tasca levantou-se, vestiu sua roupa e começou a apalpar as paredes. Estas eram polidas, cor de alumínio, em nada cedendo à pressão, e as batidas davam som de madeira.

Repentinamente, na parede abriu-se uma porta de forma ogival, deixando entrever outro compartimento vizinho, iluminado. E, no umbral, surgiu uma moça de

aproximadamente 1,20 m, meio metro portanto menor que Tasca, que mede 1,74 m. A moça impressionou Tasca de maneira profunda, talvez pela sua beleza exótica, de cabelos cor de palha, até os ombros, (Veja Tábua n.ºs. 8 e 10) moldurando um rosto de pele clara e fina, com olhos azuis, amendoados, os quais, diferentes dos de nossas raça branca, resp. oriental, eram mais afastados entre si e alcançam ainda a parte lateral do rosto, onde terminavam feito vírgulas deitadas com seu ângulo externo de maneira exótica, arqueando-se para cima. Embora trajando uma roupa caseira, simples, para Tasca a atitude da moça apresentou-se majestosa: braço esquerdo cruzado sobre o peito e o direito elevado por cima do ombro, com a palma da mão aberta para Tasca, em saudação.

Talvez a impressão de Tasca fosse coadjuvada pelo efeito da música que, iniciando-se por uns dez segundos com a entrada da moça na saleta, parecia muito delicada. Embora os sons fossem parecidos com os de um violino, provocava ora alegria ora triste nostalgia em Tasca. Não se percebia a origem da música, se provinha do teto ou das paredes da sala. Parecia também ir e vir, dando simultaneamente a impressão de que os sons eram uma coisa concreta, como flocos de neve ou de algodão que flutuassem no ar ora subindo ora baixando ao solo, de maneira que Tasca olhava ao seu redor sem todavia nada poder descobrir de palpável. Parecia-lhe até que os sons tivessem cores como amarelo, verde e vermelho, embora isto seja para nós algo incompreensível. Assim, terminada a melodia, após poucos segundos, Tasca guardava a impressão de ter ouvido música celestial, se é que ela existe.

Obs. III - Para possibilitar ao leitor comparação com trecho algo semelhante ao 2º livro de George Adamski "Dentro das na-
ves espaciais" ainda não editado em português, citamos aqui trecho (7) assemelhando-se bastante às palavras de Tasca: "...uma melodia delicada, vindo de fonte invisível, invadiu a sala. Não se parecia com qualquer música que já tivesse ouvido e fez vibrar todo o meu ser: era uma melodia estranha mas linda, e só com alguns acordes de longe em longe que faziam lembrar a música terrena...."

Assim, sob forte impacto daquilo que estava presenciando, Tasca achava-se prestes a formular verbalmente a pergunta - "Quem é a senhora e de onde vem?" - quando em sua mente brotou a resposta, antes de ele ter aberto a boca para dizer algo. A resposta que surgiu na mente da testemunha foi: "Sou Cabalá, mensageira do mundo de Agali. Venho em missão de paz e amor!" Quando mentalmente Tasca se ocupava em coordenar em voz alta a pergunta - "Onde estamos?" - em sua mente brotou a respectiva resposta, evidentemente emitida pelo pensamento da moça, dizendo: "Estamos no oceano, a cento e oitenta metros abaixo do nível do mar."

Obs. IV - O local santacatarinense mais próximo de Chapecó situado na costa atlântica é o balneário de Camboriú, a 250 quilômetros aproximadamente. Florianópolis, ilha da capital do Estado, encontra-se mais distante ainda.

Obs. V - Quando indagado sobre a origem dos pensamentos telepáticos em diferenciação das palavras estereofonicamente transmitidos pelos nossos

ouvidos, Tasca informou-nos que sentia os sons brotarem na parte direita de sua cabeça. Inquirido, Tasca explicou ainda que comumente executava os trabalhos mais leves com a mão direita; todavia, os mais pesados como, por exemplo, de machado, foice ou pá, manipulava com a mão esquerda (cânthoto em potencial?).

6 - Uma Advertência

Tasca, nestas horas, sentia-se de - uma sede enorme - e, ao mesmo tempo, sentia-se confuso pela estonteante beleza da moça, de maneira que estava prestes a formular nova pergunta - "Estou com muita sede e estou muito confuso. A senhora transmite paz e amor, mas, também confusão que eu não sei dominar. Acho que é a sua beleza a causa." - Imediatamente, em sua própria mente surgiu a resposta: "Você vai beber agora mesmo e sua sede passará, bem como seu estado de confusão."

Na parede, onde antes Tasca nada havia visto, encontrava-se agora preso um console de mais ou menos 1 m de comprimento, 15 cm de altura e 4 a 5 cm de profundidade, vendo-se nele uns dez botões de cor vermelha rubi. Cabalá apertou um destes botões e em seguida abriu-se uma gavetinha, na qual havia dois recipientes em forma de bisnaga, com dimensões de 10 por 6 e por 3 cm. A moça puxou o trinco de um deles, abrindo-o. Estendendo-se para Tasca, que se achava com a boca entreaberta, por gravidade deixou cair da bisnaga um líquido incolor e inodoro. Tal líquido parecia a ele mais leve e que a água e não o sentiu descer nos movimentos de deglutição. Com o vasilhame vazio entregue a Cabalá, Tasca recebeu dela o outro estojo, cujo líquido era de paladar semelhante ao das acidulas amores brancas. Este conteúdo

Tasca engoliu com grande gosto. Re-
colocados os recipientes por Cabalá
lá na gavetinha, por aperto de bo-
tão esta fechou-se de novo. E re-
começou o diálogo mental entre os
dois. "Agora não vai sentir sede
nem confusão diante de mim. É ho-
ra de cumprirmos missão de muita
importância, para a qual ambos fo-
mos escolhidos. Fique calmo. "...
... "Depois disso serei devolvido
ao meu mundo?". "Sim.", foi a res-
posta de Cabalá, "Mas tem horace-
ta para isto. Caso contrário, vo-
cê será colocado num lugar muito
distante daqui (onde mora)".

Obs. VI - Tem-se assim a suspeita
de que Tasca não se achava no
Atlântico, na costa brasilei-
ra, mas, talvez em lugar mais
distante ainda, onde o mundo
de Agali possuísse base subma-
rina terrestre.

Cabalá explicou a Tasca que e-
le havia sido escolhido para
transmitir mensagem aos seus con-
cidadãos de todo o globo terres-
tre. Tasca perguntou a razão dis-
so, uma vez que nada de importan-
te possuía, não tinha dinheiro em
abundância, não era homem de im-
prensa e nem do mundo político.
Cabalá respondeu que "ele sempre
acreditou na existência extrater-
restre, já havia desejado tal en-
contro" e porque a mente de Tasca
"seria de compreensão cósmica". Se-
gundo Cabalá, até o final de sua
vida Tasca deveria ser porta-voz
da mensagem para os cidadãos ter-
restres. Tasca porém argumentou
que sempre tivera memória fraca:
"Senhora, ao sair daqui minha me-
mória vai falhar e eu lembrarei
apenas alguns trechos da mensa-
gem!...". Ao que Cabalá apertou um
dos botões do console, que abriu
outra divisão maior que a ante-
rior e de onde a moça tirou um a-
parelho semicircular e, com as
duas mãos (por ser muito menor
que Tasca), colocou-o, semelhante

a um diadema, na parte frontal de
Tasca, dizendo: "Com isto na sua
cabeça, você me ouve duas vezes a
dizer-lhe a mensagem e nunca mais
esta lhe sairá da memória". Cabalá
ajustou o diadema, que consis-
tia de peças quadradas, encimadas
por semicírculos, por seu turno
encimados por espécies de cruces
nas cores alternadas de verde, a-
marelo e vermelho. Depois, para
transmitir a mensagem, a moça cru-
zou os braços no peito e Tasca,
para melhor gravá-la, fechou os
olhos.

Obs. VII - Na oportunidade de Geor-
ge Adamski tomar parte de reu-
nião interplanetária do plane-
ta Saturno (8) para garantir a
fiel memorização das coisas
faladas na ocasião, a Adamski,
representando a Terra e a ou-
tro, representando o planeta
Marte, para esta finalidade
foi colocado aparelho na ca-
beça com o propósito de facili-
tar às células nervosas a re-
tenção daquilo que fora fala-
do ("...an instrument was
placed on the heads of the
representatives from Mars and
myself... they knew we could
not remember everything that
was said....")

Finda a mensagem, Cabalá reti-
rou a peça de cabeça de Tasca e
guardou-a de novo no console, que
se fechou. Para despedir-se a ex-
traterrestre encarou Tasca e, re-
petindo a saudação da entrada, de
novo cruzou o braço esquerdo so-
bre o peito e levantou a mão di-
reita aberta sobre o ombro. Trans-
mitia ainda neste momento a Tasca,
por telepatia, as palavras "Paz e
amor". Cabalá foi recuando de cos-
tas lentamente em direção à por-
ta, que havia reaparecido aberta
na parede. Quando a porta se fe-
chou hermeticamente sobre a moça,
Tasca sentiu desalento, solidão e
abandono pela pessoa que momentos

antes havia compartilhado com ele sua encantadora presença e sob cujos impactos ele ainda continuava.

7 - A Volta

De novo fez-se escuridão na saleta. Momentos depois, pelo ruído característico de seus passos, Tasca sentiu mais uma vez a presença das pequenas criaturas. Desta feita, elas lhe pareciam apenas duas, que, delicadamente, procuravam empurrá-lo em certa direção, aparentemente para o quarto contíguo onde já havia estado antes e que reconhecia agora pela temperatura. Outros puxões na camisa, na altura do cinto, deram a entender que ele precisava deitar-se novamente no chão, ao que acedeu. Quando a temperatura começou a baixar mais ainda, Tasca perdeu a consciência outra vez.

Quando recuperou os sentidos, Tasca encontrava-se deitado sobre uma relva. Pela posição do sol, deviam ser umas 6 h da manhã, embora o relógio da testemunha acusasse 10 h 5 min. Não podia informar-se da data por achar-se com defeito o calendário de seu relógio automático.

Os membros de Tasca encontravam-se completamente enterrados. Mas, pelo ruído que lhe chegava aos ouvidos, tinha a impressão de que se achava perto de intenso tráfego de importante rodovia. Levou umas duas horas para lentamente readquirir seus movimentos, tempo durante o qual Tasca se lembrou perfeitamente daquilo que havia passado com ele e, por duas vezes, a título experimental, chegou a recordar a mensagem de cuja larga divulgação fora incumbido por Cabalá. E reparou que a declamação se fazia de maneira idêntica, em ambas as vezes, dando entoação, ritmo e pausas iguais às sílabas e palavras. Mas o que mais faz admirar Tasca é que, daí

em diante, toda vez que declama a mensagem, o tem feito de modo idêntico, agora já em numerosas ocasiões. Tem reparado também que, por ocasião da declamação, fica sempre possuído de estranha excitação, a mesma que dele se apossou ao ouvir a mensagem de Cabalá pela primeira vez, cujo texto é o que segue.

....Uma advertência aos terráqueos:

A primeira pessoa a receber na íntegra a mensagem de Cabalá, transmitida a Antônio Nelso Tasca, foi o jornalista Marcos Bedin, da Sucursal de Chapecó. Depois de uma longa conversação com Tasca, o repórter pediu-lhe o teor da mensagem. Tasca sentou à máquina e, sem a ajuda de nenhuma anotação, reproduziu velozmente as 50 linhas da mensagem, aqui reproduzida:

"Advertência da mensageira Cabalá, do mundo de Agali, para todos os povos da terra.

É preciso que sejam imediatamente desativadas as armas de guerra capazes de acabar com qualquer espécie de vida aqui existente.

"Além de toda a sua apavorante e mortífera devastação" (=) uma guerra nuclear total colocará a terra fora de sua rota celeste e causará graves distúrbios à vida de mundos vizinhos, alguns em dimensões que o homem terrestre ainda desconhece.

(=) OBS.: Na "Advertência" conforme fora publicada no Bol. anterior, e de nº 155/157 da SBEDV, e na versão do repórter A. Bedin, não constam as 9 palavras acima colocadas entre aspas. É que a atenção do repórter durante a fala de Tasca havia sido desviada por terceiros neste exato momento.

É preciso que sejam abolidas as dominações políticas, econômicas e financeiras de nações sobre nações. O imperialismo contraria o direito de igualdade dos povos e se constitui numa nova e solerte modalidade de escravização.

É preciso que sejam preservadas a essência da vida humana e as suas funções naturais de reprodução. Em estrelas próximas e noutras inatingíveis ao homem atual, a vida surgiu do sopro do eterno espírito criador de todas as coisas - Deus -, razão pela qual não deve ser objeto de experiências imponderáveis, porque estas terminam em desastre genético irreversível.

É preciso que, dentro do mais rigoroso critério de justiça e moral, com vistas para a solução dos problemas sociais, resultantes da proliferação humana desordenada, sejam instituídos órgãos que, por vias científicas naturais, planejem e executem programas de controle populacional e de melhoramento biológico do homem. É preciso que o homem conquiste outros mundos do universo e ali encontre lugares adequados para suas futuras imigrações e novas fontes de energia e subsistência. Mas, antes, deve conquistar seu próprio mundo, desvendando-lhe os enigmas que ainda existem na terra, no mar e no ar; conservando-lhes os elementos naturais de vital importância; defendendo-o da sutil pirataria do exterior; e curando-lhe as imperfeições humanas, do corpo, da mente e do espírito.

É preciso que, atendidas essas exortações, a humanidade esteja preparada para o período de extraordinários acontecimentos de que a terra será palco dentro de pouco tempo. Os grandes eventos serão prenunciados por estranhas manifestações telúricas e sinais celestes de magnífico esplendor e inquietante beleza. Mestres da suma sabedoria tornarão a vir a terra, renovarão ensinamentos maravi-

lhosos e ajudarão a estabelecer nova sociedade política. Renascerá o paraíso terrestre pleno de luz e amor. Então, através de meios e energias ora sequer supostos, o homem conhecerá os concavos-convexos dimensionais da terra, viajará às profundezas do universo e não sentirá a cansaça do tempo. E, como sublime conquista da capacidade criadora humana, será posta em ação a máquina do poder absoluto, engenho que, entre muitos outros prodígios, dará à humanidade a visão mais feliz e assombrosa de toda a sua história: a ressurreição dos mortos na faixa dos 4 xis.

Advertência da mensageira Cabalá, do mundo de Agali, para todos os povos da terra".

S - Noite de terrível escalada de angústia na família Tasca

Ao esperá-lo para o jantar, após as 7 horas da noite, ninguém da família mais íntima de Tasca pensou que essa demora significava o primeiro degrau de uma escalada de angústias, que se acentuaria nas horas seguintes, lançando sombras cada vez mais tenebrosas sobre o suscitado destino do chefe da casa. Este, no início da madrugada, já era finalmente lembrado como se se tratasse de seu verdadeiro velório.

Assim, já às 10 horas da noite lembravam os familiares que Tasca talvez tivesse se demorado na casa de Pedro Cela, a uns 10 km e uns 8 minutos de distância de corrida de carro. Cerca da meia-noite, com a família reunida em torno da televisão aguardando o seu retorno, sem que ele tivesse dado um telefonema da casa de Pedro Cela ou do interior do Estado justificando sua ausência, em caso de ter viajado para fazer negócios, D. Tereza, sua mulher, como se quisesse pensar na idéia de "escapulida" de Tasca, deixou escapar uma frase: "Meu marido é muito

apegado à família e muito caseiro para ficar fora de casa à noite". Todavia, Verinha, a filha solteira de Tasca, e Pedro Tranquilo Tasca, 68 anos de idade, pai de Tasca, e sua esposa, Maria, todos morando no mesmo quintal da residência no bairro de Palmital, já estavam agora alarmados quanto ao destino de Tasca. Acharam representar grande perigo o movimento rodoviário da estrada percorrida por ele. Em vão fizeram ligações telefônicas para delegacias de polícia de Chapecó e das cidades vizinhas.

Às duas e meia da madrugada o pai de Tasca foi à casa do genro, Carlos Scheffer, que, por sua vez, procurou outro genro, Artêmio Marini, para que ambos em seguida percorressem todas as ruas e ruelas da cidade, incluindo as mais suspeitas, à procura de avistar em algum lugar o carro de Tasca, que talvez tivesse "saído do sério". Mas tudo foi em vão.

Enquanto isso, Vera, casada com o filho de Tasca, Maximino, pôs-se ao telefone, tentando localizar o marido que sabia ocupado profissionalmente em algumas das cidades do interior do Estado. Nessas horas de alta madrugada, o ambiente da família era de pandemônio, com os três netinhos de Tasca, Miúca, Munique e Zeca, de 4, 5 e 6 anos, muito chegados ao "Vô Nelso", chorando sem parar. A mãe de Tasca dizia que coisa ruim havia acontecido ao filho. Ainda de madrugada chegou à casa da família Guilherme Conte, concunhado de Tasca, casado com a irmã de D. Teresa. Veio também Nilza, filha de Tasca, casada e grávida, a poucos dias do parto. Vieram ainda sobrinhos de Tasca, de cidades e estados vizinhos, como Nonai, no Rio Grande do Sul. A reunião da família havia tomado agora aspecto de verdadeiro velório.

Às 7 horas da manhã, genros, irmãos e outros familiares saíram de carro, em caravana, à procura de Tasca e dirigiram-se para a estrada de acesso ao trevo rodoviário da BR-282, onde se acha situado o posto policial de estrada de rodagem. Mas, haviam percorrido apenas os primeiros seis quilômetros e meio quando, à esquerda da estrada, no caminho de terra que dá acesso à granja do Sr. Tozzo, avistaram o carro de Tasca encostado de modo correto à margem direita daquele caminho. Acharam o carro intacto, fechado, não demonstrando ter sofrido violência. Mesmo assim, D. Maria, mãe de Tasca, após em altos brados imaginar se o filho teria sido vítima de assalto e violência, chegou a desmaiar. Imediatamente, a família notificou do achado a delegacia de polícia, que destacou um investigador para o caso.

Às nove e meia da manhã, tocou o telefone na casa de Tasca e este anunciou que estava vivo e salvo, a caminho da residência. Então, os familiares presentes, de súbito liberados da tensão fúnebre e angustiante de muitas horas, soluçando e chorando abraçaram-se uns com os outros, em confraternização geral.

SEQUÊNCIA

Quando, após duas horas da volta da consciência Tasca iniciou sua caminhada de volta, descobriu que fora deixado em pequeno planalto de altura moderada, que fazia parte da montanha rochosa pela qual a passagem pela BR-282 havia sido dinamitada, a uns 2 km à direita do trevo rodoviário, para quem vem de Chapecó. Cautelosamente, Tasca desceu a estrada e andou a pé os 2 km aproximados até casa solitária à esquerda da estrada, a casa comercial "EDIBA" (Eletro-Diesel Batistola), que

está ligada à venda de grandes maquinarias para agricultura e terraplanagem. Atendido por duas moças, estas franquearam o telefone para que Tasca avisasse sua família. Nesta ocasião, ele soube do grande reboliço que seu desaparecimento havia causado aos seus familiares, porquanto o achado de seu carro abandonado na estrada e o sumiço de seu proprietário deixaram supor ter acontecido latrocínio. Soube também que investigador de polícia estivera junto ao automóvel abandonado, bem como a esposa de Tasca, D. Elizabeth. Tasca já havia se preocupado antes com sua família, mas não esperava tamanha agitação. Dessa forma, incontinentemente ele prosseguiu sua marcha em direção ao trevo rodoviário e, depois, pela estrada de acesso a Chapecó, quando fora avistado pelo filho Maximino que, neste momento, estava chegando do interior do estado.

Esse filho reparou que, naquele momento, Tasca era incapaz de dar explicação satisfatória sobre o que lhe havia ocorrido. O filho interpretou isto como estado de choque. Na verdade porém tratava-se apenas de bloqueio psicológico de Tasca, por ter passado por transe incomum para a nossa sociedade terrestre e, assim, era difícil para ele comunicar de chofre aos outros, até para seu próprio filho, aquilo de incrível que vivera.

Obs. VIII: Conforme relatado por Tasca, ele havia apenas ultrapassado o trevo rodoviário de acesso à cidade e andado mais umas centenas de metros quando foi alcançado pelo filho, Maximino, que fora localizado à noite por telefone no interior do Estado, pela esposa, e agora dirigia-se a Chapecó.

Porém, segundo Tasca e Maximino, este último estrai-

nhou o fato de o pai não ser capaz de lhe dar conta daquilo que havia acontecido com ele durante a noite. Daí, Maximino erroneamente, interpretar esse bloqueio psicológico do pai como "choque" (psicognico).

Obs. IX: Ainda em comparação com o modo de Tasca voltar para o mundo terrestre e aos braços dos seus, convém lembrar o retorno da testemunha ufológica Onilson Patero, após seu segundo episódio. Na ocasião, Patero, oriundo de Catanduva, norte do Estado de São Paulo, havia sido deixado perto de Colatina, Estado do Espírito Santo, e assim a mais de 900 km de Catanduva. Foi o fazendeiro César Menneli quem, junto com seus capatazes, escutou alta madrugada, durante três horas, o choro e as lamúrias de Patero, que, de colina de aproximadamente 300 a 400 m de altura, procurou descida entre os rochedos, e isto, numa noite escura, sem luar (9).

Obs. X: Um aviso aos Ufólogos Incautos - Coincidência ou não, (dizem alguns que o "acaso" não existe), na época de nossa pesquisa, sem que tivéssemos conhecimento, Onilson Patero também estava passando por Chapecó, a negócios. Só depois de nossa partida, Patero teve conhecimento do fato, através de jornais. Naturalmente, em seguida ele procurou Tasca, trocando os dois opiniões sobre os episódios que tinham vivido. Posteriormente, os dois nos deram conhecimento disso. Daí lembramo-nos de avisar Tasca sobre a armadilha que a política havia armado a Patero após o seu falado episódio ufológico, com claras intenções de, jogando esta

testemunha no descrédito por uma cilada bem sucedida, automaticamente fazer cair também na descrença o contato com extraterrestres que relatara (10). E em boletim anterior, já narramos tentativas semelhantes, urdidas contra outro ufólogo e até contra a nossa própria pessoa de pesquisador (11).

Desta maneira, como testemunha de importante contato ufológico e portador de advertência por extraterrestres aos terrestres, como nos parece ser o caso do Sr. Tasca, recomendamos a este a máxima cautela em sua vida particular e em seus negócios daqui em diante.

Quando Tasca foi levado por seus familiares, preocupados com sua saúde, ao posto médico para exame e eventual tratamento, ele já havia narrado parcialmente aos seus o que lhe sucedera. Ao médico porém que o atendeu, Dr. Júlio Zawadzski, Tasca recusou-se a esclarecer a natureza do episódio que vivera. Assim, os médicos concluíram que o nervosismo, intranquilidade e elevação de pulso observados em Tasca eram devidos a simples assalto. Após a aplicação de tranqüilizante e meia hora de observação, realmente Tasca tornou-se mais calmo e teve alta.

Todavia, em casa, ao aprontar-se para um banho de chuveiro, dois de seus familiares, o irmão, Gil do, e um sobrinho, o advogado Dr. Euzébio, no busto desnudo de Tasca, nas costas, notaram estranhos sinais como que causados por instrumento incandescente. O estranho era que Tasca até então não tivera conhecimento disso, porquanto não sentia dor alguma no local, nem antes e nem depois, e não se lembrava também da ocasião em que pudesse ter-se produzido

aquela queimadura. E que era evidentemente queimadura foi o médico quem opinou, porquanto fora chamado de novo. No dia seguinte, voltou o médico com mais quatro profissionais a documentar fotograficamente a lesão. Na ocasião, o médico descobriu no tórax da testemunha, na frente, na extremidade inferior do osso externo, na região do apêndice xifóide, na pele, círculo de uns 2 cm de diâmetro, consistindo de pequenos pontinhos vermelhos. Era na região em que, no dia anterior, Tasca havia localizado dor, que todavia cedera totalmente após medicação. Aliás, no dia seguinte à descoberta, os pontinhos vermelhos na pele de novo haviam desaparecido por completo. (Veja tábuas nº 11).

Segundo nos declararam a filha, Verinha, e a esposa de Tasca, este apresentou sede inusitada na volta a casa, de tal forma que bebeu um jarro d'água inteiro. Contudo, nos dois dias seguintes ao episódio, sofreu de fastio, ingerindo apenas pequena porção de arroz e assim mesmo por insistência da família. As 2:15 h da madrugada do terceiro dia, Tasca sentiu-se nauseado, vomitando líquido amarelado (bile?) quando, com isto, voltou-lhe à boca gosto de amoras brancas. Desse momento em diante, viu-se de novo normalizado o apetite de Tasca.

9 - Indícios Positivos do Episódio Ufológico

Conforme rezam as escrituras, são os fatos e as ações de uma pessoa que dão lastro de sua veracidade e não palavras ocas. E foi atribuído nisso que o repórter Bedin havia dado crédito ao relato de Tasca. É que a testemunha, embora de escolaridade rudimentar, rapidamente havia galgado posições de responsabilidade na sociedade dos locais em que labutava. Assim, em Garibaldi, RS, sua

cidade Natal, Tasca havia avançado para professor de escola, profissão que também exerceu nas cidades de Getúlio Vargas (RS) e Irajá (RS). Em Chapecó, onde tinha se ocupado em elaborar programa de rádio, chegou a chefiar uma seção na URC - INCRA. Foi-nos gratificante, no começo de uma noite, privarmos de momentos com a grande e alegre família de três gerações dos Tascas, uma dúzia ou dúzia e meia de pessoas. Todas elas rindo e falando ao mesmo tempo, característica do gênio afável de descendentes de italianos, reunidas no centro ocupado por jardim entre suas casas, lá no bairro de Palmital, em Chapecó.

Procuramos entrevistar ainda as duas moças na empresa "EDIBA". Contudo, não tivemos sorte em ambas as tentativas nossas, quando elas faltaram ao escritório. Aconteceu assim também com mais duas pessoas que, de longe, teriam avistado objeto luminoso na hora e direção onde se deu o seqüestro e respectiva volta de Tasca à Terra. Na ocasião, ignoramos que teríamos de indenizar antecipadamente a diária dessas humildes pessoas, diaristas de trabalhos no campo.

Entretanto, foi especialmente gratificante para nós a pesquisa no carro de Tasca. Queríamos saber se o veículo havia sofrido indução magnética, como é comum em peças de aço de nossas máquinas quando expostas aos intensos campos eletromagnéticos com os quais os discos voadores parecem servir-se em sua locomoção. Assim, as palhetas dos limpadores de pára-brisa do carro de Tasca acusaram 5 Gauss e, um tanto, os pára-choques dianteiro e posterior. Todavia, curioso para nós foi observar a inversão, negativo e positivo, do lado direito e o respectivo esquerdo. E, da mesma forma, houve entre o pára-choque posterior e o

anterior, quando comparados os valores do mesmo lado. Uma vez que acusasse também magnetismo de 5 Gauss um cabo de aço cravado no chão, com a finalidade de dar apoio a poste de alta tensão, e que teria ficado em local próximo ao objeto voador, vaticinamos "a posteriori" que o aparelho, a uns 30 m do carro de Tasca, posteriormente tenha sobrevoado o automóvel, para causar imantação de mesma intensidade que o cabo de aço; que se encontrava muito mais perto do disco voador. (Veja tábuas II e 12).

Foram ainda os filhos de Tasca e este em pessoa quem, em Chapecó, nós descreveram o defeito na ignição do carro da testemunha. Antes, eram exigidas várias tentativas, até dez ou mais, para se conseguir pôr o motor em movimento. Todavia, após o evento ufológico, durante dois dias o motor imediatamente respondia certo à primeira tentativa. Mas do terceiro dia em diante ressurgiu o velho defeito.

Ainda, em contato com o magnetômetro de Pierrejaquet, a fivela e grampo do cinto de Tasca, assim como pulseira do relógio usado no episódio ufológico, acusaram imantação de aproximadamente dois Gauss e meio.

10 - Sobre questões éticas ligadas ao episódio

Ultimamente se tem noticiado com grande estardalhaço os preparos para rastrear os confins do espaço cósmico, através de potentes radiotelescópios, à procura da prova da existência de civilizações extraterrestres e suas respectivas comunicações (12, 13). E tudo isto em detrimento das notícias ao longo dos últimos trinta anos dando-nos conta da presença extraterrestre em nosso globo. Destas, entre outras podem-se citar: sobrevôos do Monte Rainer, nos Estados Unidos; aterrissagens /ou

contatos de ufonautas com a população terrestre, conforme nos comunicou George Adamski, com o testemunho de outras seis pessoas, no local Desert Center, também nos Estados Unidos.

Se até agora não houve sinal de os governos mundiais se disporem a abrir a cortina do silêncio que eles mesmos baixaram 30 anos atrás, só poucas pessoas, "soi disant" em desvendar a verdade e forçarem esta cortina, tiveram coragem suficiente de testemunhar publicamente toda a verdade que sabiam. Alegaram ser necessário o máximo de cuidado em movimentar-se em território perigoso, totalmente minado pelos serviços secretos da política terrestre.

Assim, a sugestão de certos pesquisadores de se empregar fundos secretos para a pesquisa no sentido de mantê-la secreta, computamos como interferência desses serviços secretos. De outra forma, tomaríamos o partido da testemunha de contato quando esta, por uma razão ou outra, quisesse silenciar sobre determinada faceta do evento ufológico.

Aliás, a SBEDV sentiu, desde a sua fundação, a pressão exercida pela política sobre o problema extraterrestre. Sendo assim, para tornar imune sua Diretoria a estas incursões pela política, no item 4 de seu catálogo, estipulou: "É condição essencial, para os membros da Diretoria, não tirar do fenômeno Disco Voador qualquer vantagens de ordem material, imediata ou remota..."

De outra forma somos obrigados a endossar o silêncio sobre uma particularidade do contato; bem como sobre o nome da testemunha, sempre que esta o pedir, expressamente.

Quando uma determinada testemunha opta por esse silêncio, o

faz, geralmente, por duas razões: Uma, para resguardar o seu anonimato, dentro de uma sociedade que está mal informada, ainda, sobre o assunto, o qual é tido como ridículo. E numa outra, a testemunha, no intuito de defender a sua posição social, às vezes de mando na política, na religião ou na ciência, por uma questão de segurança, não quer arriscar sua posição. Posição esta às vezes alcançada após anos de grande esforço.

Contudo, se tal silêncio é condicionado pela fraqueza da posição da testemunha, devemos considerar de outra forma a segurança do ufonauta. Fato compreensível, pois caso a testemunha anunciasse hora e local de um contato com o ufonauta, esta aterrissagem ou contato estaria sendo colocado em perigo. Conforme houve oportunidade do Prof. Freitas Guimarães observar, em 1957 (14, 15).

Formamos, outrossim, partido com Tasca nos desejos de sua descrição sobre determinada faceta de seu evento (16). Talvez, contrariando a testemunha neste ponto, far-se-ia o jogo da política terrestre, imbuída de execrar tudo o que puder no problema extraterrestre, tentando dar-lhe conotação circense e de sensacionalismo barato.

E Tasca, na sua ingenuidade singela e franqueza de homem sem maldade e desconhecedor do terreno minado à sua frente, disse-nos ainda, entre outros: "Em que pese a minha experiência incomum, meu estado de espírito, antes quase sempre irado em virtude dos negócios, passou para uma calma até certo ponto compreensível. Passei a ver o mundo sob outro prisma: o do amor fraterno, com o perdão às poucas pessoas que me eram meio desafetas. Acho que só vale viver com paz e amor..."

"Aos poucos, dia após dia,

está sendo domada a besta selvagem que eu trago dentro de mim!.. "está sendo submetida aos sentimentos que têm origem na mensagem de Cabalá e que ora me transforma em verdadeiro cosmopolita. Quero ser homem sem vaidade e sem sensacionalismo. Tenho a impressão de ser agora homem diferente, sou também cosmopolita. Não sou só chefe de família e, além de ser cidadão brasileiro, recebi ainda a incumbência de divulgar a todos os povos da Terra, e isto por todos os meios e até o fim da vida, a advertência da mensageira Cabalá do mundo de Agali."

11 - Outras Vivências Ufológicas de Tasca

Tasca nos havia mencionado que, anos antes, quando em companhia do Sr. Conte, que mais tarde se tornaria seu cunhado, avistara um UFO. Assim, aproveitamos nossa estada em Chapecó e visitamos, juntamente com Tasca, o Sr. Guilherme Conte. Este relatou-nos que, em abril de 1951, quando, sozinho e altas horas da noite, cavalgava nas proximidades do rio Carreteras, havia visto corpo luminoso esverdeado que, a 30 ou 40 m do rio, em vôos rápidos para lá e para cá manobrava sobre as árvores. Vinte dias após este episódio, quando em companhia de Tasca, ambos viram objeto semelhante mas que projetava raio luminoso para cima, em direção às nuvens. Deste aparelho, os dois observaram as manobras por bastante tempo, até o gado no campo começar a externar intranquilidade e a mugir, enquanto os cachorros latiam.

12 - Sobras Parapsicológicas de pesquisa ufológica

Mercedes, hoje com 30 anos de idade, filha de Guilherme Conte (concunhado de Antônio Nelso Tasca - os dois casaram-se com duas irmãs) - no dia 03/02/84, em Chape

có (SC), espontaneamente, nos fez o relato que se segue.

Cabe esclarecer que tal relato nos foi feito na mesma data e ocasião, em que ouvimos o testemunho ufológico de Guilherme Conte.

Na época do seu evento, Mercedes contava de 8 para 9 anos de idade, morava no interior e frequentava escola pública, que distava uns 600 metros de sua residência.

Obs.: A informação a respeito do lugar onde residia Mercedes com seus pais - Distrito de Rio dos Índios - município de Nonoai - estado do RS -, nos chegou, posteriormente, através de Antônio Nelso Tasca.

Mercedes não se recorda nem do dia, nem do mês da ocorrência, mas o ano era 1963 e o relógio de via marcar, aproximadamente, meio-dia.

A testemunha estava de volta da escola acompanhada de duas colegas, Fátima Rezende e Neusa Conte.

As três meninas, quando ainda a uns 150 metros de casa, ao passarem por um barranquinho da altura de 50 a 70 centímetros, que ficava à esquerda da estrada, no meio do capim de meio metro de altura, avistaram um ufonauta.

Segundo a descrição da testemunha, tratava-se de uma pessoa humana de calculadamente, um metro, vestida de vermelho e preto e portava sobre a cabeça a estranha indumentária de duas anteninhas laterais ou então ostentava duas orelhas avantajadas e pontudas.

O avistamento durou o tempo da passagem das três moças: um a dois segundos, aproximadamente. Logo após as três colegas terem ultrapassado o estranho personagem, encetaram corrida dos 150 me

tros restantes. Chegando a casa, fizeram o relato, chamando de "diabinho" a pessoa que haviam avistado. Voltando as pessoas ao local da ocorrência para investigar, lá nada mais encontraram.

Mercedes continua o seu relato como que ligando a este, um ou

tro episódio. Conta a testemunha que algumas noites depois acordou bem após a meia-noite com as "mãos frias". E mais, seu corpo, na horizontal na cama, começou a elevar-se nesta posição no ar, flutuando sobre a cama. Muito nervosa, Mercedes começou a rezar o "Padre Nosso", quando, lentamente, seu corpo chegou a baixar outra vez para a caminha.

R e f e r ê n c i a s

- 1 - A primeira parte fora publicada nos Boletins da SBEDV nºs 155/157.
- 2 - "Alien Bases On The Moon" de Fred Steckling-1981, com 125 fotos da NASA - Preço: US\$ 12.00 por via aérea-P.O.Box 1722-Vista, CA 92083, USA.
- 2-A- IGAP-GB "News Letter" - 94 Kelbrook Court, Offerton, Stockport, Cheshire, SK 2 5 NT - Inglaterra.
- 3 - Bol. da SBEDV nºs. 99/103, págs. 4,10.
- 4 - Idem - nºs. 112/115, pág. 16.
- 5 - Idem - nºs. 99/103, pág. 5.
- 6 - Idem - nºs 60/61, pág. 13.
- 7 - "Inside the space ships" - de George Adamski - Abelard Schuman, Inc.-New York-1955, pp. 256. A descrição refere-se à pag. 231 (The Banquet and a Farewell) correspondendo à página 169 do nosso manuscrito de tradução do texto para o português).
- 8 - "George Adamski's Special Report-My trip to the twelve counsellors meeting that took place on Saturn, March 27-30 th 1962".
- 9 - Bol. da SBEDV nºs. 99/103, pág. 6.
- 10 - Idem - nºs. 112/115, págs. 15-16.
- 11 - Idem - nº 71, págs. 1,2.
- 12 - "O Globo" - Rio de Janeiro, 30/5/84, "Um milhão de canais em busca de extraterrestres".
- 13 - Correio do Povo - Porto Alegre, 30/5/84, "EUA buscam vida inteligente em outras galáxias".
- 14 - Bol. da SBEDV nº 4, págs. 2,3,4.
- 15 - Idem - nºs. 22/23, págs. 5,6.
- 16 - Conforme havia sido assinalado pelo repórter de "O Estado", Florianópolis, 18/12/83.

5 : UFOLOGIA e PARAPSICOLOGIA

de Húlvio Brant Aleixo (veja tábua 4)
 Caixa Postal nº 1675
 CEP 30.000 - Belo Horiz
onte (MG), Brasil.

Publicado no Diário de Minas - BH, em 1/7/84

UFOLOGIA significa "estudo dos Objetos Voadores Não Identificados" (Unidentified Flying Objects, em inglês).

PARAPSICOLOGIA se refere ao "estudo dos fenômenos de Percepção Extrasensorial" (P E S).

Nestas duas áreas de estudo existe algo em comum. Por exemplo:

- Ambas se situam além da fronteira da ciência exigindo, portanto, uma abordagem que envolva, num aparente paradoxo, ousadia e prudência, imaginação e praticidade, idealismo e realismo, conhecimento e humildade, pressa e paciência.

- Ambas as áreas, devido à sua notória transcendência sobre as estruturas de conhecimentos atuais, constituem uma espécie de "terra de ninguém", susceptível de ser ocupada ou mesmo invadida por qualquer pessoa ou grupo, classificável como erudito ou ignorante, honesto ou desonesto, etc.

- Na casuística de ambas há um entrelaçamento específico que merece atenção. Por exemplo, nos

casos ufológicos comparecem, com significativa frequência, aspectos ou sintomas típicos dos abordados pela Parapsicologia.

Como exemplo, o CICOANI - Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados - divulga pela primeira vez o caso "JOAQUIM MURTINHO", ocorrido em 1977 e considerado digno de crédito, após numerosas investigações.

O CASO "JOAQUIM MURTINHO"

Na tarde de 2 de novembro de 1977 o jovem L.C.J.A., de 16 anos, encontrava-se sozinho na casa de sua tia, na rua Dom Oscar de Oliveira, Joaquim Murtinho, MG. Assistia tranquilamente a um filme de "banguê-banguê" pela TV, estando fechadas todas as portas e janelas da casa.

De repente o jovem percebeu um breve ruído de ventania (e a tarde estava calma) e de passos dentro da casa. Em seguida observou, surpreso, um aparelho estranho penetrando na sala, através da porta da cozinha.

Voando em silêncio, o aparelho aproximou-se do televisor e, imediatamente, o pino que o ligava à parede destacou-se da tomada e desceu suavemente sobre a mesa, desligando o televisor. O aparelho tinha forma de saturno, pois constituía-se de uma bola luminosa azulada, cercada por um anel de luz dourada. O "saturno", com quase 1 metro de diâmetro, retirou-se da sala e, após vasculhar a cozinha e o quarto de dormir, passou a flutuar a 1 metro do solo, junto à porta da cozinha, misteriosamente aberta.

Enquanto L.C., já de pé na sala, observava esse aparelho, surgiu ao seu lado esquerdo, como a partir do nada, a figura de um homem com mais de 2 metros de altura. Atônito com a surpreendente presença, L.C. viu o homem fazer um gesto com o braço direito e, em seguida, uma estranha luminosidade transfigurou o interior da casa. Logo depois o estranho tornou-se invisível. L.C. aproximou-se então do pequeno "saturno", que girava no quintal, sobre o mesmo lugar. Enquanto estava a observá-lo, três pessoas estranhas dele se aproximaram, pela direita. A de mais alta estatura era justamente o homem que lhe aparecera na sala e que, agora, vinha acompanhado de uma mulher jovem e de

um menino. Os três se comunicaram com L.C., exortando-o à calma e chamando-o pelo nome. Mas a comunicação não era via oral e sim telepática.

Os estranhos o ladearam, seguraram-no pelos braços e com ele penetraram na casa, pela porta dos fundos. L.C. se sentiu leve, quase flutuando. Dirigiram-se todos à sala, onde os estranhos se sentaram no sofá, como a experimentá-lo. Observando-os de pé, L.C. os viu se encaminhando em seguida para o quarto de dormir. Ali, o homem e o menino aproximaram suas mãos do armário e as portas destes se abriram sem que fossem tocadas. Enquanto os dois observavam o interior do armário, a mulher sentou-se na cama e, por instantes, nela se deitou, como a experimentá-la. Logo saíram todos para o quintal.

Assim L.C. descreve as três pessoas: o homem, com mais de 2 metros de estatura, era esguio e trazia um capacete com visor transparente sobre a cabeça e em cujo topo haviam 2 antenas metálicas. A mulher e o menino não usavam capacete e tinham estatura normal, assim como aparência comum. Pele clara, cabelos escorridos e escuros. Já o homem tinha pele pálida amarelada, olhos azuis, sobrancelhas recurvadas para cima, sendo a bo-

ca, o nariz e as orelhas de aspecto comum. Sobre o queixo um pequeno cavanhaque preto, enquanto os cabelos não eram visíveis, devido ao capacete de cor metálica. O vestuário dos três era idêntico: um tipo de macacão justo, com saliências no lugar de bolsos. Portavam luvas e botas, sendo todas as peças de cor esverdeada. Nos largos cintos havia uma fileira de botões negros. Do cinto do homem pendia um tubo de cor cinza metálica com um bico preto. (Esse bico era igual ao da arma que ele viu depois). (Veja tábua 13).

Tão logo voltou ao quintal, L.C. observou uma gigantesca escada que, através do declive do terreno, levava até uma grande porta envidraçada de um aparelho pousado no solo. De novo seguro pelos braços, L.C. se viu descendo a escada como que flutuando juntamente com os companheiros.

OBS. À nossa indagação em carta de 24/7/84 explica o prof. Húlvio B. Aleixo: "...a redação está correta, considerando-se que o observador estava num plano mais elevado do que o aparelho pousado no fundo do vale. Da posição do observador havia então um declive, ou seja, uma inclinação de terreno, considerada de cima para baixo. Após descer pela escada e chegar de frente ao aparelho (que também possuía uma pequena escada), o jovem foi trazido de volta escada acima, pelo aclive do terreno até o topo..."

Já postado diante do aparelho, cujo tamanho era comparável ao de uma casa, L.C. reparou, através da abertura transparente que devassava seu interior iluminado, vários tripulantes manipulando instrumentos complicados.

Sempre seguro pelos braços, L.C. foi levado escada acima, da mesma forma que descera: deslizando. Após chegarem ao topo, já perto da casa, os três estranhos deixaram L.C. de lado e se afastaram para conversar em língua estranha ao jovem.

Neste momento uma vizinha, desejando devolver um ferro de engomar à proprietária da casa, chama-a em voz alta pelo nome, sem saber que ela estava ausente. No mesmo instante o movimento de um quarto indivíduo estranho chama a atenção de L.C. Esse indivíduo, em tudo semelhante ao que acompanhava L.C., portava uma arma de cor amarelada e achava-se meio escondido na lateral da casa, de onde fez um gesto amplo com o braço, tão logo ocorreu o chamamento da vizinha. Imediatamente, os 3 estranhos desapareceram no ar, ao lado de L.C., que se movimentou até à frente da casa, para receber o ferro de engomar. Nesta altura L.C. observou que, enquanto seus acompanhantes se tornavam invisíveis, o aparelho voador tipo

saturno se encostava ao fundo da casa, como que se escondendo.

Retornando ao quintal, L.C. re encontrou seus 3 visitantes. O homem apertou um dos botões de seu cinto e dali saltou uma placa lustrosa que, após ter sido justaposta à palma da mão direita do rapaz, revelou ter gravado, em tonalidades coloridas, os detalhes dessa mão. Idêntico processo foi repetido para gravar os detalhes da palma da mão esquerda.

Em seguida os três estranhos - homem, mulher e menino - se colocaram em fila e se despediram de L.C., colocando no peito do mesmo a mão direita e comunicando - sempre telepaticamente: "Nós voltaremos!" ^{Nós voltaremos!} Não desaparecerem os estranhos, L.C. penetrou na casa pela porta dos fundos, observando que tudo voltara à normalidade, inclusive o televisor funcionando.

Ansiando por comprar cigarros, dirigiu-se à porta da frente e, antes que pudesse retirar a chave pendurada numa ferradura, esta destacou-se e, evoluindo no ar, foi cair em sua mão aberta. Ele só teve o trabalho de enfiá-la na fechadura e dar a volta, para abrir a porta e sair. Já na rua, a atenção de L.C. foi atraída pela imagem do aparelho tipo saturno, visto ao decolar silenciosamente do quintal, para desaparecer no

céu, em trajetória oblíqua. Neste instante, e apenas neste instante, é que L.C. sentiu um forte choque emocional, que o deixou sem fala. Perplexo, confuso, sem poder falar, é que chegou à venda vizinha, para comprar cigarros. Todos os presentes, incluindo o dono da venda, estranharam a atitude esquisita, emocionada e silenciosa de L.C., sem compreender os gestos que este fazia. Correram a verificar o que teria ocorrido na casa de sua tia, d. Josefina: incêndio? Não, tudo normal. Durante quase 2 horas L.C. permaneceu sem voz e fala. Depois, voltando ao normal, contou tudo à família, que já se preparava para obter-lhe assistência médica.

No decorrer de todo o incidente os estranhos mantiveram contato mental com L.C. Mas este, durante as 4 entrevistas com a equipe do CICOANI, não conseguiu lembrar-se senão de detalhes esparsos, tais como: "Vimos de muito longe..." (citaram o nome do lugar de origem, que não é identificável com qualquer planeta conhecido). "Séculos e séculos..." "Vão ocorrer graves problemas em sua família..." Quanto a este último item, houve as seguintes coincidências, pouco após o incidente: um dos irmãos de L.C. salvou-se por pouco num grave acidente com

o caminhão que dirigia e que mengu-
lhou numa lagoa. Dias depois, um
outro irmão sofreu grave hemorrâ-

gia, ao ter seu pulso cortado pe-
lo vidro de uma janela, no qual
apoiara sua mão.

CIPEX e GENA
2004

TABELA DE CORES

(Peças e pessoas desenhadas e enumeradas pela testemunha nas figuras
"DCT" e "RP" (Tábua nº 9) com as cores transcritas da tabela confec-
cionada pela CICOANI)

Item nº	DETALHE e s p e c i f i c a d o	descrição livre	C O R	
				código "Letrafilm" (inglês)
A-1	Capacete c/ visor	Cor metálica (B)	±	133
A-2	Roupa	Esverdeada, justa (B)	±	103
A-3	Cinto c/ botões			
A-4	Tuco c/ bico	Cinza (F) e metal (B)		179 resp. 133
A-5	Botas	Esverdeadas (B)	±	103
A-6	Luvas	Esverdeadas (B)	±	103
A-7	Saliência	Esverdeadas (B)	±	103
A-8	Botões	Pretos (F)		
A-9	Cavanhaque	Preto (F)		
A-10	Pele	Clara, amarelada (F)	<	118
A-11	Olhos	Azuis		
A-12	Sobrancelhas	Escuras, recurvas (F)		
A-13	Antenas	Metálicas (cor) (B)	±	133
D-1	Aparelho	Azul escuro brilh. (B)		120
D-2	Aba ou aro	Metálica (cor) (B)	±	133
D-3	Escada	Cor de Terra-marron (F)		
D-4	"Farol"	Cor metálica (B)	±	133
D-5	Janela	Transparente		
E-1	Bola	Prateada		133
E-2	Aro	Dourada		134
		<u>Abreviações:</u>		
		B = brilhante		
		F = Fosco		

C O N C L U S Ã O

Embutidas no caso ufológico de Joaquim Murтинho, notamos várias manifestações de fenômeno parapsicológico:

TELEPATIA - comunicação mente-a-mente dos seres estranhos com L.C.

LEVITAÇÃO - sensação de leveza e flutuação de L.C., uma vez tocado pelos estranhos.

TELECINÉSIA - O aparelho saturnói de se aproxima do televisor. Imediatamente, o pino se retira da tomada, colocando-se sobre a mesa, de forma suave.

PRECOGNIÇÃO - Os estranhos anunciaram a L.C. graves ocorrências na família. Dias depois, acidentes quase fatais envolveram dois de seus irmãos.

MATERIALIZAÇÃO/DESMATERIALIZAÇÃO - Surgimento e desapareção do "homem" estranho, ao lado de L.C. Mo dificação do ambiente familiar, a pós o gesto do estranho. Desaparição inexplicável do trio de visitantes, após o gesto de aviso do "guarda" escondido.

CIPEX e GENA
2004

Belo Horizonte, 19/06/84.

Húlvio Brant Aleixo.

De acordo com o item 2 do Decálogo (1) da SBEDV (Soc. Bras. de Estudos sobre Discos Voadores), "têm os tripulantes (extraterrestres) se comportado em atitude pacífica...". Este Decálogo foi elaborado pouco tempo após a fundação da SBEDV, em 1957, no Rio de Janeiro, por Lulo Duncan de Lima Rodrigues, Armada Alves Pinto e outros.

O prof. Húlvio Brant Aleixo, psicólogo, ufólogo de conceito internacional, fundador (em 1954, em Belo Horizonte) do CICOANI (Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos Não-Identificados), em nota distribuída em janeiro de 1984, pronunciou-se de maneira contrária ao item 2 da SBEDV. Ali, Húlvio indaga "...de onde retira ...grupo minoritário de ufólogos otimistas, sua benévola expectativa sobre os ufonautas? - ... De sua própria fantasia ou da fantasia neles? "....." por esses seres reais e misteriosos... (já) que existem numerosos casos, bem estudados e qualificados, indicando a periculosidade dos ufonautas e seus aparelhos...".

Todavia argumenta-se que, no passado, ao tempo da fundação da SBEDV, em 1957, até o ano de 1960, se poderia considerar inteiramente válido o item 2 do Decálogo da SBEDV. Sabemos que naquela época os casos conhecidos de contatos de testemunhas brasileiras, evidenciaram ufonautas de índole amistosa e espontaneamente respeitosos na aproximação às testemunhas. Citamos os seguintes casos: prof. (universitário) Freitas Guimarães, da cidade de Santos (SP), do metalúrgico Antônio Rossi e o do Sr. Dino Kraspedon (pseudônimo de Aladino Félix) de São Paulo (SP) (2,3,4). Também nos Estados Unidos, nessa mesma época, no caso relatado pela testemunha George

Adamski, os ufonautas foram pacíficos (5,6,7).

A partir do ano de 1960 iniciou-se a ocorrência de casos de aproximação forçada pelos ufonautas ou, pelo menos de tentativas de seqüestro. Inicialmente, os contatos amistosos ocorreram em maior número que os não amistosos. Contudo, no decorrer dos anos, até o ano de 1984, já se registraram aproximadamente, 62 casos de ufonautas - observados e pesquisados pela SBEDV e outros ufólogos (8,9,10,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20,21,22,23,31 e 32). Destes, 27 foram de seqüestro ou tentativa por aproximação não amistosa e apenas 16 casos foram de aproximação amigável do ufonauta. Consequentemente, os casos majoritários foram feitos por aproximação "não amistosa" ou, pelo menos à força.

Ressaltamos que nos referidos casos foram também incluídas as seguintes significativas pesquisas feitas pelo CICOANI: casos da "Baleia" (20), "Bebedouro" (21, 21-A), "Sagrada Família" (22, 23, 23-A, 24) e caso da "Vila Operária" (24-A). No entanto, ainda não havia sido compilado o interessante caso pesquisado pelo CICOANI, em Joaquim Murtinho, mas já incluído no presente Boletim.

A padronização da pesquisa da SBEDV e do CICOANI orientou-se com rigor e por meio de parâmetros idênticos (21-B). Assim, as duas sociedades congêneres basearam-se em material - embora às vezes diferente - idêntico pela metodologia da pesquisa. Então, como explicar a divergência nos resultados das conclusões? Seria porque a SBEDV, após 1960, ainda não submeteu a uma revisão o item 2 do seu decálogo?

Destacado político brasileiro

ro recentemente (25) comentou para outro companheiro: "...além da minha e da sua, existe (ainda) a verdadeira (verdade)..." Aplicando-se tal pensamento ao terreno da ufologia, podemos concluir que ufólogos de opinião antagônica de veriam despojar-se do casulo de sentimento subjetivo e dogmas terrestres e, em imaginário vôo, situar-se interplanetariamente. Desta feita, "em cima do muro", filosófica e imparcialmente poderiam fazer julgamento equidistante.

Este julgamento só é possível devido à vasta casuística brasileira, ímpar no mundo ufológico e que só é possível no Brasil, por causa de dois fatores: a) a ampliação do nosso território; b) a aparente atração dos extraterrestres pelo Brasil.

Entretanto, no atual estágio terrestre torna-se impossível tal vôo espacial, a não ser para alguns privilegiados astronautas, estes assim mesmo subjugados às severas leis da segurança nacional e do silêncio. Sendo assim, só nos resta - em referência ao assunto extraterrestre - estudar a filosofia dos próprios extraterrestres e compará-la com a real filosofia terrestre. Foi o que fez, e continua fazendo, a SBEDV, em favor do estudo de, aproximadamente, 62 casos de contato de ufonauta com testemunho terrestre; isto, em 28 anos, entre 1956 e 1984.

O conhecido "expert" ufológico, Dr. Hynek, não tomou assento "em cima do muro". Ao contrário, tem posição subjetiva e assim recusa-se a dar crédito a casos relatados nos quais os ufonautas tenham demonstrado tendência amistosa na abordagem da testemunha, às vezes, repetida.

Aliás, essas testemunhas de casos de contatos repetidos são freqüentemente hostilizadas por aqueles que se orientam pelo Dr. Hynek. Dentre essas hostilizações

podemos citar a que ocorreu ao prof. Freitas Guimarães. Como sabemos, o professor tornou pública a preocupação dos extraterrestres em relação ao envolvimento terrestre na transformação dos átomos, conforme acontece nos reatores (26, 27).

Os ufonautas têm criticado os terrestres por essa transformação dos átomos ser contrária aos desígnios da própria natureza. É ainda, por tal procedimento oferecer grandes perigos à humanidade terrestre.

As testemunhas Dino Kraspedon, Antônio Rossi e mais tarde Artur Berlet (28) também confirmam essa preocupação dos ufonautas. A testemunha Berlet, apesar de ter sofrido seqüestro pela mão dos ufonautas, devido às concepções filosóficas que ouviu da boca dos seus captadores convenceu-se de que eles estavam corretos em relação à sua crítica ao comportamento da humanidade. Berlet admitiu ter errado no seu parecer inicial a respeito dos ufonautas.

Todavia, a maioria dos ufólogos, vinte ou trinta anos após o caso de Berlet e de outros relatos semelhantes, ainda ignoram esse assunto; ou o negam, simplesmente.

Infelizmente, percorridos 28 anos de advertências dos ufonautas de Freitas Guimarães, temos que admitir que os espaciais estavam corretos, quando de perto começavam a vigiar a Terra na desabalada carreira desta no desenvolvimento das "bombinhas" A e H.

Aliás, a respeito de toda essa situação terrestre, conceituada organização filosófica européia (33), sobre "os temporais acontecimentos essenciais de 10 a 15 de outubro de 1984" diz o seguinte:

"Será que é tarde demais? - é a pergunta feita por milhões de pessoas do nosso Globo terrestre.

lância extraterrestre, o baiano Hélio Aguiar há cerca de 26 anos (24-4-59) tirou quatro fotos do disco voador que lhe sobrevoou, em cambalhota (29). Durante o episódio, Hélio transmitiu a advertência (telepática) extraterrestre que "...as explosões atômicas ameaçariam o equilíbrio do Universo..." e que os extraterrestres... estavam vigiando...- prontos a intervir (na Terra)... -".

Outra chamada que os ufólogos deviam compilar nos chegou recentemente de Chapecó, Santa Catarina (30). Trata-se do caso da testemunha Antônio Nelso Tasca, relatado com detalhes em capítulo separado. Lá, uma mulher extraterrestre, dizendo-se originária de mundo por ela designado de "AGALI", pediu a Tasca para que transmitisse, entre outros, o seguinte aos concidadãos terrestres- "...além (de) apavorante e mortífera devastação (a ser sofrida pela Terra em holocausto atômico) a Terra (seria colocada) fora de sua rota celeste e causará graves distúrbios à vida de mundos vizinhos, alguns em dimensões que o homem terrestre, ainda desconhece...".

Acreditamos outrossim, ser lógico o procedimento dos extraterrestres em relação aos terrestres. Quem não se preocuparia caso uma residência parelha à sua estivesse ameaçada de explodir?

Entendemos plenamente esse posicionamento dos extraterrestres, quando em mutirão intergaláctico gente de outros planetas comecem a vigiar a Terra. E isto, dia e noite, na terra, no ar, no mar e abaixo deste.

Em vista dos distúrbios a serem causados pela Terra a mundos planetários vizinhos, achamos compreensível a vigília dos extraterrestres. Conforme expressa-se no nosso ufólogo mineiro - "...os extraterrestres (também) de maneira súbita e sorrateira se aproximam de transeuntes isolados em noites escuras...!!".

Aliás, foi o reverendo Loomer, da Divinity Schole, de Bukley, Califórnia (35), quem vaticinou a possibilidade de encontrarmos no Espaço uma civilização tão mais avançada sobre nós conforme julgamo-nos em relação ao nosso cão.

Dentro da possibilidade do reverendo, como hipótese, comentamos o caso de Rivalino Mafra, ocorrido em Beribery, Diamantina - (34). Rivalino, seqüestrado por duas bolas rodopiantes, da soleira de seu casebre, foi o único dos seqüestrados que não fora trazido de volta. Quem sabe, agora, poderia Rivalino achar-se exposto por esse tipo de civilização em "jardim da fauna interplanetária".

E aí, na seção determinada à fauna terrestre, imaginamos ter ficado Rivalino Mafra incluído na seção do ser "inteligente", o homem terrestre, fadado a desaparecer, por ter entrado em processo degenerativo, levando atualmente rapidamente seu próprio meio ambiente, a natureza terrestre, à exaustão e destruição. Ainda degladiando-se cada vez mais ferozmente grupos de indivíduos, chamados nações, de maneira a recomendar-se recolher espécimen para museu enquanto existirem indivíduos vivos desta espécie condenada à extinção.

Uns perguntam pelo medo de uma colisão das superpotências, já que tal colisão vem parecendo inevitável a muitos. Outros, questionam devido ao ataque inescrupuloso, por parte do homem ao qual a natureza é exposta. Felizmente, a respeito da mãe natureza, podemos dizer que, até agora, tem sempre estado disposta a auto-reparar-se destas agressões. Todavia, teme-se que, em função de tais agressões, resulte no futuro uma verdadeira situação catastrófica para a humanidade, quando for posta em risco a sua subsistência....."

"Assim, aflora-nos a questão se já não está perdida toda a oportunidade de colocar-se um freio neste processo destrutivo. Perguntamos, também, se a humanidade terrestre ainda consegue retardar tal processo pela modificação do nosso "módulo do pacto social".

"Não está em questão apenas a morte das florestas (na Europa). A difusão do processo de destruição vem apoderando-se da totalidade do Globo, e assim ameaçando a existência da humanidade. Podemos verificar isso, observando a poluição das águas, as modificações climáticas aberrantes, o aumento do número de terremotos e a reativação de vulcões em numerosas localidades."

"Ainda dentro do assunto natureza, pesquisas científicas recentes mostram que metade do solo da superfície terrestre está ameaçado por erosão. Assim, futuramente, coloca-se em risco a manutenção do atual volume de alimentos produzidos. E, no momento, esta erosão se traduz pela fome grassando no continente africano e, também, pela elevação geral dos preços dos gêneros alimentícios. Assim, pode-se prever que, no fim dos séculos, com o grande aumento do povo terrestre (SBEDV: Importa em mais de bilhão até o fim do sé

culo) o nosso solo cultivável terá diminuído em 32%... afora uma deteriorização da qualidade dos alimentos obtidos..." (Fim da citação).

Obs. da SBEDV: Certamente, o "módulo do pacto social" dos extraterrestres não deverá orientar-se pelo módulo da "Real politik" da nossa "Sociedade de Consumo" terrestre, com fama má de egoísta, materialista e destrutiva.

Os extraterrestres não têm culpa nenhuma desta situação tenebrosa terrestre. Pelo contrário, os extraterrestres têm nos enviado conselhos e advertências, periodicamente. Eles vêm procurando demonstrar à Terra a experiência da vida que levam: não usam o dinheiro, não fazem guerras, não competem entre si, etc... Como resultado palpável, têm uma vida muito superior à terrestre (cheia de competições e guerras).

George Adamski informa que os extraterrestres, para evitar a corrida materialista, não usavam a moeda em seus mundos. Tal uso era desnecessário devido ao fato de todos trabalharem para o bem comum.

Infelizmente, como sabemos, Adamski tornou-se a figura mais vilipendiada pela política terrestre. Provavelmente, porque os líderes terrestres, ou não quiseram perder seus monopólios ou por possuírem concepção tão arrogante e orgulhosa, geo-antropocêntrica, que por paranoia vaidosa, preferiram ignorar as benfeitorias oferecidas pelos extraterrestres.

Informou ainda que os extraterrestres dispunham de fontes energéticas gratuitas, cósmicas e inesgotáveis. É mais, que eles estavam dispostos a revelar tais fontes, caso participássemos e aceitássemos outros desinteressados conselhos dos extraterrestres.

Ainda dentro do assunto vigi

- 1 - Bol. da SBEDV nº 11, set./1959, págs. 5,6.
- 2 - Bol. da SBEDV nº 4, págs. 2,3,4.
- 3 - "Num Disco Voador Visitei Outro Planeta" - A. Rossi - Editora Nova Era Ltda. - São Paulo-1957, reimprimido pela Editora Freitas Bastos.
- 4 - "Contato com Os Discos Voadores" - Dino Kraspedon (pseud. de A. Felix) - São Paulo - 1957.
- 5 - "Discos Voadores, seu enigma e sua explicação" - Desmond Leslie e George Adamski - Edit. Globo - 1957 (tít. orig. ingl.: "Flying Saucers have landed - Neville Spearman - 1953 ou, Futura Publications Ltd. - 1977).
- 6 - "Inside the Spacecrafts" - George Adamski - Edit. Abelard Schuman 1955, ou "Inside the Flying Saucers" - Paperback Library nº 53-428, Park Avenue South 260 New York (N.Y.) 10010 - USA.
- 7 - "Flying Saucers farewell" - George Adamski - Abelard Schuman - 1961 - New York - 1961 ou, "Behind the Flying Saucers" - Paperback Library Inc. nº 53-439 New York - 1967.
- 8 - Bol. da SBEDV (Especial) - 1975, págs. 27-63.
- 9 - Idem - nºs. 94/98, págs. 7-21.
- 10 - Idem - nºs. 99/103, págs. 2-8.
- 11 - Idem - nºs. 104/111, págs. 11-12.
- 12 - Idem - nºs. 112/115, págs. 21-23.
- 13 - Idem - nºs. 116/120, págs. 6-18.
- 14 - Idem - nºs. 121/125, págs. 20-42.
- 15 - Idem - nºs. 126/128, págs. 34-36.
- 16 - Idem - nºs. 129/131, págs. 19-23.
- 17 - Idem - nºs. 132/135, págs. 28-58.
- 18 - Idem - nºs. 136/145, págs. 10-14.
- 19 - Idem - nºs. 155/157, págs. 13-23.
- 20 - Idem - nºs. 62/65, págs. 36-40 (caso da "Baleia").
- 21 - Idem - nº 94/98, pag. 7-21 (caso de Bebedouro).
- 21-A - Idem - nºs. 104/111, pag. 10 (caso de Bebedouro).
- 21-B - Idem - nºs. 62/65, págs. 45-51 (padronis. da pesquisa).
- 22 - Idem - nºs. 48/50, págs. 3-6 (caso de "Sagrada Família").
- 23 - Idem - nºs. 51/53, págs. 3-9 (caso de "Sagrada Família").
- 23-A - Idem - nºs. 55/59, pag. 12 (caso de "Sagrada Família").
- 24 - Idem - nºs. 62/65, págs. 40-46 (caso de "Sagrada Família").
- 24-A - Idem - nºs. 74/79, pag. 9 (caso da "Vila Operária").
- 25 - Jornal do Brasil - Rio - 4/8/84, (coluna do Zózimo).
- 26 - Bol. da SBEDV nº 4, págs. 2-4.
- 27 - Idem - nºs. 22/23, págs. 5,6.
- 28 - "Os Discos Voadores, da Utopia à Realidade" (Narrativa de real viagem a outro planeta) - Artur Berlet - 1ª ed. SBEDV - 1967. 2ª ed. Edit. e Gráfica "A Região"-Av. 7 de Set. nº 1737, Sarandi (CEP-99.560) - (Rio Grande do Sul) - Brasil. Ed. alemã: "Im Raumschiff von Planet zu Planet" Ventla - Postfach 17.185 - 62 Wiesbaden-Schierstein 13 - Alemanha, 1972. Ed. finlandesa: "Avaruuslaivalla Planeetalta Planeetalle" - Kustannus Oy Jaanes, Helsinki, 1973.
- 29 - Revista "O Cruzeiro" - Rio - 13/6/59.
- 30 - "O Estado" - Florianópolis (SC) - 18/12/83 - Reportagem de Marcos Bedin: "Uma Advertência".

- 31 - Bol. da SBEDV nºs. 26/27 - ed. junho/1962, págs. 7-9.
- 32 - Idem - nºs. 90/93, págs. 5-29.
- 33 - "Die Kommenden", - Das Wesentliche im Zeitgeschehen - 10-15 de
ot./1984 - Schaffhausen - Suíça.
- 34 - Bol. da SBEDV nº 30, págs. 8-11.
- 35 - Time M., 24 de jan./1969 - "Challenge of the Heavens".

Aswer:

CIPEX-Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica
Caixa Postal: 24.555 - Agência Uberaba - Curitiba
Paraná - Brasil- Cep. 81.570-971
e.mail: cipexbr@yahoo.com

The Bull. features 3 cases of extraterrestrial contacts. Case n^o 1 describes a recent abduction of Antônio Carlos Ferreira, a timid handworker, nearly completely illiterate, living in a town of the hinterland of the Brazilian state of São Paulo. Antônio's case has been studied by a couple of high school teachers and two sons, living at Antônio's town. Along the last 5 years Antônio has been abducted several times, once or twice when UFO activity had been intense over said town and neighbourhood and watched by large circles of population. Once or twice during landings the descending lights had been seen by other people and afterwards, structures of steel in the neighbourhood of the landing site of construction of a new factory showed magnetic readings of 5 Gauss, when other steel structure arriving later at site and after the landing showed no magnetism at all.

At his last two trips into space, Antônio apparently has been taken up to an extraterrestrial base on our moon and this seems interesting, since NASA steadfast has denied to know about any extraterrestrial activity there (when otherwise author Fred Steckling discovered extraterrestrial activity on the photographs which NASA has taken on our satellite).

The discoveries about Antônio's case, as published by the research personal, high school teacher Ney Matiel Pires are under the protection of "copyrights-1984" since they are meant for a book.

Case n^o 2, also one of extraterrestrial abduction, has been taken place at the southern Brazilian town of Chapecó. Antônio Nelso Tasca, a realstate broker got abducted at appr. 8 P.M. and returned the next morning at about 6 A.M. Tasca had a friendly meeting with a lady that called herself Cabala (the exchange had been taken place by thought transmission) asking Tasca to deliver until to the end of his life an urgent message to all mankind. Among other it said that mankind should stop slavery by neocolonialism, manhandling and mis-handling genetics by fooling around with genes. In case that mankind would be able to avoid (final) atomic holocaust, a new and promising stage of mankind's evolution could get started, also with a helping hand by extraterrestrials. In case of Earth's destruction by atomic war, its neighbour-planets would get endangered also in a way mankind is not expecting yet.

Contact case n^o 3 took place inside a house of a country town of the Brazilian state of Minas Gerais.

Proceeded by a strange gadget which opened the door and disconnected the television wiring from the wall, a couple of extraterrestrials with their child entered the house and showed the witness, a male youth, the landed Flying Saucer near the parlor of the house. When a neighbour woman inexpectantly made a call at said house, the extraterrestrials showed the astonishing ability to turn invisible instantaneously and reappear later.

In a final chapter of the Bulletin one tackles with the increasing difficulties arising for mankind, and those didn't result by extraterrestrial interference but by earthern mankind's own insanity. Therefore, when extraterrestrial forces are concerned in their own security, endangered by Earth's paranoia, one wonders about Earth's fuss and uproar when at the present stage "Big Brother of Space" is watching us....